



Mabel Cook Cole

CONTOS FANTÁSTICOS FILIPINOS

*Tinguian, Igorot, Moro,
povos de Mindanau
e cristianizados*

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

***poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir
a um novo nível."***

eLivros.love

Converted by [convertEPub](#)

Mabel Cook Cole

Contos Fantásticos Filipinos,

Tinguian, Igorot, Moro, povos de Mindanau e cristianizados

Tradução

Niél Sàlim

Vinicius Keller

Copyright da tradução © 2024 **by** Niél Sàlim e Vinicius Keller.
Copyright da edição © 2024 **by** Laboralivros e Selo Bururu.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.601 de 19.02.1998.
Nenhuma parte deste livro pode ser usada ou reproduzida sem autorização,
por escrit, da editora, assim como utilizada sob hipótese alguma para fins de
treinamento de tecnologias ou sistemas de Inteligência Artificial.

Autora

Mabel Cook Cole

Edição

Lua Bueno Cyríaco

Tradução

Niél Sàlim e Vinicius Keller

Notas

Todas as notas são da autora, excetuando algumas
feitas pelos tradutores e identificadas ao final como (N. do T.)

Revisão

Crusoé de Oliveira

Diagramação

Niél Sàlim

Projeto gráfico

Lua Bueno Cyríaco e Niél Sàlim

Capa

Lua Bueno Cyríaco (com ilustração de Amelia Pessoa)

689c Cole, Mabel Cook, 1880-1977
Contos fantásticos filipinos :; Igorot, Moro, povos de Mindanau e
cristianizados / Tradução de Niél Sàlim e Vinicius Keller; [capa: Lua
Bueno Cyríaco e Amelia Pessoa]. – São José dos Pinhais: BuruRu,
2024.

ISBN 978-65-85806-27-5.

1. Folclore – Filipinas. 2. Contos. I. Sàlim, Niél. II. Keller, Vinicius. III. Cyríaco, Lua Bueno. IV. Pessoa, Amelia. V. Título.

CDD 398

Catálogo elaborada por Márcio F. O. Vasques – CRB-8/10292



editora.laboralivros.com
contato@laboralivros.com

Curitiba
Paraná
Primavera
2024

SUMÁRIO

Apresentação

Prefácio

Aponibolinayen e o Sol

Aponibolinayen

Gawigawen de Adasen

***A história de Gaygayoma que vive
no céu***

A história de Dumalawi

A história de Kanag

A história dos tikgi

A história de Sayen
O Sol e a Lua
Como os aprenderam a plantar
Magsawi
A árvore com miçangas de ágata
O cobertor listrado
A alan e os caçadores
O homem e as alan
Sogsogot
Presentes por engano
O menino que virou uma pedra
A tartaruga e o lagarto
O homem com os cocos
O carabao e a concha
A fruta do jacaré
Dogedog
A criação
A história da enchente
Lumawig na Terra
Como a primeira cabeça foi tirada

A águia-serpente
Os homens tatuados
Tilin, o pássaro de arroz
Como a lua e as estrelas vieram a
existir

A história da enchente
Magbanga
Como as crianças viraram macacos
Bulanawan e Aguio

Origem
Lumabet
A história da criação
No começo

Os filhos dos limokon
O Sol e a Lua
O filho da viúva
O mito de Mindanau
A história de Bantugan
O macaco e a tartaruga
O pobre pescador e sua esposa

O presidente que tinha chifres
A história de um macaco
A abóbora branca
A história da criação
A história de Benito
As aventuras de Juan
Juan coleta goiabas
O Sol e a Lua
O primeiro macaco
A virtude do coco
Mansumandig
Por que os cachorros abanam suas
caudas
O falcão e a galinha
A aranha e a mosca
A batalha dos caranguejos

Notas

Agradecimentos

APRESENTAÇÃO

A cultura asiática tem ganhado cada vez mais espaço na cultura popular ocidental, um movimento de muitos anos, mas que se ampliou muito no século XXI. Porém, o que sabemos de “cultura asiática” ainda se concentra no Japão, na China e, mais recentemente, na Coreia. No entanto, a Ásia é formada atualmente por mais de 49 países, com mais de 2 mil etnias e cerca de 2.300 idiomas. Certamente, ainda há muitas e muitas narrativas fantásticas a serem contadas aqui no Ocidente...

As Filipinas têm uma história rica e complexa, marcada pela fusão de culturas nativas e influências estrangeiras, o que resulta em uma diversidade cultural única. Localizado no Sudeste Asiático, o país é formado por mais de 7 mil ilhas, onde habitam diversos grupos étnicos, cada um com sua própria língua e tradições.

A cultura filipina reflete o legado das civilizações austronésias nativas, combinado com mais de 300 anos de colonização espanhola, além de influências chinesas, indianas, americanas e árabes. A chegada dos espanhóis no século XVI introduziu o catolicismo, moldando

profundamente a sociedade filipina; entretanto, muitos elementos das antigas religiões animistas e crenças locais persistiram e se integraram aos novos costumes.

Mabel Cook Cole escreveu seu livro *Philippine Folk Tales*, em 1916, durante um período em que os EUA exerciam controle colonial sobre as Filipinas, após a vitória sobre a Espanha na Guerra Hispano-Americana de 1898. Esse período foi marcado por intensas transformações sociais e políticas, enquanto os EUA tentavam implantar sistemas de educação e administração baseados em seu próprio modelo, buscando “modernizar” o país e ocidentalizar parte de sua cultura.

No entanto, estudiosos como Cole se interessaram em preservar e documentar as tradições filipinas, que refletiam séculos de mitos e lendas. Cole registrou contos de diversas etnias, visando proteger essas tradições da erosão cultural trazida pela dominação estrangeira. Esse trabalho tem valor inestimável, pois captura o imaginário filipino da época e valoriza suas vozes locais, apesar do contexto colonial.

Sendo um texto escrito há mais de 100 anos, de forma geral, isso não diminui o trabalho da pesquisadora enquanto preservação cultural. Dito isso, é bom ressaltar que, quando a autora se refere aos “tempos atuais”, está se referindo àquela época, mais de 100 anos no passado.

Certamente, de lá até aqui muita coisa mudou, mas o mais importante permanece: o registro mais antigo possível (e, por isso, o mais próximo do originário) dessas narrativas e suas culturas, que agora podem ser acessadas pela primeira vez por leitores de língua portuguesa.

Lua Bueno Cyríaco

PREFÁCIO

De tempos em tempos, desde a ocupação americana das ilhas, contos folclóricos filipinos têm aparecido em publicações científicas, mas nunca, até onde a autora sabe, foi feita uma tentativa de oferecer ao público geral uma coleção popular compreensiva desse material. É minha esperança mais sincera que esta coleção de contos dê àqueles interessados a oportunidade de aprender algo com a magia, superstições e costumes dos Filipinos, e sentir o charme do seu mundo fantástico conforme é retratado por esses habitantes das Ilhas sob nossa posse.

Acompanhada pelo meu marido, que estava engajado em trabalhos etnológicos pelo Museu Field de História Natural, tive a boa sorte de passar quatro anos dentre os povos originários das Filipinas. Durante esse período ouvimos essas histórias com frequência, seja contadas pelas pessoas em suas casas e ao redor de fogueiras, ou entoadas pelos sacerdotes pagãos em comunhão com os espíritos. Os contos estão agora publicados neste pequeno volume, com a adição de algumas lendas folclóricas que apareceram no *Jornal de Folclore Americano* e em

publicações científicas, recontadas aqui com algumas adições feitas por contadores de histórias nativos.

Eu procurei selecionar histórias típicas de povos geograficamente separados e com culturas que variam em seus desenvolvimentos. Portanto, os contos estão divididos em cinco grupos, respectivamente: Igorot, Povos de Mindanau (Bukidnon, Bagobo, Bilaan, Mandaya e Subanun), Moro e Povos cristianizados (Ilocano, Tagalog e Visayan).

Os primeiros dois grupos, e Igorot, são de nativos que habitam a região montanhosa escarpada do noroeste de Luzon. Eles têm sido caçadores de cabeças fervorosos desde tempos imemoriais, e as histórias abundam com referências aos costumes e superstições associados a suas práticas. A grande maioria pertence ao grupo. Para apreciar essas narrativas da melhor maneira, precisamos entender o ponto de vista dos. Eles incorporam todas as tradições conhecidas dos “primeiros tempos” — do povo que habitou essa terra antes da aparição dos grupos atuais, dos antigos heróis e seus poderes e conquistas. Nestes eles encontram explicações e razões para muitos de suas leis e costumes atuais.

Um estudo cuidadoso de toda a mitologia aponta para a conclusão de que os personagens principais desses contos não são criaturas celestiais, mas sim heróis de tempos antigos, cujos feitos foram magnificados pelas contagens de muitas gerações de seus descendentes. Esse povo dos “primeiros tempos” praticava magia. Eles conversavam com jarros, criavam seres humanos de nozes de areca, conjuravam os mortos, e tinham o poder de assumir formas diferentes de suas próprias. Contudo, isso não parece estranho aos de hoje, pois ainda conversam com jarros, fazem rituais para trazer doença e morte a seus inimigos, e recebem avisos de presságios advindos de pássaros, trovões e relâmpagos, ou a condição do fígado de um animal abatido. Eles ainda

conversam livremente com os espíritos, pois acreditam que esses são capazes de possuir os corpos de homens e mulheres durante cerimônias religiosas com o intuito de dar conselhos e ensinar o povo.

Diversas das personagens aparecem em história após história. Algumas vezes aparecem sob nomes diferentes, mas suas personalidades e relacionamentos são definitivamente estabelecidos nas mentes dos contadores de histórias. E assim, Ini-init do primeiro conto se torna Kadayadawan no segundo, Aponitolau no terceiro, quarto, quinto e sexto, e Ligi no sétimo. Kanag, filho de Aponitolau e Aponibolinayen, no quinto conto se chama Dumalawi.

Esses heróis tinham relacionamentos incomuns com os corpos celestiais, que parecem ter sido considerados como seres animados. No quarto conto, Aponitolau se casa com Gaygayoma, a donzela estrela que é filha da grande estrela e da lua. Na primeira história, o mesmo personagem sob o nome de Ini-init parece ser um deus do sol: nos contam que ele é “o sol”, e dizem também que ele é “uma pedra redonda que rola”. Portanto, podemos concluir que ele é um verdadeiro ser solar; entretanto, nos outros contos desta coleção e em muitos mais conhecidos aos, ele não revela nenhuma outra qualidade celestial. Mesmo na primeira história, ele abandona seu lugar no céu e vai viver na Terra.

Nas primeiras oito histórias lemos sobre os muitos costumes dos “primeiros tempos”, que são radicalmente diferentes dos costumes do presente. Porém, uma análise cuidadosa de todo o conhecimento desse povo aponta para a crença que muitas dessas histórias retratam um período no qual costumes semelhantes existiram de fato entre o povo, ou eram praticados por imigrantes que haviam se amalgamado com os gerações atrás e cujos estranhos costumes finalmente haviam sido

atribuídos ao povo das histórias. Os contos de número nove ao dezesseis são de um tipo um pouco diferente, e neles os encontram uma explicação para muitas coisas; retratando, por exemplo, como as pessoas aprenderam a plantar, curar doenças, onde deveriam guardar seus valiosos jarros e miçangas, e por que a lua possui marcas em sua face. Eles acreditam totalmente em todas essas histórias, as miçangas e os jarros são considerados preciosos, e os lugares mencionados são definitivamente conhecidos. Embora os relatos pareçam ser de origem relativamente recente, eles não entram em conflito nem com as ideias e tradições fundamentais dos “primeiros tempos”, nem com as crenças de hoje.

Os contos dezessete ao vinte e três são considerados como fábulas e contados para divertir as crianças ou passar as horas da tarde quando as pessoas buscam lugares com sombra para repousar ou parar no meio da trilha para descansar. Muitas delas são conhecidas pelos povos cristianizados pelas ilhas e mostram grande semelhança às histórias contadas nas ilhas ao sul e, em alguns casos, na Europa. Em muitas delas, os incidentes principais são idênticos aos que se encontram em outras fontes. Entretanto, os contadores de histórias conseguiram moldá-las, introduzindo antigos costumes e crenças, de forma que elas agora refletem as ideias comuns dos.

O terceiro grupo inclui histórias de diversas etnias originárias que vivem na grande ilha de Mindanau. Aqui há pessoas que trabalham com o bronze e o aço, constroem boas casas, e vestem roupas de linho elaboradamente decoradas com miçangas, conchas e bordados; mas que ainda praticam costumes ancestrais como escravidão e o sacrifício humano.

A quarta divisão traz duas histórias dos Moro (robustos guerreiros malaios cujos ancestrais se converteram à fé de Maomé). Seus professores foram os mercadores árabes que, em aproximadamente 1400, conseguiram converter muitos dos habitantes da Malásia para a fé do profeta.

O último grupo contém histórias dos nativos cristianizados — aqueles que aceitaram o governo espanhol e, com ele, a religião católica. Seus contos, embora repletos de cores locais, apesar disso ainda mostram a influência dos tutores europeus. Esses contos apresentam uma excelente oportunidade de contrastar a literatura dos caçadores de cabeças com a literatura dos povos cristãos e dos Moro, nos permitindo observar como as diversas influências recentes modificaram as crenças do povo que, sem dúvidas, possuíam uma cultura uniforme até poucos séculos atrás. É interessante, também, notar que as histórias europeias trazidas para as Ilhas pelos governantes e mercadores cristãos e muçulmanos foram trabalhadas até que, à primeira vista, agora pareçam ser nativas das Ilhas.

Graças à coloração local, essas histórias ainda possuem diversas formas. Ainda assim, encontramos muitos incidentes que são comuns entre todas as etnias do Arquipélago e até mesmo pelo povo de Bornéu, Java, Sumatra e Índia. Algumas dessas similaridades e paralelismos são indicados nas notas de rodapé presentes ao longo do livro.

Mabel Cook Cole

APONIBOLINAYEN E O SOL

Tinguian

Um dia Aponibolinayen e sua cunhada saíram para coletar verduras. Elas caminharam pela floresta até o lugar onde crescia o *siksiklat*, pois as folhas macias dessa videira são muito boas para comer. Subitamente, enquanto procuravam pelos arbustos, Aponibolinayen deu um grito de alegria, pois havia achado a videira, e ela começou a colher as folhas. Entretanto, não importava o quão forte ela puxava, as folhas não se soltavam, e repentinamente a videira havia se enrolado firmemente ao redor do seu corpo, e começou a carregá-la para cima¹.

Ela foi subindo e subindo pelo ar até chegar ao céu, e lá a videira a largou embaixo de uma árvore. Aponibolinayen estava tão surpresa de se encontrar no céu que por um tempo ela apenas se sentou e olhou à sua volta, até ouvir o cantar de um galo, ao que ela se levantou para ver se conseguia encontrá-lo. Não muito longe de onde ela estava sentada, havia um belo manancial cercado por palmeiras de areca cujas copas

eram feitas de ouro puro. As areias do manancial eram miçangas raras, e o lugar onde as mulheres colocavam os jarros quando vinham pegar água era um grande prato dourado. Conforme Aponibolinayen admirava as belezas desse manancial, ela avistou uma pequena casa próxima, e se encheu de medo ao pensar que o dono da casa poderia encontrá-la ali. Ela procurou ao seu redor por algum meio de fugir, e finalmente decidiu escalar o topo de uma das palmeiras de areca e se esconder.

O dono da casa era Ini-init, o Sol, mas ele nunca estava em casa durante o dia, pois era seu dever brilhar no céu e dar luz ao mundo. Ao final do dia, quando a Grande Estrela toma seu lugar no céu para brilhar através da noite, Ini-init volta para sua casa, mas sempre sai novamente de manhã cedo.

De seu lugar no topo da palmeira de areca, Aponi-bolinayen viu o Sol quando ele chegou em casa ao final da tarde, e o viu sair novamente na manhã seguinte. Quando ela teve certeza de que ele estava fora de vista, ela desceu da árvore entrou na casa dele, pois estava faminta. Ela cozinhou arroz, e em uma panela de água fervente ela jogou um graveto que imediatamente se tornou um peixe², de forma que ela tinha tudo que desejava comer. Quando ela não estava mais faminta, deitou-se na cama para dormir.

Então, ao final da tarde, Ini-init voltou de seu trabalho e foi pescar no rio próximo à sua casa, e pegou um peixe grande. Enquanto ele estava sentado na beira do rio, limpando sua pesca, ele olhou para sua casa por acaso e ficou muito assustado ao perceber que ela parecia estar em chamas³. Ele correu para casa, mas quando chegou lá, viu que não estava queimando, e entrou. Em sua cama, ele viu algo que parecia uma grande chama de fogo, porém, ao se aproximar, viu que era uma bela mulher dormindo serenamente.

Ini-init ficou alguns momentos se perguntando o que deveria fazer, e então resolveu cozinhar e convidar essa adorável criatura para jantar com ele. Ele colocou arroz no fogo para ferver e cortou o grande peixe que havia pescado em pedaços. O barulho do preparo dos alimentos acordou Aponibolinayen, e ela se esgueirou para fora da casa e voltou para o topo da palmeira de areca. O Sol não a viu sair, e quando a comida estava pronta, ele chamou por ela, mas viu que a cama estava vazia e ele teve de comer sozinho. Naquela noite, Ini-init não conseguiu dormir bem, pois ficou o tempo todo pensando em quem poderia ser aquela bela mulher. Na manhã seguinte, contudo, ele se levantou conforme o costume e saiu para brilhar no céu, pois era esse seu dever.

Naquele dia Aponibolinayen se esgueirou novamente à casa do Sol e cozinhou, mas quando ela retornou para a palmeira de areca, ela havia deixado arroz e peixe prontos para o Sol quando ele voltasse para casa. Ao final da tarde, Ini-init foi para sua casa, e quando encontrou panelas de arroz quente e peixe sobre o fogo ele ficou muito preocupado. Depois de comer, ele caminhou por um bom tempo sob o ar fresco.

— Talvez isso seja feito pela bela mulher que parece uma chama do fogo — disse ele. — Se ela voltar novamente, eu tentarei pegá-la no ato.

No dia seguinte, o Sol brilhou no céu como antes, e quando a tarde chegou ao final ele chamou para que a Grande Estrela tomasse seu lugar rapidamente, pois ele estava impaciente para chegar em casa. Conforme ele chegou perto de casa, novamente ele viu que ela parecia em chamas. Ele se esgueirou sorrateiramente pela escada, e quando chegou ao topo, deu um pulo para dentro e fechou a porta atrás de si.

Aponibolinayen, que estava cozinhando arroz sobre o fogo, ficou surpresa e com raiva por ser pega; contudo, o Sol a ofereceu nozes de areca⁴ cobertas de ouro, e mascaram juntos e contaram seus nomes um

ao outro. Então Aponibolinayen pegou o arroz e o peixe, e fizeram amizade enquanto comiam juntos e conversavam.

Depois de algum tempo, Aponibolinayen e o Sol se casaram, e toda manhã o Sol ia brilhar no céu, e após voltar para casa ele encontrava sua janta pronta. Ele começou a se preocupar, contudo, em saber de onde vinha a comida, pois embora ele trouxesse para casa um belo peixe todas as noites, Aponibolinayen sempre se recusou a cozinhá-lo.

Uma noite, ele estava observando-a cozinhar a refeição, e viu que, ao invés de usar o belo peixe que ele havia trazido, ela apenas jogava um graveto na panela de água fervente.

— Por que você está tentando cozinhar um graveto? — perguntou Ini-init, surpreso.

— Para termos peixe para comer — respondeu sua esposa.

— Você pode cozinhar esse graveto por um mês inteiro, e ainda assim ele não ficaria macio. — disse Ini-init — Pegue esse peixe que eu pesquei com a rede, pois ele estará bom.

Mas Aponibolinayen apenas riu para ele, e quando eles estavam prontos para comer ela tirou a tampa da panela e havia bastante peixe macio. Nas próximas noites, Aponibolinayen cozinhou o graveto, e Ini-init ficou muito preocupado, pois embora o graveto sempre lhes fornecesse muitos peixes, nunca diminuía de tamanho.

Finalmente ele perguntou a Aponibolinayen porque ela cozinhava o graveto em vez de cozinhar o peixe que ele trazia, e ela disse:

— Você não sabe da mulher da Terra que possui poderes mágicos e pode mudar as coisas?

— Sim — respondeu o Sol — E agora eu sei que você tem muito poder.

— Pois então — disse sua esposa — não pergunte novamente por que eu cozinho o graveto.

E eles comeram a janta de arroz e o peixe que o graveto havia produzido.

Uma noite, não muito após isso, Aponibolinayen disse a seu marido que queria ir com ele na próxima vez que ele fosse iluminar o céu.

— Oh, não, você não pode — disse o Sol — pois é muito quente lá em cima, e você não pode suportar o calor.

— Levaremos muitos cobertores e travesseiros — disse a mulher — e quando o calor estiver demais para suportar, eu me esconderei debaixo deles.

Ini-init implorou a ela para não ir diversas vezes, mas ela insistiu em ir na mesma medida, e bem cedo na manhã seguinte eles saíram, levando consigo muitos cobertores e travesseiros.

Primeiro, eles foram ao Leste, e tão logo eles chegaram, o Sol começou a brilhar, e Aponibolinayen estava com ele. Eles viajaram em direção ao Oeste, mas quando a manhã havia dado lugar ao meio-dia e eles chegaram ao centro do céu, Aponibolinayen estava com tanto calor que havia derretido e virado óleo. Então Ini-init a recolheu em uma garrafa e a enrolou nos cobertores e travesseiros e a derrubou de volta para a Terra.

Enquanto isso, uma das mulheres na cidade natal de Aponibolinayen estava na fonte pegando água quando ouviu algo cair perto dela. Virando para olhar, ela encontrou um pacote de belíssimos cobertores e travesseiros que ela começou a desenrolar, e dentro ela encontrou a mulher mais bonita que ela já havia visto. Amedrontada por sua descoberta, a mulher correu o mais rápido que pôde até sua cidade, onde ela chamou o povo e disse que eles fossem imediatamente para a

fonte. Todos correram para o lugar e lá encontraram Aponibolinayen por quem estavam procurando incessantemente.

— Onde você esteve? — perguntou o pai dela — Procuramos por você em todos os lugares e não a encontramos.

— Eu vim de Pindayan — respondeu Aponibolinayen — Inimigos do nosso povo me mantiveram lá até que eu fugisse enquanto eles dormiam à noite.

Todos se encheram de alegria pela mulher perdida que havia retornado, e decidiram que na próxima lua⁵ eles iriam fazer uma cerimônia para os espíritos⁶ e convidar todos os parentes que estavam de luto por Aponibolinayen.

Então começaram a se preparar para a cerimônia, e enquanto estavam batendo o arroz, Aponibolinayen pediu à sua mãe que espetasse seu mindinho que estava coçando, e conforme ela fez isso um belo bebê brotou do dedo dela. As pessoas ficaram muito surpresas com isso, e perceberam que cada vez que davam banho no bebê ele crescia tão rápido que rapidamente começou a andar. Ficaram ansiosos para saber quem era o marido de Aponibolinayen, mas ela não contava a ninguém, e então decidiram convidar todas as pessoas do mundo para a cerimônia para que não esquecessem do marido dela.

Eles mandaram buscar as nozes de areca cobertas de ouro⁷ e quando as haviam besuntado em óleo, ordenaram que fossem para todas as cidades e convencessem as pessoas a comparecerem à cerimônia.

— Se alguém se recusar a vir, cresçam no joelho dele — disseram as pessoas, e as nozes de areca partiram para fazer como havia sido ordenado.

Conforme os convidados começaram a chegar, o povo observou cuidadosamente para aquele que pudesse ser o marido de

Aponibolinayen, mas ninguém apareceu e eles ficaram muito preocupados. Finalmente, foram à velha mulher, Alokotan, que era capaz de conversar com os espíritos, e imploraram que ela encontrasse a cidade que não havia sido visitada pelas nozes de areca que foram enviadas para convidar as pessoas. Após consultar os espíritos, a velha mulher disse:

— Vocês convidaram a todos menos Ini-init que vive acima. Agora vocês devem enviar uma noz de areca para buscá-lo. Pode ser que ele seja o marido de Aponibolinayen, pois a videira de *siksiklat* a carregou para os céus quando ela foi colher verduras.

Então uma noz de areca foi enviada para convocar Ini-init.

A noz de areca se dirigiu ao Sol, que estava em sua residência, e disse:

— Bom dia, Sol. Eu vim convidá-lo para uma cerimônia que os pais de Aponibolinayen estão fazendo para os espíritos. Se você não quiser ir, eu vou crescer em sua cabeça⁸.

— Pois cresça na minha cabeça — disse o Sol — Eu não quero ir.

Então a noz de areca pulou na cabeça dele e começou a crescer até que ficou tão alta que o Sol não conseguia carregá-la, e ele estava com muita dor.

— Ah, cresça no meu porco — implorou o Sol. Então a noz de areca pulou na cabeça do porco e cresceu, mas era tão pesada que o porco não conseguia carregá-la e começou a guinchar o tempo todo. Finalmente, o Sol percebeu que teria que obedecer ao convite, e disse para a noz de areca:

— Saia do meu porco, e eu irei.

Então Ini-init foi à cerimônia, e assim que Aponi-bolinayen e o bebê o viram, ficaram muito felizes e foram correndo se encontrar com

ele. Então as pessoas souberam que esse era o marido de Aponibolinayen, e esperaram ansiosamente que ele fosse conversar com eles. Conforme ele chegou mais perto, entretanto, eles viram que ele não andava, pois era redondo; e então perceberam que ele não era um homem, mas sim uma enorme pedra. Todos os parentes dela ficaram zangados por ela ter se casado com uma pedra; e insistiram que ela tirasse suas miçangas⁹ e suas boas roupas, pois, disseram eles, ela deveria se vestir em roupas velhas e ir morar com a pedra novamente.

Então Aponibolinayen colocou os trapos que haviam trazido e partiu com a pedra para sua casa. Tão logo chegaram lá, contudo, ele se tornou um homem muito bonito, e eles ficaram muito felizes.

— Em uma lua — disse o Sol — vamos fazer uma cerimônia para os espíritos, e eu vou pagar a seus pais o preço pelo nosso casamento¹⁰.

Isso agradou muito a Aponibolinayen, e eles usaram magia para terem muitos vizinhos que vieram bater o arroz¹¹ para eles e construir uma grande casa para os espíritos¹².

Então eles enviaram nozes de areca untadas de óleo para convidar seus parentes para a cerimônia. O pai de Aponibolinayen não queria ir, mas a noz de areca ameaçou crescer no seu joelho se ele não fosse. Então ele mandou que todas as pessoas da cidade lavassem o cabelo e as roupas, e quando tudo estava pronto eles partiram.

Quando chegaram à cidade ficaram muito surpresos ao descobrir que a grande pedra havia virado um homem, e eles mascaram as nozes mágicas de areca para descobrir quem ele poderia ser. Foi descoberto que ele era o filho de um casal na cidade de Aponibolinayen, e as pessoas festejaram por terem encontrado o filho que consideraram perdido. Deram a ele o nome de Aponitolau, e seus pais pagaram o

preço do casamento por sua esposa a casa dos espíritos cheia nove vezes de jarros valiosos¹³.

Depois de tudo isso, eles dançaram e fizeram festa por uma lua, e quando as pessoas partiram para voltar às suas casas, Ini-init e sua esposa foram com eles para viver na Terra.

APONIBOLINAYEN

Tinguian

A menina mais bonita do mundo era Aponibolinayen de Nalpangan. Muitos jovens homens haviam ido a seu irmão, Aponibalagen, para pedir sua mão em casamento, mas ele havia recusado a todos, pois estava aguardando por alguém que possuísse muito poder. Então aconteceu que a fama da beleza dela havia se espalhado por todo o mundo até atingir a terra de Adasen; e nesse lugar vivia um homem de grande poder chamado Gawigawen.

Gawigawen, que era um homem muito bonito, havia buscado entre todas as meninas bonitas, mas nunca, até ouvir da grande beleza de Aponibolinayen, havia encontrado uma com quem ele tenha desejado se casar. Então ele decidiu que ela seria sua esposa; e implorou a sua mãe que o ajudasse a conquistá-la. Então Dinawagen, a mãe de Gawigawen, pegou seu chapéu que parecia um raio solar e partiu imediatamente para Nalpangan; e quando chegou lá foi cumprimentada por Ebang, a mãe da bela donzela, que começou a preparar comida para eles¹⁴.

Ela colocou a panela sobre o fogo, e quando a água ferveu ela quebrou um graveto e jogou os pedaços na panela, e imediatamente eles viraram peixes. Então ela trouxe basi¹⁵ em um grande jarro, e Dinawagen, contando os entalhes na borda¹⁶, percebeu que o jarro havia sido herdado por nove gerações. Eles comeram e beberam juntos, e depois de terminarem a refeição, Dinawagen contou a Aponibalagen dos desejos de seu filho, e perguntou se estava disposto a permitir que sua irmã se casasse com Gawigawen. Aponibalagen, tendo ouvido falar sobre o grande poder do pretendente, consentiu imediatamente. E Dinawagen partiu para sua casa, deixando um copo de ouro como um presente de noivado¹⁷.

Gawigawen estava esperando na porta de sua casa pelo retorno de sua mãe, e quando ela lhe contou sobre seu sucesso, ele ficou tão feliz que pediu para todos os habitantes da cidade irem com ele no dia seguinte para Nalpangan combinar a quantia que ele deveria pagar por sua noiva.

Agora o povo de Nalpangan queria um alto preço por essa menina que era tão linda, e os homens das duas cidades debateram por um longo tempo antes de chegarem a um acordo. Finalmente, contudo, foi decidido que Gawigawen deveria preencher a casa dos espíritos dezoito vezes com coisas valiosas; e então quando ele havia feito isso, eles se satisfizeram e foram ao jardim onde dançaram e batucaram em gongos de cobre¹⁸. Todas as meninas bonitas dançaram como melhor podiam, e uma que usava grandes jarros ao redor de seu pescoço fez mais barulho do que as outras conforme dançava, e os jarros cantavam “Kitol, kitol, kanitol; inka, inka, inkatol”.

Mas, quando Aponibolinayen, a noiva de Gawigawen, desceu de sua casa para dançar, o sol desapareceu, tão linda era ela; e conforme ela

se movia, o rio subia e descia pela cidade, e os peixes listrados mordiam os calcanhares dela.

Por três meses o povo permaneceu ali, festando e dançando, e então bem cedo em uma manhã levaram Aponibolinayen para sua nova casa em Adasen. A trilha que levava de uma cidade para a outra havia se tornado muito bonita nesse meio tempo: a grama e as árvores brilhavam com luzes, e as águas dos pequenos riachos ofuscavam os olhos com sua claridade, conforme Aponibolinayen vadeava para cruzá-los. Quando chegaram à fonte de Gawigawen, descobriram que ela também estava mais bonita do que jamais esteve antes. Cada grão de areia havia se tornado uma miçanga, e o lugar onde as mulheres colocavam seus jarros para pegar água havia se tornado um grande prato.

Então Aponibalagen disse a seu povo:

— Vão dizer a Gawigawen para trazer um velho, pois eu quero fazer uma fonte para Aponibolinayen.

Então trouxeram um velho e Aponibalagen cortou a sua cabeça e a colocou no chão, de onde começou a verter água brilhante¹⁹. O corpo dele se transformou em uma árvore para fazer sombra para sua irmã quando ela viesse buscar água, e as gotas de sangue se tornaram valiosas miçangas quando tocaram o chão. Mesmoo caminho da casa até a fonte foi coberto com grandes pratos, e tudo se tornou bonito para Aponibolinayen.

Durante todo esse tempo, Aponibolinayen havia mantido seu rosto coberto de forma que nunca havia visto seu marido, pois embora ele fosse um homem muito atraente, uma das meninas bonitas que estava com inveja da noiva havia dito a ela que ele tinha três narizes, e ela estava com medo de olhar para ele.

Depois de todas as pessoas retornarem a suas casas, ela ficou muito infeliz, e quando a sua sogra mandou que ela cozinhasse, ela teve que sentir o caminho com as mãos, pois se recusava a descobrir seu rosto. Finalmente ela se tornou tão triste que decidiu fugir. Uma noite, quando todos estavam dormindo, ela usou poderes mágicos e mudou sua forma para óleo²⁰. Ela então deslizou pelo chão de bambu e fugiu sem ser vista.

Ela caminhou sem parar até chegar ao meio da selva, e então ela encontrou um galo selvagem que perguntou para onde ela estava indo.

— Estou fugindo de meu marido — disse Aponi-bolinayen — pois ele tem três narizes e eu não quero viver com ele.

— Oh — disse o galo — alguma pessoa maluca deve ter lhe contado isso. Não acredite. Gawigawen é um homem muito bonito, eu mesmo o vi diversas vezes quando ele vem aqui para laçar galinhas²¹.

Mas Aponibolinayen não prestou atenção nas palavras do galo, e continuou seu caminho até chegar a uma grande árvore onde estava um macaco, que também perguntou a ela para onde estava indo.

— Estou fugindo de meu marido — respondeu a menina — pois ele tem três narizes e eu não quero viver com ele.

— Oh, não acredite nisso — disse o macaco — Quem te disse isso deve ter pretendido casar-se com ele em seu lugar, pois ele é um homem muito bonito.

Ainda assim, Aponibolinayen seguiu seu caminho até chegar ao oceano, e então, pois ela não podia ir mais além, sentou-se para descansar. Enquanto ela estava sentada se perguntando o que iria fazer, um *carabao*²² apareceu, e pensando que poderia cavalgar por um tempo ela subiu nas costas dele. Tão logo ela fez isso, o animal mergulhou na água e nadou com ela até alcançarem o outro lado do grande oceano.

Lá eles chegaram a uma grande árvore de laranjas, e o *carabao* disse para ela comer algumas das deliciosas frutas enquanto ele se alimentava da grama ao redor. Assim que ele havia deixado a menina, contudo, ele correu diretamente para seu mestre, Kadayadawan, e contou a ele sobre a bela menina.

Kadayadawan ficou deveras interessado e rapidamente untou seu cabelo de óleo e o penteou, vestiu seu casaco listrado²³ e seu cinto, e foi com o *carabao* até o pé de laranja. Aponibolinayen, olhando para baixo de onde estava na árvore, ficou surpresa ao ver um homem vindo ao lado de seu amigo *carabao*, mas quando eles chegaram mais perto, ela começou a falar com ele, e logo fizeram amizade. Não demorou muito para que Kadayadawan tivesse persuadido a menina a se tornar sua esposa, e ele a levou para sua casa. Desde aquele dia, todas as noites a casa dele parece estar em chamas, tamanha é a beleza de sua noiva.

Depois de estarem casados por algum tempo, Kada-yadawan e Aponibolinayen decidiram fazer uma cerimônia para os espíritos, então convocaram as nozes de areca mágicas, as untaram e disseram a elas:

— Vão a todas as cidades e convidem nossos parentes para virem à cerimônia que iremos realizar. Se eles não quiserem vir, cresçam nos joelhos deles até que decidam se juntar a nós.

E então as nozes de areca se espalharam em direções diferentes, e uma foi a Aponibalagen em Nalpangan e disse:

— Kadayadawan está fazendo uma cerimônia para os espíritos, e eu vim convidá-lo para comparecer.

— Não podemos ir — disse Aponibalagen — pois estamos procurando por minha irmã, que está desaparecida.

— Você deve vir — respondeu a noz de areca — ou eu vou crescer no seu joelho.

— Cresça no meu porco — respondeu Aponibalagen; e então a noz de areca foi para as costas do porco e cresceu em uma grande árvore, e se tornou tão pesada que o porco não conseguia carregá-la, e começou a gritar o tempo todo.

Então, Aponibalagen percebeu que deveria obedecer, e disse à noz de areca:

— Saia do meu porco, e podemos ir.

A noz de areca desceu das costas do porco, e o povo partiu em direção à cerimônia. Quando chegaram ao rio, Gawigawen estava lá aguardando para atravessar, pois as nozes de areca mágicas também o haviam forçado a ir. Então Kadayadawan, vendo-os, enviou mais nozes de areca ao rio, e as pessoas foram carregadas pelas nozes.

Tão logo eles chegaram na cidade começou a dança, e enquanto Gawigawen estava dançando com Aponibolinayen ele a pegou e colocou em seu cinto²⁴. Kadayadawan, que viu isso, ficou com tanta raiva que atirou sua lança e matou Gawigawen. Então Aponibolinayen escapou e fugiu para a casa, e seu marido trouxe a vítima de volta à vida, e perguntou por que ele havia roubado a noiva do anfitrião. Gawigawen explicou que ela era sua esposa que havia se perdido, e o povo ficou muito surpreso, pois não haviam reconhecido ela ainda.

Então todo o povo discutiu o que deveria ser feito para trazer a paz entre os dois homens, e foi decidido que Kada-yadawan deveria pagar a ambos Aponibalagen e Gawigawen o preço que havia sido pedido pela bela menina inicialmente.

Depois que isso havia sido feito, todos ficaram felizes; e o espírito guardião de Kadayadawan deu a eles uma casa dourada para morar.

GAWIGAWEN DE ADASEN

Tinguian

Aponibolinayen estava doente com uma dor de cabeça, e estava deitada em uma esteira em sua casa. Subitamente ela se lembrou de uma fruta que havia ouvido falar, mas nunca havia visto, e disse a si mesma:

— Oh, como eu queria que eu tivesse algumas das laranjas de Gawigawen de Adasen.

Aponibolinayen não percebeu que havia dito isso em voz alta, mas Aponitolau, seu marido, deitado na casa dos espíritos do lado de fora, a ouviu falando e perguntou o que ela havia dito. Temendo que ao dizer a verdade, ele arriscaria sua vida tentando conseguir as laranjas para ela, ela disse:

— Eu queria comer *biw*²⁵.

Aponitolau imediatamente se levantou e, pegando um saco, saiu procurar a fruta que ela havia pedido. Quando voltou com o saco cheio de frutas, ela disse:

— Coloque no varal de bambu acima do fogo, e quando minha cabeça estiver melhor, eu comerei.

Então Aponitolau colocou as frutas no varal e voltou para a casa dos espíritos, mas quando Aponibolinayen tentou comer, a fruta fez com que ela ficasse com enjoo, e ela as jogou fora.

— Qual é o problema? — perguntou Aponitolau ao ouvir ela derrubar a fruta.

— Eu só derrubei uma — ela respondeu, voltando para sua esteira.

Depois de um tempo, Aponibolinayen disse novamente:

— Ah, como eu queria algumas das laranjas de Gawigawen de Adasen — e Aponitolau, que havia ouvido ela da casa dos espíritos, perguntou:

— O que você disse?

— Eu queria comer ovas de peixe — respondeu sua esposa; pois ela não queria que ele soubesse a verdade.

Então Aponitolau pegou sua rede de pesca e foi ao rio, determinado a agradar sua esposa o quanto possível. Quando ele havia pegado um belo peixe, ele o abriu com sua faca e tirou as ovas. Então ele cuspiu no lugar que ele havia cortado, o corte se curou e o peixe nadou para longe.

Feliz que havia conseguido satisfazer os desejos de sua esposa, ele se apressou para casa com as ovas; e enquanto sua esposa estava assando as ovas sobre o fogo, ele voltou para a casa dos espíritos. Ela tentou comer, mas as ovas não tinham gosto bom para ela, e ela as jogou para os cachorros.

— Qual é o problema? — perguntou Aponitolau — Por que os cachorros estão latindo?

— Eu derrubei algumas das ovas — respondeu sua esposa, e ela voltou para sua esteira.

Mais uma vez ela disse:

— Eu queria ter algumas das laranjas de Gawigawen de Adasen.

Mas quando seu marido perguntou o que é que ela desejava, ela respondeu:

— Eu quero comer o fígado de um cervo.

Então Aponitolau foi com os cães para as montanhas, onde eles caçaram até capturar um cervo, e quando haviam cortado fora o fígado ele cuspiu no ferimento que se curou, permitindo que o cervo fugisse.

Mas Aponibolinayen não podia comer o fígado assim como não podia comer as frutas ou as ovas de peixe; e quando Aponitolau ouviu os cães latindo, ele soube que ela havia jogado o fígado fora. Então ele começou a suspeitar, e transformando-se em uma centopeia, escondeu-se em uma ranhura do chão. Quando sua esposa desejou novamente pelas laranjas, ele a ouviu.

— Por que você não me contou a verdade, Aponi-bolinayen? — perguntou ele.

— Porque — respondeu ela — ninguém que tenha ido a Adasen jamais voltou, e eu não queria que você arriscasse sua vida.

Não obstante, Aponitolau estava decidido a ir buscar as laranjas, e mandou que sua esposa lhe trouxesse palha de arroz. Após queimar a palha, ele colocou as cinzas na água com a qual lavou seu cabelo²⁶. Então ela trouxe óleo de cacau e esfregou no cabelo dele, e trouxe uma tanga escura, um cinto decorado, e uma bandana, e ela assou bolos para ele levar na jornada. Aponitolau cortou uma videira²⁷ que ele plantou perto do fogão²⁸ e disse à sua esposa que se as folhas murchassem ela saberia que ele estava morto. Então ele pegou sua lança e seu machado²⁹ e começou a longa jornada.

Quando Aponitolau chegou no poço de uma gigante, todas as palmeiras de areca se curvaram diante dele. Então a gigante gritou e todo o mundo tremeu. “Que estranho”, pensou Aponitolau, “que todo o mundo treme quando essa mulher grita”. Mas ele continuou em seu caminho sem parar.

Quando ele passou pela residência da velha mulher Alokotan, ela enviou seu cachorrinho para morder a perna de Aponitolau.

— Não prossiga — disse a velha mulher — pois a má sorte lhe aguarda. Se você prosseguir, jamais voltará para sua casa.

Mas Aponitolau não deu ouvidos à velha mulher, e ao seguir seu caminho logo chegou à casa do relâmpago.

— Aonde você está indo? — perguntou o relâmpago.

— Estou indo pegar laranjas de Gawigawen de Adasen — respondeu Aponitolau.

— Vá ficar em pé naquela rocha alta para que eu possa ver qual é sua sina, — comandou o relâmpago.

Então ele ficou em pé na rocha alta, mas quando o relâmpago brilhou em seu clarão, Aponitolau desviou.

— Não vá — disse o relâmpago — pois você tem uma sina muito ruim, e você jamais voltará para sua casa.

E ainda assim Aponitolau não deu ouvidos.

Logo ele chegou à residência de Silit, o trovão³⁰, que também perguntou:

— Aonde você está indo, Aponitolau?

— Estou indo buscar laranjas de Gawigawen de Adasen — respondeu ele.

Então o trovão comandou:

— Vá ficar em pé naquela pedra alta para que eu possa ver se você tem uma boa sina.

Ele ficou em pé na pedra, e quando o trovão fez um barulho alto, ele pulou. E então Silit o aconselhou a não prosseguir.

Apesar de todos os avisos, Aponitolau continuou em sua jornada, e ao chegar no oceano ele usou seu poder mágico, de forma que ao pisar em seu machado, ele velejou para longe, o carregando consigo para o outro lado do mar. Então, após uma curta caminhada, ele chegou a uma fonte onde mulheres estavam pegando água, e perguntou que fonte era aquela.

— Essa é a fonte de Gawigawen de Adasen — responderam as mulheres — E quem é você que se atreve a vir até aqui?

Sem responder ele foi em direção à cidade, mas descobriu que não poderia entrar, pois era cercada por um barranco que chegava quase até o céu.

Enquanto ele estava de cabeça baixa, pensando no que fazer, a chefe das aranhas apareceu e perguntou por que ele estava tão entristecido.

— Estou triste — respondeu Aponitolau — porque eu não consigo escalar esse barranco.

Então a aranha foi até o topo e teceu um fio³¹, e assim Aponitolau conseguiu subir até a cidade.

Gawigawen estava dormindo em sua casa dos espíritos, e quando acordou viu Aponitolau sentado próximo a ele, ficou surpreso e correu para casa para buscar sua lança e seu machado, mas Aponitolau o chamou e disse:

— Bom dia, primo Gawigawen. Não fique raivoso; eu vim apenas para comprar algumas de suas laranjas para dar à minha esposa.

Então Gawigawen o convidou para entrar em casa e lhe ofereceu um *carabao* inteiro para comer, e ele disse:

— Se você não conseguir comer todo o *carabao*, você não pode levar laranjas para sua esposa.

Aponitolau ficou muito triste, pois sabia que não ia conseguir comer toda a carne, mas bem nesse momento o chefe das formigas e das moscas veio até ele e perguntou qual era o problema. Assim que ficou sabendo, o chefe chamou todas as formigas e moscas e elas comeram todo o *carabao*. Aponitolau, muito aliviado, foi então a Gawigawen e disse:

— Terminei de comer a comida que você me trouxe.

Gawigawen ficou muito surpreso ao ouvir isso, e levando-o ao local onde as laranjas cresciam, disse a Aponitolau que podia escalar a árvore e pegar tantas quanto quisesse.

Assim que estava prestes a subir na árvore, Aponitolau percebeu que os galhos eram facas afiadas, então subiu o mais cuidadosamente que pôde. Não obstante, quando ele havia colhido duas laranjas, ele pisou em uma das facas e se cortou. Ele rapidamente prendeu as frutas à sua lança, e imediatamente atirou-a e ela voou direto para sua cidade e sua casa.

Aponibolinayen estava descendo a escada de bambu de sua casa quando ouviu algo cair no chão. Ao procurar o que era, encontrou as laranjas de Adasen. Ela comeu as frutas com muito gosto, feliz que seu marido havia sido capaz de chegar ao lugar onde elas cresciam. Então ela olhou novamente para a videira, cujas folhas haviam murchado, e soube que seu marido estava morto.

Logo após isso um filho nasceu para Aponibolinayen, e ela o chamou de Kanag. Ele cresceu rapidamente, se tornando um jovem

forte, e era o mais corajoso de todos seus companheiros. Um dia, quando Kanag estava brincando no jardim, ele girou seu pião e acertou o pote de lixo de uma velha mulher, que ficou com muita raiva e gritou:

— Se você fosse mesmo um rapaz corajoso, iria buscar seu pai que foi morto por Gawigawen!

Kanag voltou correndo para a casa, em prantos, e perguntou a sua mãe o que a velha mulher quis dizer com aquilo, pois nunca havia ouvido a história da morte de seu pai. Assim que soube o que havia acontecido, o menino se decidiu a procurar por seu pai. Por mais que tentasse, sua mãe não conseguiu dissuadi-lo.

Conforme ele estava partindo pelo portão da cidade com sua lança e seu machado, Kanag bateu em seu escudo e soou um ruído como se fossem mil guerreiros fazendo o mesmo.

— Olhem como esse menino é corajoso! — disse o povo, surpreso — Ele é ainda mais corajoso que seu próprio pai.

Quando ele chegou à fonte da gigante, ele novamente bateu em seu escudo e gritou de maneira que todo o mundo tremeu. Então a gigante disse:

— Acredito que alguém irá lutar, e terá muito sucesso.

Assim que Kanag chegou no lugar onde a velha mulher, Alokotan, vivia, ela enviou seu cachorrinho atrás dele, mas com um único golpe de seu machado ele cortou a cabeça do cachorro. Então Alokotan perguntou aonde ele estava indo, e quando ele contou, ela disse:

— Seu pai está morto, mas acredito que você irá encontrá-lo, pois você tem uma boa sina.

Ele se apressou e logo chegou à residência do relâmpago, e ele perguntou:

— Aonde você está indo, garotinho?

— Estou indo a Adasen buscar meu pai — respondeu Kanag.

— Vá ficar em pé naquela rocha alta para que eu possa ver qual é sua sina — disse o relâmpago.

Então ele ficou em pé na rocha alta, e quando o clarão veio ele não se moveu, e o relâmpago pediu que ele se apressasse, pois possuía uma boa sina.

O trovão, que também o viu passando, também chamou para perguntar aonde estava indo, e o mandou ficar em pé em uma pedra alta. E então o trovão fez um barulho muito alto, mas Kanag não se moveu, e o trovão o disse para se apressar, pois possuía uma boa sina.

As mulheres de Adasen estavam na fonte de Gawi-gawen pegando água, quando subitamente se assustaram com um ruído muito forte. Elas se levantaram, esperando ver mil guerreiros se aproximando, mas por mais que olhassem em volta, não viam nada além de um jovem menino batendo em seu escudo.

— Bom dia, mulheres que estão pegando água — disse Kanag — Digam a Gawigawen que ele precisa se preparar, pois eu estou indo lutar com ele.

Então todas as mulheres correram para a cidade e contaram a Gawigawen que um jovem estranho estava na fonte e vinha lutar com ele.

— Vão dizer a ele — disse Gawigawen — que se é verdade que ele é corajoso, então ele virá à cidade, se ele puder.

Quando Kanag chegou ao alto barranco em volta da cidade, ele pulou como um pássaro por cima do barranco, e caiu dentro da cidade. Ele foi direto à casa dos espíritos de Gawigawen. Ele notou que os telhados tanto da moradia quanto das casas dos espíritos eram de cabelo,

e que ao redor da cidade havia muitas cabeças³², e ele disse consigo mesmo:

— É por isso que meu pai não voltou. Gawigawen é um homem corajoso, mas eu vou matá-lo mesmo assim.

Assim que Gawigawen o viu no jardim, ele disse:

— Como você é corajoso, pequenino, por que você veio até aqui?

— Eu vim buscar meu pai — disse Kanag — pois você o manteve aqui quando ele veio buscar laranjas para minha mãe. Se você não o devolver para mim, eu vou te matar.

Gawigawen riu desse discurso corajoso, e disse:

— Oras, posso te derrotar com apenas um dos meus dedos. Você nunca vai voltar para sua cidade, mas pode ficar aqui como o seu pai.

— Veremos — disse Kanag — Traga suas armas e vamos lutar aqui no jardim.

Gawigawen estava fora de si de tanta raiva que sentiu ao ouvir isso, e trouxe sua lança e seu machado que era tão grande quanto metade do céu. Kanag não atiraria primeiro, pois queria provar o quanto era corajoso, então Gawigawen mirou e atirou seu machado em direção ao menino. Kanag havia usado poder mágico, de forma que se transformou em uma formiga e não foi atingido pela arma. Gawigawen riu alto quando olhou em volta e não encontrou o menino, pois achou que ele havia morrido. Logo, contudo, Kanag reapareceu, de pé no grande machado, e Gawigawen, mais furioso do que nunca, atirou sua lança. Novamente Kanag desapareceu, e Gawigawen se encheu de surpresa.

Então era vez de Kanag, e sua lança passou direto pelo corpo do gigante. Ele correu rapidamente e cortou cinco de suas cabeças³³, mas a sexta ele poupou para que Gawigawen pudesse lhe mostrar onde estava seu pai.

Conforme passaram pela cidade juntos, Kanag descobriu que a pele de seu pai havia sido usada para fazer um tambor. Seu cabelo decorava a casa, e sua cabeça estava no portão da cidade, enquanto seu corpo havia sido colocado debaixo da casa. Depois de juntar todas as partes do corpo, Kanag usou poder mágico, e trouxe seu pai de volta à vida.

— Quem é você? — perguntou Aponitolau — Por quanto tempo eu dormi?

— Eu sou seu filho — disse Kanag — Você não estava dormindo, mas sim morto, e aqui está Gawigawen que lhe mantinha preso aqui. Pegue meu machado e corte sua última cabeça.

Então Aponitolau pegou o machado, mas quando atacou Gawigawen, não conseguiu machucá-lo.

— Qual é o problema, pai? — perguntou Kanag; e pegando o machado, ele cortou a última cabeça de Gawigawen.

Então Kanag e seu pai usaram magia para que as lanças e machados voassem, matando todas as pessoas da cidade, e levaram as cabeças e todas as coisas valiosas de volta para casa.

Quando Aponibolinayen viu que essas coisas haviam chegado em sua casa, ela correu para olhar na videira ao lado do fogão, e ela estava verde e parecia uma floresta. Então, ela soube que seu filho estava vivo, e ela ficou feliz. Quando o pai e o filho retornaram, todos os vizinhos vieram para a casa deles para um grande banquete, e ficaram tão felizes que todo o mundo sorriu.

A HISTÓRIA DE GAYGAYOMA QUE VIVE NO CÉU

Tinguian

Um dia, enquanto Aponitolau estava sentado tecendo uma cesta embaixo de sua casa, ele começou a sentir muita fome e desejou ter algo para mastigar. Ele então lembrou-se que seu campo ainda não havia sido semeado. Ele chamou sua esposa que estava na sala acima, e disse:

— Venha, Aponibolinayen, vamos ao campo plantar cana-de-açúcar.

Então Aponibolinayen desceu da casa com um tubo de bambu³⁴, e enquanto ela foi à fonte para enchê-lo de água, Aponitolau fez algumas mudas de cana-de-açúcar, e então foram juntos ao campo que ficava a certa distância da casa.

Aponitolau afrouxou a terra com seu longo pedaço de bambu³⁵ e espalhou as mudas que havia feito, enquanto sua esposa as irrigava com

água do tubo de bambu. E quando haviam preenchido o campo, voltaram para casa, felizes em pensar na esplêndida cana-de-açúcar que logo teriam.

Após sete dias Aponitolau voltou ao campo para ver se as plantas haviam sobrevivido, e descobriu que as folhas já estavam longas e pontudas. Isso fez ele ficar muito feliz, e enquanto estava olhando para o campo, ficou impaciente e resolveu usar seu poder mágico para que a cana crescesse bem mais rápido. Cinco dias depois, ele visitou o campo novamente e descobriu que as canas já estavam altas e prontas para serem mastigadas. Ele correu para casa contar a Aponibolinayen o quão rápido suas plantas haviam crescido, e ela ficou orgulhosa de seu marido poderoso.

Por volta dessa época, Gaygayoma, que era filha de Bagbagak, uma grande estrela, e Sinag, a lua, olhou para baixo de sua alta casa no céu, e quando viu a cana-de-açúcar crescendo lá embaixo, ela foi tomada pelo desejo de mastigá-la. Ela chamou seu pai Bagbagak e disse:

— Oh, pai, por favor mande as estrelas lá para a Terra para buscar um pouco daquela cana-de-açúcar que eu vejo, pois devo mastigá-la.

Então Bagbagak enviou as estrelas, e quando chegaram à cerca de bambu que cercava o campo, pularam por cima da cerca e cada uma quebrou uma cana e colheu alguns dos feijões que Aponibolinayen havia plantado, e os caules desses feijões eram feitos de ouro. Gaygayoma estava maravilhada com as coisas que as estrelas lhe haviam trazido. Ela cozinhou os feijões com os caules dourados e passou longas horas mastigando a cana-de-açúcar. Quando tudo que as estrelas haviam trazido acabou, ela ficou nervosa e chamou seu pai, a grande estrela:

— Venha, pai, venha comigo para o lugar onde a cana-de-açúcar cresce, pois eu quero vê-la agora.

Bagbagak chamou muitas estrelas para acompanhá-lo, e todas seguiram Gaygayoma até o lugar onde crescia a cana-de-açúcar. Alguns se sentaram na cerca de bambu, enquanto outros foram para o meio do campo, e todos comeram tanto quanto desejaram.

No dia seguinte, Aponitolau disse à sua esposa:

— Aponibolinayen, eu vou ao campo para ver se a cerca de bambu está forte, pois algum *carabao* pode tentar comer nossa cana-de-açúcar.

Então ele partiu em direção ao campo, e quando chegou lá começou a olhar em torno da cerca para ver se estava forte, e achou diversas canas que as estrelas haviam mastigado, e ele soube que alguém esteve lá. Ele foi para o meio do campo, e lá havia um pedaço de ouro no chão, ao que ele disse consigo mesmo:

— Mas que estranho! Acredito que alguma bela menina deve ter vindo aqui mastigar minha cana-de-açúcar. Eu vou ficar de olho hoje à noite, e talvez ela volte para pegar mais.

Conforme escureceu ele nem pensou em voltar para casa, se alimentando da cana-de-açúcar, e então se escondeu na grama alta próxima ao campo e esperou. Aos poucos, luzes deslumbrantes começaram a cegar seus olhos, e quando ele conseguiu enxergar novamente ele se assustou ao ver diversas estrelas caindo do céu, e logo ouviu alguém quebrando sua cana-de-açúcar. Repentinamente, uma estrela tão grande que parecia como uma grande chama caiu no campo, e então um belo objeto perto da cerca tirou seu vestido, que parecia uma estrela, e ela apareceu como metade de um arco-íris.

Aponitolau nunca tinha visto algo assim, e por um tempo ele ficou deitado, tremendo de medo.

— O que devo fazer? — disse ele consigo mesmo — Se eu não assustar esses companheiros da bela menina, eles podem me devorar.

Com um grande esforço ele deu um salto e começou a assustar as estrelas até que todas voassem para os céus, e quando a bela menina veio procurar seu vestido ela encontrou Aponitolau sentado em cima dele³⁶.

— Você deve nos perdoar — ela disse — pois a sua cana-de-açúcar é tão doce, que não resistimos à tentação de mascá-la.

— Você pode comer cana-de-açúcar à vontade — respondeu Aponitolau — mas agora devemos nos apresentar e dizer nossos nomes, de acordo com o costume, pois não é bom conversar sem saber o nome um do outro.

Então ele entregou a ela nozes de areca, e eles mascaram juntos, e ele disse:

— Agora é tradição contarmos nossos nomes.

— Sim — disse ela — mas você primeiro.

— Meu nome é Aponitolau e eu sou marido de Aponibolinayen.

— Eu sou Gaygayoma, a filha de Bagbagak e Sinag lá do céu — disse ela — Agora, Aponitolau, embora você tenha uma esposa, eu vou te levar para os céus, pois desejo me casar com você. Se você não quiser ir, vou chamar minhas estrelas companheiras para virem te devorar.

Aponitolau tremeu de medo, pois reconheceu agora que essa mulher era um espírito; e como não ousou recusar, ele prometeu ir com ela. Logo depois disso as estrelas derrubaram uma cesta que Gaygayoma havia os mandado fazer, e Aponitolau subiu na cesta com a bela estrela e foram levados rapidamente para o céu através do ar. Ao chegar lá, foram cumprimentados por uma estrela gigantesca que Gaygayoma apresentou como seu pai, e ele disse a Aponitolau que ele havia sido muito sábio ao concordar em ir, pois, caso tivesse se recusado, as outras estrelas o devorariam.

Depois de Aponitolau viver por algum tempo com as estrelas, Gaygayoma pediu que ele espetasse entre os dois últimos dedos dela, e conforme ele o fez, um belíssimo neném saiu de lá. Eles o chamaram de Takyayen, e ele cresceu muito rápido e era muito forte.

Durante todo esse tempo, Aponitolau nunca havia se esquecido de Aponibolinayen, que ele sabia estar procurando por ele na Terra, mas tinha medo de mencioná-la para as estrelas. Quando o garoto tinha três meses de idade, contudo, ele se atreveu a contar para Gaygayoma seu desejo de voltar à Terra.

Inicialmente ela não deu ouvidos a ele, mas ele implorou tanto que ela finalmente consentiu em deixá-lo ir por uma lua. Se ele não voltasse ao fim daquele período, ela disse que iria enviar as estrelas para devorá-lo. Então ela mandou trazerem a cesta novamente, e eles foram abaixados para a Terra. Então Aponitolau saiu da cesta, e Gaygayoma e o bebê voltaram para o céu.

Aponibolinayen ficou muito feliz ao rever seu marido, pois ela acreditava que ele tinha morrido, e estava muito magra por se recusar a comer enquanto ele estava longe. Ela nunca se cansou de ouvir as histórias de sua vida entre as estrelas, e ela ficou tão feliz de estar novamente com ele que se recusou a deixá-lo partir quando chegou a hora.

Naquela noite, muitas estrelas vieram até a casa. Algumas ficaram nas janelas, enquanto outras ficaram junto às paredes do lado de fora; e eram tão brilhantes que a casa parecia estar em chamas.

Aponitolau ficou com muito medo, e gritou para sua esposa:

— Você fez muito errado em me manter aqui quando eu deveria ter ido. Eu temia que as estrelas viriam me devorar se eu não as obedecesse, e agora elas vieram. Me esconda, ou elas virão me pegar.

Mas antes que Aponibolinayen pudesse responder, o próprio Bagbagak gritou:

— Não tente se esconder de nós, Aponitolau, pois sabemos que você está no canto da casa. Saia, ou vamos te devorar.

Então, Aponitolau apareceu, tremendo de medo, e quando as estrelas perguntaram se ele queria ir com elas, ele não ousou recusar.

Agora, Gaygayoma havia passado a gostar muito de Aponitolau, e mandou que as estrelas não o ferissem caso ele estivesse disposto a voltar para ela. Então, quando ele consentiu, as estrelas o colocaram em uma cesta e o levaram para longe, deixando Aponibolinayen muito triste e solitária. Depois disso Aponitolau fez muitas visitas à Terra, mas ao comando de Gaygayoma ele sempre voltava para o céu para passar parte do seu tempo com ela.

Um dia, quando Takyayen ainda era um pequeno garoto, Aponitolau o levou para a Terra conhecer seu meio-irmão, Kanag. O mundo era cheio de maravilhas para o menino do céu, e ele queria ficar lá para sempre. Depois de algum tempo, Kanag e ele estavam brincando no jardim quando grandes gotas de água começaram a cair neles. Kanag correu para sua mãe e gritou:

— Mãe, mãe, está chovendo, mas o sol está brilhando tão forte!

Mas Aponitolau, olhando com atenção, disse:

— Não, filho, essas são as lágrimas de Gaygayoma, pois ela vê seu filho aqui embaixo, e ela chora por ele.

Então ele levou Takyayen de volta para sua mãe no céu, e ela ficou feliz novamente.

Depois disso Takyayen sempre ficou feliz quando permitiam que ele visitasse a Terra, mas cada vez que as lágrimas de sua mãe começavam a cair, ele voltava para ela. Quando ele teve idade o bastante,

Aponitolau escolheu uma esposa para ele, e depois disso Takyayen permaneceu na terra para sempre, mas Gaygayoma ficou no céu.

A HISTÓRIA DE DUMALAWI

Tinguian

Aponitolau e Aponibolinayen tinham um filho cujo nome era Dumalawi. Quando o filho se tornou um jovem rapaz, seu pai ficou com muita raiva dele um dia e tentou pensar em alguma maneira de destruí-lo. Na manhã seguinte ele disse a Dumalawi:

— Filho, afie sua faca, e vamos para a floresta cortar bambu.

Então Dumalawi afiou sua faca e foi com seu pai para o lugar onde crescia bambu, e eles cortaram muitos gravetos e os afiaram como lanças na ponta.

Dumalawi se perguntou por que haviam feito isso, mas quando haviam terminado, Aponitolau disse:

— Agora, meu filho, atire as lanças em mim, para que possamos ver quem de nós tem mais coragem.

— Não, pai — disse Dumalawi — você atira primeiro, se quiser me matar.

Então Aponitolau atirou as lanças de bambu uma por uma em seu filho, mas não conseguiu acertá-lo. Então foi a vez de seu filho atirar, mas ele disse:

— Não, eu não posso. Você é meu pai, e eu não quero te matar.

Então eles foram para casa. Mas Dumalawi estava muito triste, pois sabia agora que seu pai queria destruí-lo. Quando a sua mãe o chamou para jantar, ele não conseguiu comer.

Embora ele não tenha sido bem-sucedido na sua primeira tentativa, Aponitolau não desistiu da ideia de se livrar de seu filho, e no dia seguinte ele disse:

— Venha, Dumalawi, vamos para nossa casinha no campo³⁷ arrumá-la, para que possa nos proteger quando a estação de chuvas chegar.

O pai e filho foram ao campo, e quando chegaram à casinha, Aponitolau, apontando para um lugar específico do chão, disse:

— Cave ali, e você vai achar um jarro de *basi* que eu escondi quando era menino. Vai estar muito bom para beber agora.

Dumalawi escavou o jarro e provaram da bebida, que estava tão saborosa que eles beberam três cascas de coco cheias, e Dumalawi ficou bêbado. Enquanto seu filho dormia no chão, Aponitolau decidiu que seria um bom momento de destruí-lo, então usou seu grande poder mágico e fez surgir uma grande tempestade que pegou Dumalawi em seu sono e o levou para longe. E o pai foi para casa sozinho.

Quando Dumalawi acordou, ele estava no meio de um campo tão extenso que não conseguia ver o fim, não importando para qual lado olhasse. Não havia árvores ou casas no campo, e nenhuma viva alma além dele mesmo. E ele se sentiu muito sozinho.

Aos poucos ele foi usando seu poder mágico, e muitas palmeiras de areca cresceram no campo, e quando elas deram frutos, as nozes estavam cobertas de ouro.

— Isso é bom — disse Dumalawi — pois eu vou espalhar essas nozes de areca e elas vão se tornar pessoas, que serão meus vizinhos.

Então, no meio da noite, ele cortou as nozes de areca cobertas de ouro em muitos pedacinhos que ele espalhou em todas as direções. E, de manhã cedo, quando ele acordou, ele ouviu muitas pessoas falando pela casa, e muitos galos cacarejando. Então Dumalawi soube que possuía companhia, e ao sair ele andou para onde as pessoas estavam se aquecendo³⁸ em frente a fogueiras em seus quintais, e ele visitou a todos.

Em um quintal havia uma bela donzela, Dapilisan, e depois que Dumalawi falou com ela e seus pais, ele foi visitar outros quintais, mas ela permaneceu em seus pensamentos. Quão logo ele havia visitado a todos, ele voltou para a casa de Dapilisan e pediu aos pais dela para que deixassem eles se casarem. Eles estavam relutantes a princípio, pois temiam que os pais de Dumalawi não gostariam disso; mas depois que ele havia explicado que seu pai e sua mãe não o queriam, eles consentiram, e Dapilisan se tornou sua noiva.

Logo após o casamento, eles decidiram fazer uma cerimônia para os espíritos. Então Dapilisan mandou buscar as nozes de areca cobertas de ouro, e quando foram trazidas para ela, ela disse:

— Vocês, nozes de areca cobertas de ouro, venham aqui se besuntar de óleo e vão convidar todas as pessoas do mundo a virem à nossa cerimônia.

Então as nozes de areca se besuntaram de óleo e foram convidar as pessoas nas diferentes cidades.

Logo após isso, Aponibolinayen, a mãe de Dumalawi, estava sentada sozinha em sua casa, ainda de luto pela perda de seu filho, quando subitamente ela teve um forte desejo de mascar nozes de areca.

— O que me aflige? — perguntou ela consigo mesma — Por que desejo mascar? Não pretendia comer nada enquanto Dumalawi estivesse longe.

Ao dizer isso, ela pegou a cesta que estava pendurada em uma parede, e viu nela uma noz de areca coberta de ouro, e quando estava prestes a cortá-la, a noz disse:

— Não me corte, pois eu vim convidá-la para a cerimônia que Dumalawi e sua esposa estão prestes a realizar.

Aponibolinayen ficou muito feliz, pois soube que seu filho ainda vivia, e mandou a todos que lavassem o cabelo e se preparassem para ir à cerimônia. Então eles lavaram suas roupas e seus cabelos e partiram em direção à casa de Dumalawi; e Aponitolau, o pai do menino, os seguiu, mas parecia um homem louco. Quando chegaram ao rio que ficava próximo à cidade, Dumalawi enviou jacarés para ajudá-los a atravessar o rio, mas quando Aponitolau subiu em um jacaré, este mergulhou, e ele foi jogado de volta à margem do rio. Todos os outros foram carregados em segurança para o outro lado, e Aponitolau, que ficou sozinho na margem, gritou como louco para Dumalawi enviar outro jacaré para levá-lo até o outro lado.

Então Dumalawi mandou trazer comida e Dapilisan deu a todos *basi* em um jarro que parecia um punho, e embora cada convidado bebesse um copo do doce vinho, o jarro ainda estava um terço cheio. Quando haviam terminado de comer e beber, Aponibolinayen falou, dizendo a todos como estava feliz de ter Dumalawi como sua nora, e adicionou:

— Agora vamos pagar o preço do casamento, como diz a tradição. Iremos encher a casa dos espíritos nove vezes com tipos diferentes de jarros.

Então ela chamou:

— Ó espíritos³⁹ que vivem nas fontes diferentes, vão buscar os jarros que Dumalawi deve pagar como preço por se casar com Dapilisan.

Os espíritos fizeram como havia sido pedido, e quando trouxeram os jarros e encheram a casa dos espíritos nove vezes, Aponibolinayen disse aos pais de Dapilisan:

— Acho que pagamos agora o preço por sua filha.

Mas Dalonagan, a mãe de Dapilisan, não estava satisfeita, e disse:

— Não, ainda há mais a se pagar.

— Muito bem — respondeu Aponibolinayen — Nos diga o que você quer e pagaremos o preço.

Então Dalonagan chamou uma aranha de estimação e disse:

— Ó grande aranha, ande por toda a cidade, e teça uma teia na qual Aponibolinayen deve pendurar miçangas douradas.

E então a aranha teceu a teia e Aponibolinayen chamou os espíritos das fontes novamente, que trouxeram miçangas douradas que penduraram nos fios. Então Dalonagan se pendurou no fio, e quando ele não quebrou, ela declarou que a dívida estava paga.

Depois disso todos festejaram e ficaram felizes, e quando finalmente partiram para suas casas, Dumalawi se recusou a ir com seus pais, ficando com sua esposa na cidade que havia criado.

A HISTÓRIA DE KANAG

Tinguian

Quando o arroz⁴⁰ havia ficado muito alto e era época de amadurecer, Aponitolau e Aponibolinayen ficaram com medo de que porcos selvagens invadissem o campo e destruíssem seus grãos, então enviaram seu filho, Kanag, para o campo cuidar do grão. Kanag foi ao campo de boa vontade, mas quando descobriu que as cercas eram tão fortes que os porcos selvagens não conseguiriam entrar, ele ficou sem nada para fazer, e a vida na casinha de vigia era solitária, de forma que o menino ficou muito triste.

Cada dia Aponitolau levava arroz cozido e carne para seu filho no campo, mas Kanag não comia e sempre pedia que seu pai pendurasse a refeição na casinha até que ele a quisesse. Todos os dias, Aponitolau encontrava a refeição do dia anterior ainda pendurada, e passou a suspeitar que o jovem estava infeliz de ter que cuidar dos grãos. Mas ele não falou nada sobre seus medos a Aponibolinayen.

Um dia, depois de seu pai voltar para casa, Kanag estava tão solitário que usou seu poder mágico e virou um passarinho e voou para o topo de uma árvore. No dia seguinte, quando Aponitolau foi ao campo ele procurou em todos os lugares por seu filho, e quando não conseguiu encontrá-lo, ele chamou, e do topo de uma árvore de bambu um passarinho lhe respondeu. Percebendo o que havia acontecido, o pai ficou muito triste e implorou a seu filho que voltasse e fosse um menino de novo, mas Kanag apenas respondeu:

— Eu prefiro ser um pássaro⁴¹ e levar as mensagens dos espíritos para as pessoas.

Finalmente o pai foi para casa sozinho, e ele e a mãe do menino ficaram em luto pela perda de seu filho.

Algum tempo depois disso, Aponitolau se preparava para ir lutar. Ele pegou sua lança e escudo e machadinha, e partiu de manhã cedo, mas quando chegou ao portão da cidade, Kanag voou por cima dele, dando a ele uma má sina, e ele voltou para casa. Na manhã seguinte ele tentou novamente, e o passarinho deu a ele uma boa sina desta vez, e Aponitolau partiu sabendo que nada poderia machucá-lo.

Depois de uma longa jornada ele chegou a uma cidade inimiga onde as pessoas disseram que estavam felizes de vê-lo, e adicionaram que por ele ser o primeiro do seu povo que havia se atrevido a entrar naquela cidade, eles pretendiam mantê-lo lá.

— Oh — disse Aponitolau — se vocês dizem que eu não posso voltar para casa, chamem todo o seu povo e vamos lutar.

— Você é muito corajoso — disseram seus inimigos — se você deseja lutar contra todos nós.

E quando o povo havia se reunido eles riram dele e disseram:

— Oras, poderíamos derrotá-lo com apenas um de nossos dedos.

Apesar disso, Aponitolau se preparou para lutar, e quando o mais corajoso dos inimigos atirou sua lança e a machadinha contra ele, ele pulou e escapou. Eles perceberam que ele havia pulado muito alto, e correram atrás dele, jogando suas lanças e tentando matá-lo.

Mas Aponitolau pegou todas as armas deles, e então quando eles estavam desarmados ele atirou sua própria lança, e ela voou entre eles até que havia matado a todos. Então ele enviou sua machadinha, e ela cortou a cabeça de todos os inimigos; e ele usou seu poder mágico para enviar as cabeças para sua casa em Kadalayapan.

Depois disso Aponitolau se sentou ao portão da cidade para descansar, e o passarinho, voando por cima da cabeça dele, disse do alto:

— A sina que eu lhe dei foi boa, pai, e você matou todos seus inimigos.

— Sim — disse o homem, e começou seu caminho de volta para casa, com o passarinho o acompanhando a todos os momentos. Quando chegaram em casa, ele espetou as cabeças pela cidade, e mandou que o povo fosse pelo mundo convidando a todos e especialmente as meninas bonitas para virem festejar sua vitória.

As pessoas vieram de todo o mundo, e enquanto tocavam gongos e dançavam, Aponitolau chamou Kanag e disse:

— Desça, meu filho; não fique sempre no topo das árvores. Venha ver as meninas bonitas e escolha com quem você quer se casar. Pegue o copo dourado e venha beber *basi*.

Mas Kanag respondeu:

— Eu prefiro ficar no topo das árvores e dar as sinas quando alguém vai lutar.

Então o pai e a mãe imploraram que ele se tornasse um menino novamente, pedindo seu perdão e prometendo nunca mais enviá-lo para

vigiar o arroz. Mas ele não deu ouvidos a eles, e voou para longe.

Descobrimo que não iriam conseguir conquistá-lo dessa maneira, Aponitolau e Aponibolinayen chamaram os servos espirituais, e mandaram que eles seguissem Kanag onde quer que ele fosse, e descobrir uma menina com quem ele quisesse se casar. Então os servos espirituais foram atrás dele, e o seguiram em todos os lugares.

Aos poucos eles pararam perto de um poço, e lá os servos espirituais usaram magia para que todas as meninas bonitas próximas àquele lugar se sentissem com muito calor; e na manhã seguinte elas vieram ao poço para se banhar. Uma delas era tão bonita que parecia uma chama de fogo entre os brotos de palmeira de areca, e quando os servos a viram lavando o cabelo, correram até Kanag e imploraram que ele fosse vê-la. Inicialmente, ele não quis dar ouvidos a eles, mas depois de um tempo ele voou até o topo da palmeira de areca, e quando viu a menina, voou para a palmeira que estava logo acima da cabeça dela.

— Mas — perguntou ele aos servos espirituais — o que posso fazer se me tornar um homem agora, pois não tenho roupas nem bandana?

— Não se preocupe com isso — disseram os servos espirituais — pois temos tudo aqui para você.

Então Kanag se transformou novamente em um homem, e vestiu as roupas e a bandana, e foi falar com a menina. Ele deu a ela uma noz de areca, e eles mascaram juntos, e ele disse:

— Meu nome é Kanag e eu sou filho de Aponitolau e Aponibolinayen.

Então a menina disse:

— Meu nome é Dapilisan e eu sou a filha de Bangan e Dalonagan.

Quando Dapilisan foi para casa, Kanag a seguiu, e contou aos pais dela seu nome e como havia se transformado em passarinho. E quando havia terminado de contar sua história, pediu a eles permissão para se casar com a filha do casal. Bangan e sua esposa ficaram muito felizes de Kanag desejar Dapilisan como sua esposa, mas estavam com medo de que seus pais fossem contra o casamento, então enviaram um mensageiro para convidar Aponitolau e Aponibolinayen para visitá-los.

Tão logo os pais de Kanag ouviram que seu filho havia se transformado em um homem novamente eles ficaram muito felizes e partiram imediatamente para vê-lo, levando muitos bons presentes. Antes que os preparativos para o casamento fossem feitos, era necessário decidir o preço a ser pago pela menina. Uma longa discussão começou. Bangan e Dalonagan finalmente disseram que a casa dos espíritos deveria ser enchida nove vezes com tipos diferentes de jarros.

Quando isso foi feito, Dalonagan levantou suas sobrancelhas, e metade dos jarros desapareceu. Aponibolinayen usou seus poderes mágicos e a casa dos espíritos foi enchida novamente, e então Dalonagan disse a ela:

— Agora a teia da aranha vai ser colocada ao redor da cidade e você deve colocar miçangas douradas nela. Se não quebrar, Kanag pode se casar com Dapilisan.

Quando Aponibolinayen colocou as miçangas no fio, Dalonagan se pendurou na teia para ver se ia segurar. Como a teia não se quebrou, ela declarou que era uma boa sina; e Kanag e Dapilisan se casaram.

Então as pessoas tocaram gongos de cobre, dançaram e festejaram por um longo tempo, e quando voltaram para suas casas, Kanag e sua noiva foram morar com Aponitolau e Aponibolinayen.

A HISTÓRIA DOS TIKGI

Tinguian

— Tikgi, tikgi, tikgi, nós vamos trabalhar para você. Deixe-nos cortar seu arroz.

Ligi havia ido ao campo para observar seu arroz que estava crescendo, mas quando ouviu esse som ele olhou para cima e ficou surpreso ao ver alguns pássaros circulando acima e falando com ele do alto.

— Oras, vocês não podem cortar arroz — disse Ligi — vocês são pássaros e só sabem voar.

Mas os pássaros insistiram que sabiam cortar o arroz; então finalmente ele disse que eles poderiam voltar quando o arroz estivesse maduro, e eles voaram para longe.

Tão logo os pássaros foram embora, Ligi foi acometido pelo desejo de vê-los novamente. Conforme ele foi para sua casa, ele desejou continuamente que o arroz crescesse logo e estivesse pronto para cortar. Tão logo Ligi saiu do campo, os pássaros começaram a usar magia para

fazer o arroz crescer rapidamente, e cinco dias depois, quando ele voltou para o campo, ele encontrou os pássaros prontos para cortar os grãos maduros. Ligi os ensinou onde começar a cortar, e então os deixou.

Quando Ligi estava fora de vista, os *tikgi* disseram para os cortadores de arroz:

— Cortadores de arroz, vocês vão cortar o arroz sozinhos.

Para as faixas que estavam ali perto, eles disseram:

— Faixas, vocês vão se enrolar ao redor do arroz que os cortadores cortarem.

E os cortadores e as faixas trabalharam sozinhos, fazendo como havia sido ordenado.

Quando Ligi voltou para o campo na tarde, os *tikgi* disseram:

— Venha, Ligi, venha ver o que fizemos, pois queremos ir para casa agora.

Ligi ficou incrédulo, pois havia quinhentos feixes de arroz cortados. E ele disse:

— Ó, *tikgi*, levem quanto arroz vocês quiserem, pois sou muito grato a vocês.

Então cada *tikgi* pegou um feixe de arroz, dizendo que era tudo que podiam carregar, e voaram embora.

Na manhã seguinte, quando Ligi chegou ao campo, ele encontrou os pássaros lá esperando por ele, e disse:

— Agora, *tikgi*, cortem o arroz o quão rápido vocês puderem, pois quando estiver terminado eu vou fazer uma cerimônia para os espíritos, e vocês devem vir.

— Sim, — responderam os *tikgi* — e agora vamos começar o trabalho, mas você não precisa ficar aqui.

Então Ligi foi para sua casa e construiu um celeiro para guardar seus grãos, e quando voltou ao campo viu que o arroz havia sido cortado. Então os *tikgi* disseram:

— Cortamos todo o seu arroz, Ligi, então nos dê seu pagamento, e quando você for embora todo o arroz estará no seu celeiro.

Ligi ficou pensativo ao ouvir isso, e quando chegou em casa e viu que seu celeiro estava cheio de arroz, ele duvidou se os *tikgi* eram pássaros de verdade.

Não muito tempo depois disso, Ligi convidou todos os seus parentes das diferentes cidades para ajudar a fazer a cerimônia para os espíritos⁴². Tão logo chegaram as pessoas, os *tikgi* também vieram; e eles voaram por cima das cabeças das pessoas e fizeram elas beberem *basi* até se embebedarem. Então disseram a Ligi:

— Nós vamos para casa agora; pois não é bom que fiquemos aqui, pois não podemos nos sentar em meio ao povo.

Quando começaram seu caminho para casa, Ligi os seguiu até que eles chegaram à árvore de *bana-asi*, e lá ele os viu tirarem suas penas e colocarem-nas no celeiro de arroz. Subitamente, eles se transformaram em uma bela donzela.

— Você não é os *tikgi* que vieram cortar meu arroz? — perguntou Ligi — Você me parece uma bela donzela.

— Sim — respondeu ela — eu me tornei os *tikgi* e cortei o arroz para você, pois de outra forma você não me encontraria.

Ligi a levou de volta para sua casa onde as pessoas estavam fazendo a cerimônia, e logo que a viram começaram a mascar nozes de areca para que pudessem saber quem era ela.

As nozes de uma senhora chamada Ebang e seu marido foram juntas às dos *tikgi*, então eles souberam que ela era sua filha que havia

desaparecido da casa deles um dia muito tempo atrás enquanto estavam nos campos. Respondendo suas muitas perguntas, ela lhes contou que estava na árvore de *bana-asi*, para a qual Kaboniyán⁴³ a havia carregado, até o dia em que ela se transformou nos *tikgi* e foi ao campo de Ligi.

Ligi gostava muito da bela donzela e perguntou aos pais dela se podia casar-se com ela. Eles estavam muito dispostos e decidiram qual o preço que ele deveria pagar. Depois do casamento todas as pessoas ficaram na casa dele, se banqueteadando e dançando por três meses.

A HISTÓRIA DE SAYEN⁴⁴

Tinguian

Nas profundezas de uma floresta escura na qual as pessoas raramente pisam, vivia uma velha e sábia *alan*⁴⁵. A pele em seu rosto enrugado era tão dura quanto couro de um *carabao*, e seus longos braços com dedos apontando para trás dos pulsos eram horríveis de se olhar. Essa criatura tenebrosa tinha um filho chamado Sayen, e ele era tão bonito quanto sua mãe era feia. Ele era um homem corajoso, além disso, e frequentemente viajava para longe para guerrear.

Nessas jornadas às vezes Sayen encontrava belas meninas, e embora ele quisesse se casar, ele não conseguia decidir qual menina queria. Ouvindo falar que uma menina chamada Danepan era mais bonita do que qualquer outra, ele decidiu perguntar a ela se queria se casar com ele.

Danepan era uma menina muito tímida, e quando ela ouviu que Sayen estava indo à sua casa, ela se escondeu atrás da porta e mandou sua serva, Laey, ir encontrar-se com ele. E aconteceu que Sayen, não

encontrando Danepan, casou-se com Laey, pensando que ela era a bela donzela da qual havia ouvido falar. Ele a levou para uma casa que havia construído na orla da floresta, pois embora quisesse estar próximo de sua antiga casa, ele não se atreveu a deixar sua noiva por os olhos em sua mãe feia.

Por algum tempo eles viveram juntos ali, e então um dia Sayen estava fazendo um arado debaixo de sua casa quando ouviu Laey cantar mansamente para seu bebê no quarto acima, e isso foi o que ela cantou:

— Sayen acha que eu sou Danepan, mas eu sou Laey. Sayen acha que eu sou Danepan, mas eu sou Laey.

Quando Sayen ouviu isso, ele soube que havia sido enganado, e se perguntou o que deveria fazer.

Na manhã seguinte ele foi ao campo para arar a terra, pois estava próximo da época de plantar arroz. Antes de sair de casa, ele disse à sua esposa:

— Quando o Sol estiver logo acima de nós, você e o bebê devem vir me trazer comida, pois estarei ocupado no campo.

Antes de começar a arar, contudo, ele cortou os apoios de bambu da ponte que levava ao campo, de forma que quando Laey e o bebê foram levar sua comida, tão logo eles pisaram na ponte ela caiu com eles e eles se afogaram. Sayen estava livre novamente. Ele pegou sua lança, seu escudo e sua machadinha, e foi novamente à cidade de Danepan, e lá ele começou a matar as pessoas por todos os lados.

O terror se espalhou pela cidade. Ninguém conseguiu parar essa terrível destruição até que Danepan saiu de sua casa e implorou que ele poupasse algumas pessoas para que ela tivesse de quem emprestar fogo⁴⁶. A grande beleza dela o impressionou e ele parou a matança, e pediu para que ela preparasse uma noz de areca para que ele mascasse,

pois estava muito cansado. Ela fez como ele pediu, e quando ele terminou de mascar a noz, ele cuspiu nas pessoas que havia matado e elas voltaram à vida. Então ele se casou com Danepan e a levou para sua casa.

Acontece que nessa época o povo de Magosang estava em grandes apuros. Ao fim de toda caça bem-sucedida, enquanto estavam dividindo a carne entre si, o Komow⁴⁷, um espírito assassino que se parece com um homem, ia até eles e perguntava quantas presas eles haviam apanhado. Se eles respondessem “duas”, então ele diria que também havia pegado duas; e quando voltassem para casa, encontravam duas pessoas da cidade mortas. Todas as vezes que saíam caçar, o Komow fazia isso, e muitas das pessoas de Magosang haviam morrido e as que ainda viviam estavam com muito medo. Finalmente ouviram falar do homem corajoso, Sayen, e imploraram que ele os ajudasse. Sayen ouviu o que tinham a dizer, e disse:

— Eu irei caçar com vocês, e enquanto estiverem dividindo a carne, eu vou me esconder atrás das árvores. Se o Komow vier perguntar quantos cervos vocês pegaram, ele vai sentir meu cheiro, mas vocês devem dizer que não sabem onde eu estou.

Então as pessoas saíram caçar, e quando haviam matado dois cervos, eles os assaram por cima de um fogo e começaram a dividir a carne. Nesse momento, o Komow apareceu e disse:

— Quantos vocês têm?

— Temos dois — responderam os caçadores.

— Eu também tenho dois,— respondeu o Komow — mas eu sinto o cheiro do Sayen.

— Não sabemos onde ele está — responderam as pessoas; e nesse momento ele saiu de trás das árvores e matou o Komow, e as pessoas

ficaram muito aliviadas.

Então, quando Kaboniyán, o grande espírito, soube do que Sayen havia feito, ele foi até o homem e disse:

— Sayen, você é um guerreiro muito corajoso, pois matou o Komow. Amanhã eu vou lutar com você. Você deve permanecer nas terras baixas próximo ao rio, e eu vou à colina acima.

Então, no dia seguinte, Sayen foi às terras baixas junto ao rio. Ele não precisou esperar muito até ouvir um barulho como se uma grande tempestade estivesse se aproximando, e soube que Kaboniyán estava vindo. Ele olhou para cima, e lá estava o grande guerreiro, sua lança tão grande quanto uma enorme árvore.

— Você é corajoso, Sayen? — gritou ele em uma voz de trovão ao lançar a arma.

— Sim! — respondeu Sayen, pegando a lança no ar.

Isso surpreendeu Kaboniyán, e ele jogou sua machadinha que era tão grande quanto o telhado de uma casa, mas Sayen também pegou a arma no ar. Então Kaboniyán viu que ele era de fato um grande e corajoso homem, e desceu até onde Sayen estava para lutarem corpo a corpo até ambos estarem cansados, e nenhum conseguiu subjugar o outro.

Quando Kaboniyán viu que Sayen era tão corajoso e forte quanto ele mesmo, propôs que eles fossem juntos lutar contra pessoas de cidades diferentes. E então partiram imediatamente. Muitos morreram nas mãos desse par, e era um grande mistério o porquê de ninguém conseguir capturar os dois. Pois ninguém sabia que um era o espírito Kaboniyán, e o outro era filho de uma *alan*.

Se ele ficasse cercado por um rio, Sayen se tornaria um peixe e se esconderia para que as pessoas não o encontrassem. E se ele fosse

cercado na cidade, ele se transformaria em uma galinha e se esconderia no galinheiro. Dessa maneira, ele escapou muitas vezes.

Finalmente, uma noite após terem matado muitos em uma cidade, as pessoas decidiram observá-lo, e viram que ele foi alojado com as galinhas. No dia seguinte, colocaram uma armadilha para peixes na casa próxima ao galinheiro, e naquela noite quando Sayen foi para debaixo da casa, ele foi pego na armadilha e morto.

O SOL E A LUA

Tinguian

Uma vez o Sol e a Lua brigaram um com o outro, e o Sol disse:

— Você é apenas a Lua e não é boa para muita coisa. Se eu não lhe desse luz, você não prestaria para nada.

Mas a Lua respondeu:

— Você é apenas o Sol, e você é quente demais. As mulheres gostam mais de mim, pois quando eu brilho à noite, elas saem de casa para tear.

Essas palavras da Lua deixaram o Sol com tanta raiva que atirou areia na cara dela, e ainda é possível ver as manchas escuras na face da Lua.

COMO OS APRENDERAM A PLANTAR

Tinguian

Nos tempos muito longínquos, os não sabiam como plantar e colher como sabem agora. As únicas coisas que tinham para comer eram aquelas que cresciam nas florestas e os peixes dos riachos. Eles também não sabiam como curar quem adoecesse ou fosse ferido por espíritos malignos, e morreram muitas pessoas que teriam sobrevivido de outra maneira⁴⁸.

Então Kadaklan, o Grande Espírito que vive no céu, viu que as pessoas estavam frequentemente famintas e doentes, e enviou um de seus servos, Kaboniyán, para a Terra ensiná-los muitas coisas. E aconteceu assim:

Dayapan, uma mulher que vivia em Caalang, estava doente por sete anos. Um dia, quando ela foi à fonte para se banhar, entrou no corpo dela um espírito que tinha arroz e cana-de-açúcar, e ele disse para ela:

— Dayapan, leve estes itens para sua casa e os plante no chão, e depois de um tempo eles vão crescer altos o suficiente para colher. Então, quando estiverem maduros, construa um celeiro para guardar o arroz até que você precise dele, e uma prensa de açúcar para esmagar a cana. E quando isso estiver terminado, faça a cerimônia Sayung, e você ficará bem.

Dayapan se impressionou com tais coisas estranhas, mas levou o arroz e a cana-de-açúcar e foi para casa como havia sido comandada. Enquanto ela estava tentando plantá-los no chão, novamente o espírito entrou no corpo dela e mostrou a ela o que deveria fazer. Desde então os têm plantado todos os anos, e como fazem da forma que Kaboniyan ensinou à mulher, eles têm o bastante para comer.

Quando Dayapan havia colhido o arroz e a cana, ela começou a fazer a cerimônia Sayung, e o espírito veio e novamente a ensinou como proceder. E quando estava terminado ela estava curada, e ele disse para ela levar um cachorro e um galo e se banhar no rio como um sinal de que a cerimônia estava concluída. Então ela foi ao rio e amarrou o cachorro e o galo perto da água, mas enquanto ela estava se banhando, o cachorro comeu o galo.

Dayapan chorou amargamente por causa disso e esperou por Kaboniyan por um longo tempo, e quando finalmente ele veio, ele disse:

— Se o cão não houvesse matado o galo, nenhuma pessoa morreria quando você fizesse essa cerimônia; mas isso é um sinal, e agora alguns vão morrer e outros ficarão bem.

Dayapan reuniu todas as pessoas, e disse a eles as coisas que o espírito a havia ensinado; e eles puderam ver que ela havia feito bem. Depois disso, quando as pessoas adoeciam, elas chamavam por Dayapan

para curá-las. E foi como o espírito havia avisado; alguns morreram, mas outros se curaram.

MAGSAWI

Tinguian

Muitos e muitos anos atrás alguns saíram de sua vila no vale bem cedo de manhã e partiram em direção às montanhas. Estavam caçando cervos⁴⁹, e cada um levava sua lança e machadinha, enquanto um deles levava na coleira um grupo de cães magros ansiosos pela caçada.

Na metade do caminho os cães foram soltos, e os homens se separaram, cada um indo em direções diferentes para procurar a caça. Mas não levou muito tempo até que os latidos agudos de um cachorro alertassem todos para sua direção, pois acreditavam que ele estava acuando um cervo. Conforme chegaram perto do lugar onde estava o cachorro, contudo, o objeto não se parecia com um cervo, e ao se aproximar mais constataram com surpresa que se tratava de um grande jarro⁵⁰.

Cheios de curiosidade, eles seguiram em frente, mas o jarro fugia deles. Correram cada vez mais rápido, mas o objeto, desaparecendo por vezes das vistas deles antes de aparecer novamente, sempre escapava.

Continuaram assim até que, cansados, os homens se sentaram em uma colina para descansar e se refrescarem com nozes de areca que tiraram de caixas de bronze penduradas em seus cintos.

Conforme lentamente cortaram as nozes e as prepararam com limão e folhas para mascar, falaram de nada além do maravilhoso jarro e do poder misterioso que possuía. Então, na hora que estavam prestes a colocar os pedaços tentadores em suas bocas eles pararam, assustados por uma voz suave e estranha que parecia estar próxima deles. Viraram e escutaram, mas não puderam ver ninguém falando.

— Encontrem um porco que não tenha filhotes — disse a voz — e peguem seu sangue, pois dessa maneira vocês conseguirão pegar o jarro que seu cachorro estava perseguindo.

Os homens souberam, então, que o jarro misterioso pertencia a um espírito, e se apressaram a fazer como a voz havia mandado, e quando haviam conseguido o sangue, o cachorro novamente acuou o jarro. Os caçadores tentaram pegá-lo, mas o jarro entrou em um buraco no chão e desapareceu. Eles seguiram, e se encontraram em uma caverna escura⁵¹ onde foi fácil pegar o jarro, pois não havia saída além do buraco pelo qual haviam entrado.

Embora isso tenha acontecido muitos anos atrás, o jarro ainda vive, e seu nome é Magsawi. Agora mesmo o jarro ainda fala; mas alguns anos atrás apareceu uma rachadura em seu lado, e desde então sua linguagem não é mais entendida pelos⁵².

Às vezes Magsawi parte sozinho em longas jornadas quando visita sua esposa, um jarro em Ilocos Norte, ou seu filho, um pequeno jarro em San Quintin; mas ele sempre volta para Domayco, na colina perto da caverna.

A ÁRVORE COM MIÇANGAS DE ÁGATA

Tinguian

Mais de cem temporadas atrás, um foi um dia para as montanhas caçar. Acompanhado de seu fiel cão, ele seguiu seu caminho de forma constante pela costa da montanha, parando apenas quando necessário para cortar uma trilha pela floresta. E o cachorro corria de lá para cá procurando pela espessa vegetação rasteira.

Continuaram assim sem encontrar caça alguma, e então, quando estava quase no topo do pico mais alto, o cão deu um latido agudo, e de um arbusto pulou um belo cervo. Zip! Fez a lança do homem, e ela perfurou o lado do animal. Por um instante ele aguardou, mas o cervo não caiu, continuando a correr sem perder velocidade. Um momento depois o cervo mergulhou em um buraco no chão com o homem e o cão perseguindo-o de perto.

A uma curta distância da entrada a caverna abria em salas grandes e espaçosas, e antes que percebesse, o homem estava perdido. Ele

conseguia ouvir os latidos do cachorro a distância, e se apressou pela escuridão sem nenhum outro guia.

Seguindo o barulho, ele correu por um longo tempo de uma sala desconhecida para outra, tropeçando na escuridão e se batendo nas paredes de pedra, e subitamente suas mãos esticadas agarraram uma pequena árvore na qual cresciam frutinhas.

Atônito por encontrar algo crescendo em um lugar tão escuro, ele quebrou um galho, e ao fazer isso a planta começou a falar em uma língua estranha. Aterrorizado, o homem correu na direção que havia ouvido o cão por último, e um momento depois o encontrou a céu aberto nas margens do rio Abra, com o cervo morto a seus pés.

Quando examinou o galho que ainda estava em suas mãos, ele viu com muita surpresa que as frutinhas na verdade eram miçangas de ágata, muito valiosas⁵³. Levando o cervo em suas costas, ele correu para casa onde contou sua maravilhosa história.

A visão das belas miçangas convenceu o povo que ele contava a verdade, e muitos homens foram com ele procurar a árvore.

Sua busca, contudo, não foi bem-sucedida, pois antes de encontrarem o lugar, o espírito maligno havia levado a árvore embora e feito estranhos desenhos nas paredes da caverna, os quais podem ser vistos até hoje.

O COBERTOR LISTRADO

Tinguian

Três foram às montanhas caçar cervos. Eles levaram seus cobertores com eles, pois esperavam estar longe de casa por vários dias, e as noites nas montanhas são muito frias.

Os cobertores de dois dos homens eram daqueles com desenhos brancos e azuis que são comuns entre os, mas o cobertor do terceiro homem era coberto com listras amarelas e vermelhas como as costas de um porco selvagem.

À noite, os três se enrolaram em seus cobertores e se deitaram embaixo de uma árvore para dormir; mas enquanto o homem do cobertor listrado ainda estava acordado, dois espíritos vieram falar com ele.

— Oh — ele ouviu um espírito dizer para o outro — temos algo para comer aqui, pois aqui jaz um porquinho selvagem.

Então o homem rapidamente tirou o cobertor e trocou com o de um de seus colegas que já estavam dormindo. Rapidamente os espíritos

vieram e devoraram o homem que estava debaixo do cobertor listrado.

Desde então os nunca dormem enrolados nesse tipo de cobertor se estão em um lugar onde possam ser pegos pelos espíritos.

A ALAN E OS CAÇADORES

Tinguian

Dois homens foram uma vez caçar porcos selvagens nas montanhas, e depois de algum tempo haviam acertado e matado um com suas lanças, mas não tinham fogo sobre o qual chauscar o porco.

Um homem subiu em uma árvore para ver se havia algum fogo por perto, e vendo fumaça a alguma distância, começou a ir na direção da fumaça. Quando chegou ao lugar, descobriu que o fogo estava na casa de uma *alan*, e ele ficou com muito medo; mas se esgueirando em direção à casa, ele descobriu que a *alan* e seu bebê estavam dormindo profundamente.

Ele se esgueirou na pontinha dos pés, mas ainda assim a *alan* acordou e gritou:

— *Epogow*⁵⁴, o que você quer?!

— Eu queria pegar um pouco de fogo — disse o homem — pois matamos um porco selvagem.

A *alan* deu fogo a ele, e então pegando sua cesta ela foi com o homem até o local onde se encontrava o porco.

Depois de chamuscarem o animal, a *alan* o cortou com suas longas unhas e entregou o fígado para o homem, mandando que ele fosse até a casa dela alimentar o bebê.

Então, o homem partiu, mas no meio do caminho ele comeu o fígado. Ao chegar na casa da *alan*, ele não soube o que fazer. Por algum tempo ele olhou em volta, e ao ver um grande caldeirão de água quente ao fogo, ele atirou o bebê no caldeirão e voltou.

— O bebê comeu bem? — perguntou a *alan*.

— Muito bem — respondeu o homem.

Então ela colocou a maior parte da carne na sua cesta e voltou para casa. Assim que a *alan* sumiu de vista, o homem contou a seu companheiro o que havia feito, e ambos ficaram tão assustados que correram se esconder.

Quando a *alan* chegou em casa e encontrou o bebê morto na água quente, ela ficou com muita raiva e correu imediatamente para encontrar os homens, que, nesse meio tempo, haviam subido em uma árvore alta que ficava perto da água.

A *alan* olhou na água e, vendo o reflexo dos homens, ela tentou alcançá-los com seus longos dedos que apontavam para trás, mas quando não conseguiu encostar neles, ela olhou para cima e os viu em cima da árvore alta.

— Como vocês chegaram aí em cima? — ela gritou, raivosamente.

— Subimos de ponta cabeça — responderam os homens.

A *alan*, determinada a alcançar os homens, começou a subir por um cipó de ponta cabeça, mas antes de chegar até os homens, eles cortaram o cipó e ela caiu no chão e morreu⁵⁵.

Então os homens foram para a casa da *alan*, onde acharam um jarro cheio de miçangas e outro cheio de ouro, e levaram os jarros com eles quando voltaram para casa.

O HOMEM E AS ALAN

Tinguian

Era uma vez um que estava caminhando por uma trilha na floresta quando ouviu um som estranho vindo de uma árvore próxima, e ao olhar para cima ele se assustou ao perceber que era a casa das *alan* — espíritos que vivem nas florestas.

Ele parou e olhou para as criaturas horríveis, tão grandes quanto uma pessoa, penduradas nos galhos das árvores de cabeça para baixo como morcegos. Elas tinham asas para voar, e seus dedos dos pés ficavam em seus calcanhares, enquanto seus longos dedos, que apontavam para trás, saíam dos pulsos.

— Certamente — pensou o homem — esses seres terríveis vão me devorar se conseguirem me pegar. Eu vou correr o quão rápido eu puder enquanto estão dormindo.

Ele se virou para correr, mas estava assustado demais, de forma que caiu de cara no chão depois de alguns passos.

Com isso, as *alan* começaram a se lamentar muito alto, pois acreditavam que ele havia morrido. Elas desceram da árvore com ouro e miçangas que colocaram por cima do corpo dele.

Depois de um tempo, o homem juntou coragem e, pulando, gritou tão alto quanto podia:

— Vão embora!

As *alan* não se moveram, mas olharam para ele e disseram:

— Nos dê uma miçanga *nagaba*⁵⁶ e você pode ficar com o resto.

Quando o homem se recusou a fazer isso, elas ficaram com raiva e deram as costas para ele, gritando:

— Então nós vamos incendiar a sua casa, pois você é um homem muito ruim.

Depois disso o homem correu para casa o mais rápido que pôde, mas logo depois disso a casa pegou fogo, pois as *alan* cumpriram sua palavra.

SOGSOGOT

Tinguian

Um dia, muito tempo atrás, alguns homens foram às montanhas para caçar cervos e porcos selvagens, e entre eles havia um homem chamado Sogsogot.

Todos eles entraram na floresta espessa para buscar a caça, mas depois de um tempo Sogsogot chamou seu cachorro e se retirou para uma clareira ali perto, onde esperou pelos cervos.

Enquanto ele estava de pé na clareira, esperando ansiosamente, um grande pássaro⁵⁷ mergulhou, o pegou em suas garras, e voou para longe. O pássaro voou para longe, além das montanhas, até finalmente chegar a uma grande árvore na qual fazia seu ninho, e lá ele deixou o homem e voou para longe novamente.

O primeiro pensamento de Sogsogot foi de escapar, mas descobriu que a árvore era tão alta que ele não conseguia descer, e depois de um tempo ele desistiu de fugir e começou a cuidar de seus companheiros de ninho: dois jovens passarinhos e três porquinhos.

Aos poucos ele começou a ficar com fome, então ele fatiou os porquinhos, e depois de comer tudo que podia, ele alimentou os dois passarinhos. Quando essa carne havia acabado, o pássaro-mãe trouxe mais porcos e cervos, e o homem tinha tudo quanto quisesse comer. E ele alimentava os pássaros, que cresceram muito rápido e logo eram capazes de voar. Um dia, quando eles estavam na borda do ninho, Sogsogot se agarrou nas pernas dos pássaros, e eles voaram e o carregaram em segurança para o chão.

Ele correu para casa o mais rápido que pôde, e contou às pessoas sobre sua viagem maravilhosa. Eles fizeram uma cerimônia para os espíritos, e todos se alegraram por terem reencontrado o homem que haviam considerado como perdido.

Algum tempo depois disso, Sogsogot foi para uma cidade inimiga lutar, e enquanto estava longe, sua esposa morreu. No caminho de volta para casa ele encontrou o espírito de sua esposa levando uma vaca e dois porcos, e sem saber que ela era um espírito, ele lhe perguntou aonde ela estava indo.

— Não sou mais uma pessoa — respondeu ela — estou morta.

E quando ele tentou tocar na mão dela, ela deu a ele apenas o dedo mindinho. Ele implorou para ir com ela, então ela disse:

— Primeiro vá para nossa casa e pegue uma galinha branca; então siga as pegadas da vaca e dos porcos.

Ele fez conforme ela havia mandado, e depois de um tempo ele chegou a um lugar onde ela se banhava no rio. Ela disse para ele:

— Agora você pode vir comigo para a cidade dos espíritos⁵⁸. Eu vou te esconder no cesto de arroz e irei te levar comida todos os dias. Mas à noite o povo da cidade vai querer te devorar, e quando eles vierem

até o cesto de arroz você deve arrancar penas da galinha branca e jogar neles.

O homem foi com ela, e quando chegaram à cidade dos espíritos ela o escondeu no cesto de arroz. À noite as pessoas da cidade vinham devorá-lo, como ela havia dito que fariam; mas então ele jogava as penas neles e eles se assustavam e fugiam.

Por duas semanas Sogsogot viveu nesse lugar, mas quando as penas estavam quase acabando ele ficou com medo de continuar lá, pois todas as noites os espíritos tentavam devorá-lo. Ele implorou à sua esposa que o deixasse partir, e finalmente ela mostrou para ele como voltar para casa, dando a ele arroz para comer na jornada.

Assim que ele chegou em casa e perguntou sobre sua esposa, as pessoas disseram para ele que ela havia morrido e estava enterrada debaixo da casa. Então ele soube que havia sido o espírito dela que o havia levado para aquela cidade estranha.

PRESENTES POR ENGANO

Tinguián

Quando Siagon tinha aproximadamente oito anos de idade, seus pais começaram a procurar por uma menina que pudesse ser sua esposa. Quando finalmente se haviam decidido sobre uma bela donzela, que vivia a alguma distância deles, enviaram um homem para perguntar aos pais dela se eles gostariam de aceitar Siagon como seu genro.

Quando o homem chegou na casa da menina, as pessoas estavam sentadas no chão comendo caramujos⁵⁹, e conforme eles sugavam a carne das conchas, eles acenavam com a cabeça. O homem, olhando pela porta, vendo eles acenarem com a cabeça, pensou que estavam acenando positivamente para ele. Então não lhes contou sobre sua tarefa, mas voltou rapidamente para os pais do menino e disse que todas as pessoas da casa da menina eram muito favoráveis à união.

Os pais de Siagon ficaram muito felizes que sua proposta havia sido recebida com tanta gentileza, e imediatamente se prepararam para ir à casa da menina arranjar o casamento.

Finalmente, tudo estava pronto e partiram em direção à casa dela, levando com eles presentes para os pais dela: dois *carabaos*, dois cavalos, duas vacas, quatro chaleiras de ferro, dezesseis jarros de *basi*, dois cobertores, e dois porquinhos.

A surpresa dos pais da menina foi indescritível ao verem tudo isso chegar em sua casa, pois não haviam nem pensado na possibilidade de Siagon casar-se com sua filha!⁶⁰

O MENINO QUE VIROU UMA PEDRA

Tinguian

Era uma vez um menino chamado Elonen, que estava sentado no jardim fazendo um laço para pegar pássaros, e conforme ele trabalhava, um passarinho o chamou:

— *Tik-tik-lo-den*⁶¹.

— Eu estou fazendo um laço para pegar você — disse o menino; mas o pássaro continuou a chamar até que a armadilha estivesse pronta.

Então Elonen correu e atirou o laço em volta do passarinho e o pegou, e ele colocou o animal em um jarro em sua casa enquanto foi nadar com outros meninos.

Enquanto ele estava fora, a sua vó ficou com fome, então ela comeu o pássaro, e quando Elonen voltou e descobriu que seu pássaro havia sumido, ele ficou tão triste que desejou fugir e nunca mais voltar. Ele foi para a floresta e andou uma longa distância, até que finalmente chegou a uma grande pedra e disse:

— Ó pedra, abra sua boca e me devore.

E então a pedra abriu sua boca e engoliu o menino.

Quando a vó deu por falta do menino, ela saiu e procurou por ele em todos os lugares, esperando encontrá-lo. Finalmente ela passou perto da pedra e a pedra gritou:

— Aqui está ele!

A velha tentou abrir a pedra mas não conseguiu, então ela chamou os cavalos para virem ajudá-la. Eles vieram e deram coices, mas não conseguiram quebrar a pedra. Então ela chamou os *carabaos*, e eles deram chifradas na pedra, mas apenas quebraram seus chifres. Ela chamou as galinhas, que deram bicadas, e o trovão, que sacudiu a pedra, mas nada conseguia abri-la, e ela teve que ir para casa sem o menino.

A TARTARUGA E O LAGARTO

Tinguian

Era uma vez uma tartaruga e um grande lagarto que foram juntos ao campo de Gotgotapa roubar gengibre⁶². Quando chegaram ao lugar, a tartaruga disse ao lagarto:

— Devemos ficar muito quietos, senão o homem vai nos ouvir e sair.

Mas assim que o lagarto provou o gengibre, ele ficou tão feliz e disse:

— O gengibre de Gotgotapa é bom demais.

— Fique quieto — disse a tartaruga; mas o lagarto não deu ouvidos ao aviso, e gritou mais alto do que nunca:

— O gengibre de Gotgotapa é bom demais!

E assim o lagarto gritou repetidamente, até que finalmente o homem o ouviu e saiu da casa para pegar os ladrões.

A tartaruga não conseguia correr rápido, então ela ficou muito quieta, sem se mexer, e o homem não a viu. Mas o lagarto correu e o homem correu atrás dele. Quando estavam fora de vista, a tartaruga foi à casa e se escondeu debaixo de uma casca de coco na qual o homem costumava sentar-se⁶³.

O homem perseguiu o lagarto por muito tempo, mas não conseguiu capturá-lo. Depois de um tempo ele voltou para casa e se sentou na casca.

Depois de certo tempo, a tartaruga deu um grito, o que assustou o homem e o fez procurar em sua volta, buscando a fonte do barulho. Mas não conseguiu encontrar, e então se sentou novamente.

A tartaruga gritou mais uma vez, e dessa vez o homem procurou por toda a casa, exceto debaixo da casca de coco, e não conseguiu encontrar a tartaruga. Várias vezes a tartaruga gritou, e finalmente o homem, percebendo que todas suas tentativas haviam fracassado, ficou tão agitado que morreu.

Então a tartaruga fugiu da casa, e não havia ido longe quando encontrou o lagarto novamente. Eles caminharam juntos até que viram mel em uma árvore, e a tartaruga disse:

— Eu vou na frente pegar um pouco de mel.

O lagarto não pôde esperar, e saiu na frente, mas quando pegou o mel, as abelhas vieram e ferroaram ele. Então ele voltou correndo pedir ajuda para a tartaruga.

Depois de um tempo eles encontraram um laço para pássaros, e a tartaruga disse:

— Esse é o fio de prata que meu avô usava no pescoço.

Então o lagarto se apressou para chegar no laço primeiro, mas foi pego na armadilha e ficou preso até um homem vir matá-lo. A sábia

tartaruga então seguiu seu caminho sozinha.

O HOMEM COM OS COCOS

Tinguian

Um dia um homem que havia saído buscar cocos carregou seu cavalo com a fruta. No caminho para casa ele se encontrou com um menino, a quem perguntou quanto tempo levaria para chegar em casa.

— Se você for devagar — disse o menino, observando a carga pesada em cima do cavalo — você vai chegar bem logo; mas se você for rápido, vai levar o dia todo.

O homem não acreditou nessa fala estranha, então apressou seu cavalo. Mas os cocos caíram do cavalo e ele teve que parar para juntá-los. Então ele apressou seu cavalo ainda mais para compensar o tempo perdido, e novamente os cocos caíram. Muitas vezes ele fez isso, e já estava anoitecendo quando ele finalmente chegou em casa⁶⁴.

O CARABAO E A CONCHA

Tinguian

Era um dia muito quente, e um *carabao* foi ao rio para se banhar, onde encontrou uma concha e começaram a conversar.

— Você é muito lerda — disse o *carabao* para a concha.

— Oh, não — respondeu a concha — eu consigo te vencer em uma corrida.

— Então vamos ver — disse o *carabao*.

Então foram para a margem e começaram a correr.

Depois que o *carabao* havia corrido uma longa distância, ele parou e gritou:

— Concha!

E outra concha vivendo no rio respondeu:

— Aqui estou eu!

Então o *carabao*, pensando que era a mesma concha com a qual estava apostando corrida, seguiu correndo.

Algum tempo depois ele parou e chamou novamente:

— Concha!

E novamente outra concha respondeu:

— Aqui estou eu!

O *carabao* ficou surpreso que a concha conseguia acompanhá-lo. Mas ele correu e correu, e toda vez que parou para chamar, outra concha respondia. Mas ele estava determinado a vencer, então continuou correndo até cair morto⁶⁵.

A FRUTA DO JACARÉ

Tinguian

Duas mulheres foram colher frutas de uma videira que pertencia ao jacaré.

— Você deve tomar cuidado para não jogar a casca com suas marcas de mordida onde o jacaré consiga ver — disse uma mulher para a outra enquanto comiam as frutas.

Mas a outra mulher não deu ouvidos e jogou as cascas mostrando marcas de mordida no rio, onde o jacaré as viu.

Então ele logo soube quem havia roubado suas frutas, e ficou com muita raiva. Ele foi até a casa da mulher e disse às pessoas:

— Tragam a mulher para que eu possa devorá-la, pois ela comeu minhas frutas.

— Muito bem — responderam as pessoas — Mas sente-se e espere um pouquinho.

Então colocaram um arador de terra no fogo, e quando o ferro ficou vermelho de tão quente, levaram para a porta e disseram ao jacaré:

— Aqui, coma isso primeiro.

Ele abriu a boca, e eles empurraram o ferro quente goela abaixo, e o jacaré morreu.

DOGEDOG

Tinguian

Dogedog sempre foi muito preguiçoso, e agora que seus pais estavam mortos e não havia ninguém para cuidar dele, ele vivia de maneira muito pobre. Ele não tinha muita coisa para comer. Sua casa era velha e pequena e tão pobre que não tinha nem piso. Ainda assim, ele preferia ficar sentado o dia todo passando o tempo em vez de ir trabalhar para ter mais coisas.

Um dia, contudo, quando a temporada chuvosa estava chegando, Dogedog começou a pensar no quão frio ficaria quando viessem as tempestades, e ele sentiu tanta pena de si mesmo que decidiu construir um piso para sua casa.

Enrolando um pouco de arroz em folha de bananeira para seu jantar, ele pegou seu facão e foi para a floresta cortar bambu. Ele pendurou o pacote de arroz em uma árvore para comer depois; mas enquanto ele estava trabalhando, um gato veio e comeu o arroz. Quando o homem faminto foi buscar sua janta, não havia sobrado nada. Dogedog

voltou para sua casa miserável, que parecia abandonada até mesmo para ele, agora que havia decidido que queria um piso.

No dia seguinte ele voltou à floresta e pendurou seu arroz em uma árvore como havia feito no dia anterior, e novamente o gato veio e comeu. Então o homem teve que ir para casa sem jantar.

No terceiro dia ele levou o arroz, mas dessa vez colocou também uma armadilha na árvore, de forma que quando o gato veio roubar o arroz, ele foi pego na armadilha.

— Te peguei agora! — gritou o homem quando encontrou o gato — E eu vou te matar por roubar meu arroz!

— Oh, não, não me mate! — implorou o gato — Não me mate, e eu te ajudarei.

Então Dogedog decidiu poupar a vida do gato, e o levou para casa e o amarrou perto da porta para cuidar da sua casa.

Algum tempo depois, quando ele voltou a olhar para o gato, ele se surpreendeu muito ao descobrir que o gato havia virado um galo.

— Agora eu posso ir à rinha de galo de Magsingal! — gritou o homem, e ficou muito contente, pois preferia fazer isso do que trabalhar.

Esquecendo sua decisão de pegar madeira para fazer o piso, ele partiu imediatamente para Magsingal com o galo debaixo do seu braço. Enquanto cruzava o rio, ele encontrou um jacaré que o chamou:

— Aonde você está indo, Dogedog?

— Para a rinha de galo em Magsingal — respondeu o homem, acariciando o galo.

— Espere, e eu vou com você — disse o jacaré, saindo da água.

Os dois foram caminhando juntos e logo chegaram a uma floresta onde encontraram um cervo, que perguntou:

— Aonde você está indo, Dogedog?

— Para a rinha de galo em Magsingal — respondeu o homem.

— Espere, e eu vou com você — respondeu o cervo, e ele também se juntou a eles.

Logo eles encontraram um monte de terra que havia sido erguido por formigas, e eles teriam passado sem percebê-lo se não tivessem ouvido:

— Aonde você está indo, Dogedog?

— Para a rinha de galo em Magsingal — respondeu o homem novamente, e o monte de terra se juntou a eles.

O grupo prosseguiu adiante, e quando estavam prestes a sair da floresta, passaram por uma grande árvore na qual habitava um macaco.

— Aonde você está indo, Dogedog? — gritou o macaco. E, sem esperar por uma resposta, ele desceu da árvore e se juntou a eles.

Conforme eles caminhavam juntos eles conversavam, e o jacaré disse a Dogedog:

— Se qualquer homem quiser mergulhar na água, eu posso ficar debaixo da água por mais tempo do que ele.

Então o cervo, não querendo ficar para trás, disse:

— Se qualquer homem quiser correr, eu posso correr mais rápido.

O monte de terra, ansioso para mostrar sua força, disse:

— Se qualquer homem quiser lutar, eu posso vencê-lo.

E o macaco disse:

— Se qualquer homem quiser subir em árvores, eu posso subir mais alto.

Logo eles chegaram em Magsingal e as pessoas estavam prontas para começar a rinha. Quando Dogedog colocou seu galo, que havia sido um gato, no fosso, ele rapidamente matou o outro galo, pois usava suas garras como se fosse um gato.

As pessoas trouxeram mais galos e apostaram muito dinheiro, mas o galo de Dogedog matou todos os outros até que não houvesse mais nenhum em Magsingal, e Dogedog ganhou muito dinheiro. Então eles saíram da cidade e trouxeram todos os galos que puderam encontrar, mas nenhum deles pôde derrotar o galo de Dogedog.

Quando todos os galos estavam mortos, as pessoas quiseram algum outro esporte, então trouxeram um homem que podia ficar muito tempo debaixo d'água, e Dogedog o fez competir com o jacaré. Mas depois de um tempo, o homem teve que subir para pegar ar, e perdeu.

Depois, trouxeram um corredor muito rápido e ele apostou corrida com o cervo, mas o homem foi rapidamente deixado para trás. Então, procuraram em volta até encontrarem um homem muito grande que estivesse disposto a competir com o monte de terra, mas depois de uma luta difícil, o homem foi atirado ao chão.

Finalmente trouxeram um homem que conseguia escalar mais alto do que qualquer outro, mas o macaco subiu muito mais do que ele, e ele teve que desistir.

Todas essas competições trouxeram muita riqueza a Dogedog, e agora ele teve que comprar dois cavalos para carregar todos seus sacos de prata. Tão logo ele chegou em sua cidade, ele comprou a casa de um homem muito rico e foi viver nela. E ele ficou muito feliz, pois não precisava trabalhar mais⁶⁶.

A CRIAÇÃO

Igorot

No começo, não havia pessoas na Terra. Lumawig⁶⁷, o Grande Espírito, veio do céu e cortou muitos juncos⁶⁸. Ele os dividiu em pares que plantou em diferentes lugares do mundo, e disse a eles:

— Vocês devem falar.

Imediatamente, os juncos se transformaram em pessoas, e em cada lugar havia um homem e uma mulher que podiam falar, mas a linguagem de cada casal diferia dos outros.

Então Lumawig comandou que cada homem e mulher se casasse, o que eles fizeram. Aos poucos foram nascendo muitas crianças, todas falando a mesma linguagem que seus pais. Essas, por sua vez, se casaram e tiveram muitas crianças. Dessa maneira, vieram a existir muitas pessoas na Terra.

Agora, Lumawig viu que havia muitas coisas que as pessoas da Terra precisavam usar, então começou a trabalhar para fornecer para elas. Ele criou o sal, e disse aos habitantes de um dos lugares para fervê-

lo e vender aos seus vizinhos. Mas esse povo não conseguiu entender as direções do Grande Espírito, e na próxima vez que ele os visitou, ainda não haviam tocado no sal.

Então ele tirou o sal deles e o levou para o povo de um lugar chamado Mayinit⁶⁹. Essas pessoas fizeram como ele havia mandado, e por causa disso ele lhes disse que sempre deveriam ser os donos do sal, e que os outros povos deveriam comprá-lo deles.

Então Lumawig foi ao povo de Bontoc e lhes disse para pegar argila e fazer potes. Eles pegaram a argila, mas não entenderam como moldá-los, e os potes ficaram deformados. Por causa de seu fracasso, Lumawig lhes disse que sempre teriam que comprar seus jarros, e levou os objetos de cerâmica para Samoki⁷⁰. Quando ele disse ao povo de lá o que fazer, eles fizeram conforme havia sido dito, e seus jarros eram bem formados e belos. Então o Grande Espírito viu que eles eram dignos de cuidarem da cerâmica, e disse a eles que sempre fizessem muitos jarros para vender.

Dessa forma, Lumawig ensinou ao povo e os levou todas as coisas que agora possuem.

A HISTÓRIA DA ENCHENTE

Igorot

Era uma vez, quando o mundo era plano e não havia montanhas, dois irmãos, filhos de Lumawig, o Grande Espírito. Os irmãos gostavam de caçar, e como não havia montanhas, não havia bons lugares para pegar porcos selvagens e cervos, e o irmão mais velho disse:

— Vamos fazer com que a água corra por todo o mundo e o cubra, e então as montanhas vão se erguer⁷¹.

Então eles fizeram que a água fluísse por toda a Terra, e quando estava coberta de água eles pegaram a cesta de cabeças⁷² da cidade e a usaram para fazer uma armadilha. Os irmãos ficaram muito contentes quando viram sua armadilha, pois havia pegado não só muitos porcos selvagens e cervos como também muitas pessoas.

Agora Lumawig olhou para baixo de seu lugar nos céus e viu que seus filhos haviam coberto o mundo de água e que havia apenas um lugar, em todo o mundo, que não estava inundado. E ele viu que todas as

pessoas do mundo haviam se afogado, com a exceção de um casal de irmãos que vivia em Pokis.

Então Lumawig foi à Terra, e chamou ao menino e a menina, dizendo:

— Oh, vocês ainda estão vivos.

— Sim — respondeu o menino — estamos vivos, mas estamos com muito frio.

Então Lumawig comandou que seu cachorro e seu cervo fossem buscar fogo⁷³ para o menino e a menina. O cão e o cervo foram nadando rápido, mas embora Lumawig tenha esperado por muito tempo, eles não retornaram, e o menino e a menina estavam ficando mais velhos conforme passava o tempo.

Finalmente, Lumawig resolveu ir buscar o cachorro e o cervo em pessoa, e quando os alcançou ele disse:

— Por que demoraram tanto para levar o fogo para Pokis? Se apressem e venham logo enquanto eu os vigio, pois o menino e a menina estão com muito frio.

Então o cão e o cervo pegaram o fogo e começaram a nadar pela enchente, mas quando haviam nadado apenas um pouco, o fogo se apagou.

Lumawig ordenou que buscassem mais fogo e eles o fizeram, mas ao nadar um pouquinho, o fogo do cervo se apagou, e o fogo do cachorro teria se apagado também se Lumawig não tivesse o tomado rapidamente.

Assim que Lumawig chegou em Pokis ele construiu uma fogueira que aqueceu o irmão e a irmã; e a água evaporou fazendo com o que o mundo voltasse a ser como era antes, exceto que agora havia montanhas. Os irmãos se casaram e tiveram filhos, e assim muitas pessoas voltaram a popular a terra.

LUMAWIG NA TERRA

Igorot

Um dia Lumawig, o Grande Espírito, olhou para a Terra do lugar onde morava no céu e viu duas irmãs colhendo feijões. E ele decidiu descer e visitá-las. Ao chegar no lugar onde estavam, ele perguntou o que elas estavam fazendo. A mais jovem, cujo nome era Fukan, respondeu:

— Estamos colhendo feijões, mas leva muito tempo para conseguir feijões o bastante, porque minha irmã quer ir tomar banho o tempo todo.

Então Lumawig disse à irmã mais velha:

— Me dê uma vagem de feijão.

E quando ela deu a vagem a ele, ele a descascou na cesta e imediatamente a cesta se encheu. Então ele disse à irmã mais nova:

— Vá para casa e busque mais três cestas.

Ela foi para casa, mas quando pediu por mais três cestas, sua mãe disse que havia poucos feijões e ela não ia precisar de tantas cestas.

Então Fukan contou sobre o jovem que podia encher uma cesta a partir de uma única viagem de feijão, e o pai, que ouviu a história, disse:

— Vá trazer aquele homem aqui, pois eu acho que ele deve ser um deus.

Então Fukan levou as três cestas de volta para Lumawig, e quando ele as havia enchido como fez com a primeira, ele ajudou as meninas a levarem as cestas para casa. Conforme chegaram à casa, ele parou do lado de fora para se refrescar, mas o pai o chamou e ele subiu para a casa e pediu um pouco de água. O pai trouxe um casco de coco cheio, e antes de tomar Lumawig olhou para o casco e disse:

— Se eu ficar aqui com vocês, eu vou me tornar muito forte.

Na manhã seguinte, Lumawig pediu para ver as galinhas da família, e quando abriram o galinheiro de lá saiu uma galinha e muitos pintinhos.

— Essas são todas as suas galinhas? — perguntou Lumawig; e o pai lhe assegurou de que eram todas. Então ele pediu que trouxessem farelo de arroz para alimentar as galinhas, e conforme as galinhas comeram elas cresceram rapidamente até se tornarem galos e galinhas adultas.

A seguir Lumawig perguntou quantos porcos tinham, e o pai respondeu que tinham apenas uma porca com alguns filhotinhos. Então Lumawig pediu que enchessem um balde com folhas de batata doce e ele alimentou os porcos. E conforme comeram, também cresceram até ficarem adultos.

O pai ficou tão grato com todas essas coisas que ofereceu sua filha mais velha para ser esposa de Lumawig. Mas o Grande Espírito disse que preferia se casar com a filha mais jovem; e então o casamento foi arranjado. Quando o cunhado soube que Lumawig desejava um banquete no casamento, ele ficou com raiva e disse:

— Onde você iria arranjar comida para um banquete? Não há arroz, nem carne de vaca, nem carne de porco, nem galinha.

Mas Lumawig apenas respondeu:

— Eu vou prover nosso banquete de casamento.

Na manhã seguinte eles partiram para Lanao, pois Lumawig não quis ficar mais na casa com seu cunhado. Tão logo eles chegaram, Lumawig mandou as pessoas buscarem troncos de árvore, mas as árvores que as pessoas cortaram eram tão pequenas que Lumawig foi em pessoa à floresta cortar dois grandes pinheiros e depois os arremessou para Lanao.

Quando as pessoas haviam feito uma fogueira usando os troncos das árvores, ele mandou que trouxessem dez chaleiras cheias de água. Assim que a água começou a ferver, o cunhado riu e disse:

— Onde está seu arroz? Você tem a água fervente, mas parece que não pensou no arroz.

Em resposta a isso, Lumawig pegou uma pequena cesta de arroz e a passou por cinco chaleiras e elas se encheram. Então ele chamou:

— *Yishtjau!*

E cervos vieram correndo da floresta. Esses não eram o que ele queria, contudo, então ele gritou novamente e vieram alguns porcos. Ele disse às pessoas que cada um deveria pegar um porco, e para seu cunhado ele escolheu o maior e melhor.

Todos saíram em perseguição dos porcos e os outros rapidamente pegaram seus porcos, mas por mais que o cunhado perseguisse seu porco até ficar muito cansado, não conseguiu pegá-lo. Lumawig riu dele e disse:

— Você seguiu o porco até ele ficar magro, e mesmo assim não conseguiu pegá-lo, embora todos os outros tenham pegado os seus.

Então ele pegou as pernas traseiras do porco e o ergueu. Todas as pessoas riram, e o cunhado disse:

— É claro que você conseguiu pegá-lo, eu corri atrás dele até que ele ficasse cansado.

Lumawig então entregou o porco e disse:

— Aqui, carregue você.

Mas assim que o cunhado colocou o porco no ombro, ele se soltou e fugiu.

— Por que você o deixou fugir? — perguntou Lumawig — Você não se importa com ele, mesmo depois de eu pegá-lo para você? Pegue-o novamente e o traga aqui.

Então o cunhado começou a perseguir o porco novamente, correndo para lá e para cá, mas não conseguiu pegar o porco. Finalmente Lumawig se abaixou, pegou o porco e o levou para o lugar onde os outros estavam cozinhando.

Depois que todos haviam comido e bebido e feito suas oferendas aos espíritos, Lumawig disse:

— Venham, vamos às montanhas consultar o presságio sobre os povos do norte.

Então consultaram o presságio, mas não era favorável, e começaram a ir para casa quando o cunhado pediu a Lumawig que criasse água, pois estavam com calor e com sede.

— Por que você não cria água, Lumawig? — repetiu ele, pois Lumawig havia ignorado seus pedidos — Você não se importa se as pessoas passam sede e precisam de bebida.

Então eles brigaram e ficaram com muita raiva, e Lumawig disse às pessoas:

— Vamos nos sentar e descansar.

Enquanto descansavam, Lumawig bateu em uma pedra com sua lança e saiu água⁷⁴. O cunhado se apressou para beber primeiro, mas Lumawig o segurou e disse que deveria ser o último a beber. Então todos eles beberam, e quando haviam terminado, o cunhado se levantou, mas Lumawig o empurrou de forma que ele ficou preso na pedra, e água começou a sair do corpo dele.

— Você deve ficar aqui — disse Lumawig — pois me incomodou demais.

E partiram para casa, deixando o cunhado preso na pedra.

Algum tempo depois, Lumawig decidiu voltar para onde morava no céu, mas antes de ir ele cuidou para que sua esposa tivesse um lar. Ele fez um caixão de madeira⁷⁵ e a colocou no caixão com um cão a seus pés e um galo em sua cabeça. Ao colocar o caixão para flutuar na água⁷⁶, disse a ele para não parar até chegar em Tinglayan. Então, se a parte de baixo batesse primeiro, o cachorro ia latir; e se a parte de cima batesse primeiro, o galo ia cantar. Assim o caixão flutuou, sem parar, até chegar em Tinglayan.

Um viúvo estava afiando seu machado na margem do rio, e quando viu o caixão parar, ele o pescou para fora da água. Na margem ele começou a abri-lo, mas Fukan gritou:

— Não enfie uma cunha, pois eu estou aqui dentro!

Então o viúvo abriu o caixão com cuidado e levou Fukan para a cidade. Como ele não tinha mais esposa, ele se casou com ela.

COMO A PRIMEIRA CABEÇA FOI TIRADA⁷⁷

Igorot

Um dia a Lua, que era uma mulher chamada Kabigat, estava sentada no jardim fazendo uma panela grande de cobre. O cobre ainda estava macio e fácil de moldar como argila, e a mulher estava agachada no chão com a panela pesada sobre seus joelhos enquanto batia nela para moldá-la⁷⁸.

Enquanto ela trabalhava, um filho de Chal-chal, o Sol, veio e parou para assistir ela moldar a forma da panela. Contra a parte de dentro do jarro ela pressionou uma pedra, enquanto batia na parte de fora com uma colher de madeira pingando água, até que havia tirado todas as protuberâncias e formado uma superfície lisa.

O menino estava muito interessado assistindo o jarro ficar maior, mais bonito, e mais liso com cada batida, e ficou parado por um tempo.

Subitamente, a Lua olhou para cima e viu que ele estava assistindo. Imediatamente ela bateu nele com a colher, cortando fora a cabeça dele.

O Sol não estava por perto, mas ele soube assim que a Lua havia cortado fora a cabeça de seu filho. Correndo para o lugar onde isso havia ocorrido, ele colocou a cabeça do filho de volta no lugar e ele voltou à vida.

Então o Sol disse à Lua:

— Você cortou fora a cabeça do meu filho, e por isso as pessoas da Terra irão cortar as cabeças umas das outras para sempre.

A ÁGUIA-SERPENTE⁷⁹

Igorot

Era uma vez dois meninos cuja mãe os enviava para a floresta pegar madeira⁸⁰ para fazer uma fogueira. Toda manhã, na hora que eles partiam, ela dava um pouco de comida para a viagem, mas era sempre uma refeição pobre e pequena, e ela dizia:

— A madeira que vocês trouxeram ontem era tão pobre que eu não posso dar-lhes muito de comer hoje.

Os meninos se esforçavam muito para agradá-la, mas se trouxessem boa madeira de pinheiro ela brigava com eles, e se eles trouxessem juncos grandes e secos ela dizia:

— Esses não prestam para o meu fogo, pois deixam muitas cinzas pela minha casa.

Por mais que tentassem, não conseguiam satisfazer as vontades dela; e seus corpos ficaram muito magros por trabalharem duro todos os dias e terem pouco para comer.

Uma manhã, quando saíram para as montanhas, a mãe deu a eles um pouco de carne de cachorro para comer, e os meninos ficaram muito tristes. Quando chegaram na floresta, um deles disse:

— Espere aqui enquanto eu subo na árvore e corto os galhos.

Ele subiu na árvore e gritou:

— Aqui vai um pouco de madeira! — e os ossos dos seus braços caíram para o chão.

— Oh! — gritou o irmão — Esse é seu braço!

— Aqui vai mais madeira! — gritou o outro, e o outro braço caiu no chão.

Então ele gritou novamente, e caíram os ossos de sua perna, então os ossos da sua outra perna, e assim continuou até que todos os ossos do seu corpo estivessem no chão.

— Leve os ossos para casa — disse ele — e diga àquela mulher que aqui está a madeira dela; ela só queria os meus ossos.

O menino mais novo ficou muito triste, pois ficou sozinho, e não havia ninguém para descer a montanha com ele. Ele juntou o monte de madeira, se perguntando o que deveria fazer, mas assim que havia terminado uma águia-serpente chamou da copa das árvores:

— Eu irei contigo, irmão.

Então o menino colocou o monte de madeira no seu ombro, e enquanto descia a montanha, seu irmão, que agora era uma águia-serpente, voou por cima da cabeça dele. Quando chegou em casa, ele colocou o monte de madeira no chão e disse para sua mãe:

— Aqui está sua madeira.

Quando ela olhou para o monte, ela se assustou muito e saiu correndo de casa.

Então a águia-serpente voou em círculos por cima da cabeça dela e gritou:

— Quiukok! Quiukok! Quiukok! Eu não preciso mais da sua comida!

OS HOMENS TATUADOS⁸¹

Igorot

Era uma vez dois jovens, muito bons amigos, que estavam infelizes porque nenhum deles havia sido tatuado ainda⁸². Eles temiam que não fossem tão bonitos quanto seus amigos.

Um dia eles decidiram que um ia tatuar o outro. Um marcou o peito e as costas do outro, os braços e as pernas, e até mesmo seu rosto. E quando ele havia terminado, ele esfregou cinzas do fundo de uma panela em todas as marcas; e estava lindamente tatuado.

O que havia feito o trabalho disse ao outro:

— Agora, meu amigo, você está muito bonito, e você deve me tatuar também.

Então o tatuado pegou uma grande pilha de cinzas escuras das panelas, e antes que o outro percebesse o que estava para acontecer, ele havia esfregado todo o corpo do seu amigo da cabeça aos pés; e seu amigo ficou com a pele escura e oleosa. O que havia sido coberto de cinzas ficou com muita raiva e gritou:

— Por que você me trata assim, uma vez que eu te tatuei com tanto cuidado?

Eles começaram a brigar, mas subitamente o homem que estava belamente tatuado se transformou em um grande lagarto que saiu correndo e se escondeu na grama alta, enquanto o homem que estava coberto de cinzas se transformou em um corvo e voou por cima da vila⁸³.

TILIN, O PÁSSARO DE ARROZ⁸⁴

Igorot

Um dia, quando uma mãe estava batendo arroz para fazer janta, sua filhinha correu para ela e gritou:

— Ó, mãe, me dê um pouco do arroz cru para comer.

— Não — respondeu a mãe — não faz bem para você até ser cozido. Espere pelo jantar.

Mas a menininha insistiu até que a mãe, sem paciência, gritou:

— Fique quieta! Não faz bem para você ficar falando tanto!

Quando ela havia finalmente terminado de bater o arroz, a mulher o despejou em uma peneira de arroz e o jogou muitas vezes para o alto. Assim que as palhas haviam sido separadas, ela colocou o arroz em uma cesta e o cobriu com a peneira. Então ela colocou o jarro na sua cabeça, e partiu em direção à fonte buscar água.

A menininha gostava de ir à fonte com sua mãe, pois adorava brincar na água gelada, enquanto a mãe enchia os jarros. Mas dessa vez ela não foi, e assim que a mulher estava fora de vista, ela correu para a cesta de arroz. Ela colocou a mão para pegar um punhado de arroz, mas a tampa escorregou e a menina caiu para dentro da cesta.

Quando a mãe voltou para a casa, ela ouviu um pássaro cantando:

— King, king, nik! Nik! Nik!

Ela ouviu com cuidado, pois o som parecia vir da cesta, e ela levantou a tampa. Para sua surpresa, da cesta saiu um passarinho marrom, e conforme ele voou para longe, gritava:

— Tchau tchau, mamãe; tchau tchau, mamãe. Você não me deu nada do arroz para comer.

COMO A LUA E AS ESTRELAS VIERAM A EXISTIR

Bukidnon

Um dia, na época em que o céu era próximo do chão, uma tecelã saiu bater arroz⁸⁵. Antes de começar seu trabalho, ela tirou as miçangas de seu pescoço e o pente de seu cabelo, e os pendurou no céu, que nessa época parecia rochas de corais.

Então ela começou a trabalhar e, cada vez que ela levantava o pilão, ele batia no céu. Por algum tempo ela bateu o arroz, e então ela levantou o pilão bem alto, de forma que bateu no céu com muita força.

Imediatamente o céu começou a subir⁸⁶, e subiu tão alto que ela perdeu seus ornamentos. Eles nunca caíram, pois o pente se tornou a lua e as miçangas são as estrelas que estão espalhadas pelo céu.

A HISTÓRIA DA ENCHENTE

Bukidnon

Muito tempo atrás havia um grande caranguejo⁸⁷ que rastejava para o mar. E quando ele entrava no mar, ele agitava a água que entrou por toda a Terra e a inundou.

Uma lua antes de isso acontecer, um sábio disse ao povo que eles deviam construir uma grande jangada⁸⁸. Eles fizeram como havia sido mandado e cortaram muitas árvores, até que tinham o suficiente para fazer três camadas. Essas eles amarraram juntas bem forte, e quando a jangada estava pronta, a prenderam em um grande poste na terra usando corda de *rattan*⁸⁹.

Logo depois disso, vieram as enchentes. Água branca jorrava das colinas, e o mar subiu e cobriu até mesmo as maiores montanhas. As pessoas e os animais na jangada ficaram a salvo, mas todos os outros se afogaram.

Quando as águas abaixaram e a jangada voltou ao chão, eles estavam perto da sua antiga casa, pois a corda de *rattan* a havia segurado firme.

Mas essas foram as únicas pessoas que restaram na Terra.

MAGBANGAL⁹⁰

Bukidnon

Magbangal era um bom caçador, e ele frequentemente ia até uma certa colina onde matava porcos selvagens. Uma noite, perto da temporada de plantio, ele estava sentado em sua casa pensando, e depois de muito tempo ele chamou sua esposa. Ela veio até ele, e ele disse:

— Amanhã eu irei à colina e vou limpar a terra para nosso plantio, mas desejo que você fique aqui.

— Ah, me deixe ir contigo — implorou a sua esposa — pois senão você vai ficar sozinho.

— Não — disse Magbangal — eu desejo ir sozinho, e você deve ficar em casa.

Finalmente, a esposa concordou, e na manhã seguinte ela acordou cedo para preparar comida para ele. Quando o arroz estava cozido e o peixe pronto, ela o chamou para ir comer, mas ele disse:

— Não, não desejo comer agora, mas vou voltar esta tarde e você deve ter uma refeição pronta para mim.

Então ele juntou suas dez machadinhas e facas *bolo*⁹¹, uma pedra de amolar, e um tubo de bambu para levar água, e partiu em direção a colina. Ao chegar no seu campo ele cortou algumas árvores pequenas para fazer um pequeno banco. Quando terminou, ele sentou-se no banco e disse às facas *bolo*:

— Vocês, *bolos*, devem se afiar na pedra de amolar. — e as facas *bolo* foram para a pedra e se afiaram sozinhas. Então ele disse para as machadinhas:

— Vocês, machadinhas, devem ser afiadas — e elas também se afiaram sozinhas.

Quando tudo estava pronto, ele disse:

— Agora, *bolos*, vocês cortam os arbustos debaixo das árvores, e vocês machadinhas devem cortar as árvores maiores.

E então suas ferramentas foram trabalhar e, de seu lugar no banco, Magbangal pôde ver o campo sendo limpo.

A esposa de Magbangal estava em casa tecendo uma saia, mas quando ela ouviu as árvores caindo continuamente, ela parou para ouvir e pensou consigo mesma:

— Meu marido deve ter encontrado muitas pessoas para ajudá-lo a limpar nosso terreno. Quando ele saiu daqui, estava sozinho, mas certamente ele não consegue cortar as árvores tão rápido assim sozinho. Eu vou lá ver quem está ajudando.

Ela saiu da casa e andou rapidamente para o campo, mas conforme chegou mais perto, ela foi mais devagar, e finalmente parou atrás de uma árvore. De seu esconderijo, ela pôde ver seu marido dormindo no banco, e ela também pode ver que as facas *bolo* e as machadinhas estavam cortando as árvores sem mãos para guiá-las.

— Oh! — disse ela — Magbangal é muito poderoso. Jamais havia visto *bolos* e machadinhas trabalhando sozinhas, e ele nunca me contou desse poder.

Subitamente ela viu seu marido dando um pulo e, pegando uma *bolo*, ele cortou fora um de seus próprios braços. Então ele acordou, se sentou e disse:

— Alguém deve estar me observando, pois um de meus braços foi cortado fora.

Quando ele viu sua esposa ele soube que ela foi a causa da perda de seu braço, e conforme eles foram embora juntos, ele exclamou:

— Agora eu vou embora. É melhor que eu vá para o céu onde possa dar o sinal ao povo que é hora de plantar; e você deve ir à água e se tornar um peixe.

Logo depois disso, ele foi para o céu e se tornou a constelação Magbangal; e desde então, quando as pessoas veem essas estrelas aparecendo no céu, elas sabem que é época de plantar o arroz.

COMO AS CRIANÇAS VIRARAM MACACOS

Bukidnon

Um dia uma mãe levou suas duas crianças com ela quando foi tingir tecido. Havia um buraco de lama⁹² no qual os *carabaos* gostavam de rolar, e para esse buraco ela levou seus tecidos, alguns potes de tinta, e duas colheres feitas de conchas.

Depois de colocar o tecido na lama para escurecer, ela fez uma fogueira e colocou em cima dela uma panela com água e as folhas usadas para fazer a tintura. Então ela se sentou para esperar a água ferver, enquanto as crianças brincavam por perto.

Certo tempo depois, quando ela foi mexer as folhas com a colher de concha, um pouco da água fervente espirrou na mão dela, e ela deu um pulo e um grito de susto e dor. Isso divertiu as crianças, e elas riram tanto que viraram macacos, e as colheres viraram as caudas delas.⁹³

As unhas dos macacos ainda são pretas, porque enquanto ainda eram crianças eles haviam ajudado sua mãe a tingir os tecidos.

BULANAWAN E AGUIO

Bukidnon

Langgona e sua esposa tiveram meninos gêmeos chamados Bulanawan e Aguio. Um dia, quando tinham mais ou menos dois anos de idade, a mãe levou Bulanawan para o campo com ela quando foi colher algodão. Ela espalhou a fibra que havia colhido no dia anterior no chão para secar perto da criança, e enquanto estava pegando mais, um grande vento subitamente subiu, fazendo o algodão se enrolar no bebê e o levar para longe. O vento levou Bulanawan para uma terra muito distante, e lá ele cresceu. Quando atingiu a idade adulta, ele se tornou um grande guerreiro⁹⁴.

Um dia, quando Bulanawan e sua esposa estavam caminhando pela praia, eles se sentaram para descansar em uma pedra grande e plana, e Bulanawan adormeceu. Aguio, o irmão gêmeo de Bulanawan, também havia se tornado um grande guerreiro, e havia partido para uma jornada para essa terra distante, sem saber que seu irmão estava lá. Aconteceu que ele estava caminhando pela praia em suas roupas de guerra⁹⁵ nesse

mesmo dia, e quando ele viu a mulher sentada na pedra, ele pensou que ela era muito bonita, e decidiu roubá-la para si.

Quando ele se aproximou dela, pediu que ela lhe desse um pouco das nozes de areca do seu marido para mascar, e quando ela se recusou, ele avançou para lutar contra o marido, sem saber que eram irmãos. Assim que sua esposa o acordou, Bulanawan deu um salto, pegou sua esposa, a guardou no punho de sua manga, e avançou para lutar. Aguio ficou com muita raiva ao ver isso, e lutaram até que suas armas estivessem quebradas, e a Terra estremeceu.

Agora, os dois irmãos dos rivais sentiram a Terra tremer e, embora estivessem longe, temiam que seus irmãos estivessem com problemas. Um deles estava nas montanhas e partiu imediatamente para o mar; o outro estava em uma terra distante, mas partiu em um barco para onde estava acontecendo o problema.

Chegaram ao mesmo tempo na batalha, e imediatamente se juntaram a ela. Então a terra começou a tremer com tanta intensidade que Langgona, o pai de Aguio e Bulanawan, buscou o lugar da luta e tentou fazer com que fizessem as pazes. Mas ele pareceu apenas piorar as coisas, pois agora todos começaram a lutar com ele. Tão grande foi o distúrbio que a Terra parecia prestes a cair em pedaços.

Então o pai de Langgona apareceu e resolveu o problema, e quando todos haviam feito as pazes novamente, eles descobriram que Aguio e Bulanawan eram irmãos e netos do pacificador.

ORIGEM

Bagobo

No começo havia um homem e uma mulher, Toglai e Toglison. Seus primeiros filhos eram um menino e uma menina. Quando tiveram idade suficiente, o menino e a menina foram para longe além do oceano procurar um bom lugar para viver. Nada mais se ouviu falar deles até que seus descendentes, os espanhóis e os americanos, voltaram. Depois que o primeiro menino e menina partiram, outras crianças nasceram para o casal, mas todos permaneceram em Cibolan no Monte Apo com seus pais, até que Toglai e Toglison morreram e se tornaram espíritos.

Logo depois disso veio uma grande seca que durou por três anos. Todas as águas secaram, de forma que não havia mais rios, e nenhuma planta sobreviveu.

— Certamente — disseram as pessoas — Manama está nos punindo e devemos ir para outro lugar buscar comida e moradia.

Então partiram. Dois foram na direção do pôr do sol, levando consigo pedras do Rio Cibolan. Depois de uma longa jornada chegaram

a um lugar onde havia largos campos de caniço-branco e uma abundância de água, e lá fizeram seu lar. Seus filhos ainda vivem nesse lugar e se chamam Magindanao, por causa das pedras que o casal carregou consigo quando partiram de Cibolan.

Dois filhos de Toglai e Toglison foram ao sul, procurando um lar, e levaram consigo as cestas *baraan* das mulheres. Quando acharam um bom lugar, eles se estabeleceram. Seus descendentes, que ainda moram naquele lugar, se chamam Baraan ou Bilaan, por causa das cestas das mulheres.

Então par a par dos filhos do primeiro casal deixaram o lugar de seu nascimento. E em cada lugar onde se estabeleceram um novo povo se desenvolveu, e foi assim que cada um dos povos do mundo recebeu seus nomes das coisas que as pessoas levaram de Cibolan, ou dos lugares onde haviam se estabelecido.

Todas as crianças saíram do Monte Apo exceto por duas, um menino e uma menina, cuja fome e sede os fizera fracos demais para viajar. Um dia, quando estavam prestes a morrer, o menino se arrastou para o campo para ver se havia sobrevivido alguma coisa, e para sua surpresa, encontrou uma cana-de-açúcar crescendo vigorosamente. Ele cortou a cana, e dela saiu tanta água que ele e sua irmã puderam se refrescar até que as chuvas viessem. Por causa disso, seus filhos são chamados de Bagobo⁹⁶.

LUMABET

Bagobo

Logo depois que as pessoas foram criadas na Terra, nasceu uma criança chamada Lumabet, que viveu até se tornar um homem muito velho. Ele podia falar quando já tinha um dia de idade, e por toda a sua vida ele fez coisas maravilhosas até que as pessoas começaram a acreditar que ele havia sido enviado por Manama, o Grande Espírito.

Quando Lumabet ainda era jovem, ele tinha um belo cachorro, e não havia nada que ele gostasse mais do que levar seu cachorro consigo para caçar nas montanhas. Um dia o cão avistou um cervo branco. Lumabet e seus companheiros começaram a persegui-lo, mas o cervo era rápido demais e não conseguiram pegá-lo. Correram atrás dele sem parar, até que deram a volta no mundo, e ainda assim o cervo continuava na frente. Seus companheiros desistiram da perseguição um por um, mas Lumabet não desistiria até que pegasse aquele cervo.

Todo esse tempo ele teve apenas uma banana e uma batata doce para comer, mas cada noite ele plantava as cascas, de forma que na

manhã seguinte ele encontrava uma bananeira com frutas maduras e uma batata doce grande o bastante para comer. Então, ele continuou até que havia dado a volta ao mundo nove vezes, e já era um velho e seu cabelo ficou grisalho. Finalmente ele pegou o cervo, e então chamou todas as pessoas para um grande banquete para verem o animal.

Enquanto estavam festejando, Lumabet mandou que pegassem uma faca e matassem seu pai. Ficaram muito surpresos, mas fizeram como ele tinha mandado, e quando o velho havia morrido, Lumabet abanou sua bandana sobre ele e ele voltou à vida. Oito vezes mataram o velho ao comando de Lumabet, e na oitava vez ele já estava pequeno como um garoto, pois cada vez cortavam fora um pouco da carne dele. Todos ficaram muito maravilhados com o poder de Lumabet, e tiveram certeza de que ele era um deus.

Certa manhã alguns espíritos vieram conversar com Lumabet, e depois que eles foram embora, ele chamou as pessoas para virem à sua casa.

— Não podemos entrar todos de uma vez — disseram as pessoas — pois sua casa é pequena e nós somos muitos.

— Há espaço de sobra — disse ele; e todos entraram e para sua surpresa não ficaram apertados.

Então ele contou a todos que ia partir em uma longa jornada e que todos que acreditassem no seu grande poder deveriam ir com ele, enquanto todos que ficassem para trás seriam transformados em animais e *buso*⁹⁷. Ele partiu, e muitos o seguiram, e foi como ele havia dito. Aqueles que se recusaram a ir com ele imediatamente se transformaram em animais e *buso*.

Ele levou as pessoas para longe além do oceano, até um lugar onde a terra e o céu se encontram. Quando chegaram, viram que o céu se

movia para cima e para baixo como se fosse um homem abrindo e fechando a mandíbula.

— Céu, você deve subir — comandou Lumabet.

Mas o céu não quis obedecer. Então as pessoas não puderam passar. Finalmente, Lumabet prometeu ao céu que se ele deixasse as pessoas passarem, ele podia ficar com o último homem que tentasse passar. Concordando com isso, o céu se abriu e as pessoas entraram. Mas quando os últimos estavam passando o céu se fechou tão subitamente que não só pegou o último homem, mas também o facão do homem anterior.

Naquele mesmo dia, o filho de Lumabet, que estava caçando, não sabia que seu pai tinha ido ao céu. Quando se cansou da perseguição, ele quis ir com seu pai, então apoiou uma flecha contra uma árvore balete e se sentou nela. Lentamente ela começou a descer e o levou até a casa de seu pai, mas quando chegou lá, não encontrou ninguém. Ele procurou aqui e acolá e não conseguiu encontrar nada além de uma arma feita de ouro⁹⁸. Isso fez com que ele ficasse muito triste, ele não sabia o que fazer até que algumas abelhas brancas que estavam na casa viessem falar com ele.

— Você não deve chorar, pois podemos levá-lo ao céu onde está seu pai.

Então ele fez como elas pediram, subiu na arma, e as abelhas voaram para longe com ele, e em três dias eles chegaram no céu.

Embora a maior parte dos homens que haviam seguido Lumabet estivesse contente em viver no céu, havia um homem que estava muito infeliz, e ficava olhando para a Terra abaixo o tempo todo. Os espíritos zombaram dele e quiseram tirar fora seus intestinos para que ele fosse

como eles e nunca morresse, mas ele tinha medo e implorava que deixassem que ele voltasse para casa.

Finalmente, Manama disse aos espíritos que o deixassem ir, então fizeram uma corrente de folhas de caniço-branco e amarraram nas pernas dele. Então o abaixaram lentamente de cabeça para baixo, e quando ele chegou ao chão ele não era mais um homem, mas sim uma coruja⁹⁹.

A HISTÓRIA DA CRIAÇÃO¹⁰⁰

Bilaan

No começo de tudo havia um ser que era tão grande que não podia ser comparado com nenhuma coisa conhecida. Seu nome era Melu¹⁰¹, e quando ele se sentava nas nuvens, que eram seu lar, ele ocupava todo o espaço acima. Seus dentes eram de ouro puro, e porque ele gostava muito de limpeza, estava sempre esfregando suas mãos pelo seu corpo, o que fez com que sua pele ficasse branca como a neve. A pele morta que ele esfregava de seu corpo¹⁰² era colocada em uma pilha ao seu lado, e aos poucos a pilha ficou tão grande que ele se irritou e começou a pensar no que podia fazer com ela.

Finalmente, Melu decidiu fazer a Terra; então ele trabalhou muito em moldar a pele morta, e quando acabou ficou tão contente com o resultado que decidiu fazer dois seres que eram como ele, embora fossem menores, para viver nela.

Pegando o resto dos materiais que havia usado para fazer a Terra ele criou dois homens, mas quando havia terminado de fazer tudo menos os narizes deles, Tau Tana que vivia abaixo da Terra apareceu e se ofereceu para ajudá-lo.

Melu não queria ajuda nenhuma, e uma grande discussão começou. Tau Tana finalmente convenceu Melu e fez narizes que colocou de cabeça para baixo nas pessoas. Quando tudo estava terminado, Melu e Tau Tana chicotearam as formas até que elas começassem a se mover. E então Melu foi para seu lar acima das nuvens, e Tau Tana voltou para seu lugar debaixo da Terra.

Tudo estava indo bem até que veio uma grande chuva, e as pessoas na Terra quase se afogaram com a água que escorria de suas cabeças para seus narizes. Melu, de seu lugar nas nuvens, viu o perigo e rapidamente veio para a Terra virar seus narizes para o lugar certo.

As pessoas ficaram muito gratas a ele, e prometeram fazer tudo que ele lhes pedisse. Antes de voltar para o céu, as pessoas disseram que estavam muito infelizes vivendo na grande Terra sozinhas, então ele lhes disse para guardar toda a pele seca de seus corpos e os cabelos que caíssem de suas cabeças para que ele fizesse mais companheiros quando voltasse à terra. E assim vieram a existir muitas pessoas na Terra.

NO COMEÇO

Bilaan

No começo havia quatro seres¹⁰³, e eles viviam em uma ilha não maior do que um chapéu. Nessa ilha não havia árvores ou grama ou qualquer outro ser vivo além dessas quatro pessoas e um pássaro¹⁰⁴. Um dia enviaram esse pássaro para voar para além das águas para ver o que poderia encontrar, e quando ele voltou ele trouxe um pouco de terra, um pedaço de *rattan*, e frutas.

Melu, o mais poderoso dos quatro, pegou o solo e o moldou e bateu nele com uma colher da mesma maneira que uma mulher molda potes de argila, e quando terminou ele havia criado a Terra. Então ele plantou as sementes das frutas, e elas cresceram até que houvesse muito *rattan* e muitas árvores frutíferas.

Os quatro seres observaram o crescimento por bastante tempo e ficaram muito felizes com o resultado, mas finalmente Melu disse:

— Para que serve essa Terra e todo o *rattan* e as frutas se não há gente?

E os outros responderam:

— Vamos fazer pessoas de cera.

Então pegaram um pouco de cera e começaram a trabalhar, formando a cera em formas, mas quando as levaram para o fogo, a cera derreteu, e viram que não seria possível criar homens daquela maneira.

Então tentaram usar terra para fazer pessoas, e Melu e um de seus companheiros começaram a trabalhar nisso. Tudo foi muito bom até que estavam prontos para fazer os narizes. Seu companheiro, que estava trabalhando nessa parte, os colocou de cabeça para baixo. Melu disse que as pessoas iriam se afogar se ficassem assim, mas seu companheiro recusou-se a mudar os narizes.

Quando virou as costas, contudo, Melu pegou os narizes, um por um, e os virou até ficarem como são agora. Mas ele estava com tanta pressa que acidentalmente pressionou demais na base do nariz, deixando uma marca na argila macia que até hoje pode-se ver no rosto das pessoas.

OS FILHOS DOS *LIMOKON*¹⁰⁵

Mandaya

Muito antigamente, antes que existissem pessoas na Terra, os *limokon*¹⁰⁶ eram muito poderosos e podiam falar como os homens apesar de se parecerem com pássaros. Um *limokon* pôs dois ovos, um na boca do Rio Mayo, e o outro mais acima em seu curso. Depois de algum tempo esses ovos eclodiram, e o ovo na boca do rio se tornou um homem, enquanto o outro se tornou uma mulher.

O homem viveu sozinho na margem do rio por um longo tempo, mas se sentia muito solitário e desejava companhia. Um dia, quando estava atravessando o rio, algo agarrou suas pernas com tanta força que ele quase se afogou. Ao examinar o que era, ele descobriu ser cabelo, e então ele decidiu subir o rio e procurar a origem desse cabelo. Ele viajou pela correnteza, procurando em ambas as margens, até que finalmente

ele encontrou a mulher, e ficou muito feliz ao pensar que finalmente ele teria companhia.

Eles se casaram e tiveram muitos filhos, que são os Mandaya que ainda vivem ao longo do Rio Mayo.

O SOL E A LUA

Mandaya

O Sol e a Lua eram casados, mas o Sol era muito feio e briguento. Um dia ele ficou com tanta raiva da Lua que começou a correr atrás dela. Ela correu muito rápido até que conseguiu colocar uma certa distância entre eles, quando ficou cansada e ele quase a alcançou. Desde então ele sempre corre atrás dela, às vezes quase conseguindo alcançá-la, mas ficando para trás novamente.

O primeiro filho do Sol e da Lua era uma grande estrela, e ele era como um homem. Uma vez o Sol, ficando com raiva da estrela, o cortou em pedacinhos e o espalhou pelo céu como uma mulher espalha arroz, e desde então temos muitas estrelas.

Outro filho do Sol e da Lua era um caranguejo gigantesco¹⁰⁷. Ele ainda está vivo e é tão poderoso que toda vez que ele abre e fecha seus olhos há um clarão de relâmpago. Na maior parte do tempo o caranguejo vive em um buraco no fundo do mar, e quando ele está lá temos as

marés altas; mas quando ele sai do seu buraco, as águas enchem o buraco e há maré baixa.

O caranguejo é briguento igual ao seu pai; e às vezes ele fica com tanta raiva da sua mãe, a Lua, que ele tenta engolir ela¹⁰⁸. Quando as pessoas da Terra, que gostam da Lua, veem o caranguejo perto dela, elas correm para fora e gritam e batem em gongos até que o caranguejo fuja assustado, assim salvando a Lua.

O FILHO DA VIÚVA¹⁰⁹

Subanun

Em uma casinha na orla de uma vila vivia uma viúva com seu único filho, e eles eram muito felizes juntos. O filho era gentil com sua mãe, e eles ganhavam a vida cultivando arroz em clareiras na costa da montanha e caçando porcos selvagens na floresta.

Certa noite, quando o estoque de carne estava acabando, o menino disse:

— Mãe, eu vou caçar porcos de manhã, e eu gostaria que você preparasse arroz para mim antes do amanhecer.

Então a viúva acordou bem cedo e cozinhou o arroz, e ao nascer do sol o menino partiu com sua lança e seu cachorro.

A alguma distância da vila, ele entrou na floresta espessa. Ele caminhou sem parar, sempre procurando por caça, mas nenhuma apareceu. Finalmente, quando ele havia viajado bastante e o sol estava quente, ele se sentou em uma rocha para descansar e tirou sua caixa de bronze¹¹⁰ para pegar um pouco de noz de areca. Ele preparou a noz e a

folha para mascar, e conforme o fez, ele se perguntou por que não havia sido bem-sucedido naquele dia. Mas ao mesmo tempo em que estava se perguntando isso, ele ouviu seu cachorro latindo agudamente, e enfiando a noz de areca na boca, ele deu um salto e correu na direção do cão.

Ao chegar perto ele pôde ver que a caça era um belo e grande porco, todo preto com exceção de suas quatro patas, que eram brancas. Ele levantou a lança e mirou, mas antes que pudesse atirar a lança, o porco correu, e em vez de ir em direção à água ele correu para cima da montanha. O menino o perseguiu de perto, e quando o porco parou ele novamente mirou, mas o porco fugiu antes que ele pudesse atirar a lança.

Seis vezes o porco parou apenas por tempo suficiente para que o menino mirasse, e então fugia antes que o menino pudesse atirar. Da sétima vez, contudo, ele parou em cima de uma grande pedra achatada, e o menino foi bem-sucedido em matá-lo.

Ele amarrou as pernas do porco com um pedaço de *rattan* e estava prestes a partir para casa com o porco em suas costas quando, para sua surpresa, uma porta se abriu na grande pedra e de lá saiu um homem.

— Por que você matou o porco do meu mestre? — indagou o homem.

— Eu não sabia que esse porco pertencia a alguém — respondeu o filho da viúva — Eu estava caçando, como faço com frequência, e quando meu cão encontrou o porco, eu o ajudei a pegá-lo.

— Entre e venha conhecer meu mestre — disse o homem, e o menino o seguiu para dentro da pedra onde ele se encontrou dentro de uma grande sala. O teto e o chão estavam cobertos de um tecido peculiar que tinha sete largas listras vermelhas se alternando com sete listras

amarelas. Quando o mestre do lugar apareceu, suas calças eram de sete cores¹¹¹, assim como sua jaqueta e o lenço em sua cabeça.

O mestre pediu nozes de areca, e quando foram trazidas, eles mascaram juntos. Então ele pediu por vinho, e foi trazido em um jarro tão grande que teve que ser colocado no chão debaixo da casa, pois mesmo assim o topo do jarro ficava tão alto que tiveram que trazer um assento para o menino se sentar para que pudesse beber de um canudo que estava no topo do jarro. Ele bebeu o equivalente a sete copos de vinho, e então comeram arroz e peixe e conversaram.

O mestre não culpou o menino por matar o porco, e declarou que gostaria que fossem irmãos. Então ficaram amigos, e o menino permaneceu na pedra por sete dias. Ao final desse tempo, ele disse que devia voltar para sua mãe que estaria preocupada com ele. Na manhã seguinte, ele partiu da casa estranha e foi para casa.

Inicialmente, ele caminhou rapidamente, mas conforme a manhã passava ele começou a andar mais devagar, e finalmente quando o sol estava alto ele se sentou em uma pedra para descansar. Subitamente, olhando para cima, ele viu diante de si sete homens, cada um armado com uma lança, um escudo, e uma espada. Eles estavam vestindo cores diferentes, e cada homem tinha olhos da mesma cor de suas roupas. O líder, que estava vestido de vermelho e tinha olhos vermelhos combinando, falou primeiro, perguntando ao menino aonde ele estava indo. O menino respondeu que estava indo para casa para de sua mãe que estaria preocupada com ele, e adicionou:

— Agora, posso perguntar aonde vocês estão indo, todos prontos para guerra assim?

— Somos guerreiros — respondeu o homem de vermelho — e estamos andando de cima para baixo pelo mundo matando tudo que

vemos ter vida. E agora que te encontramos, vamos ter que te matar também.

O menino, assustado com essa estranha fala, estava prestes a responder quando ouviu uma voz próxima dizendo:

— Lute, pois eles vão tentar te matar — ao olhar, ele viu sua lança, escudo e espada que havia deixado em casa. Então ele soube que o comando veio de um espírito, e pegou suas armas e começou a lutar. Por três dias e três noites eles lutaram, e os sete homens jamais haviam encontrado oponente tão corajoso. No quarto dia o líder foi ferido e caiu morto, e então, um de cada vez, os outros seis homens caíram.

Quando todos estavam mortos, o filho da viúva estava tão enlouquecido pela luta que não pensava mais em voltar para casa, mas começou a procurar mais pessoas a quem matar.

Em suas perambulações, ele chegou à casa de um grande gigante cuja morada estava cheia dos homens que ele havia conquistado em batalha, e o menino chamou do lado de fora:

— O dono da casa está? Caso esteja, que venha aqui para fora e lute comigo.

Isso fez o gigante ficar enfurecido e, pegando seu escudo e sua lança, cujo cabo era o tronco de uma árvore, ele deu um salto até a porta e pulou para o chão, sem esperar para descer pelo tronco com buracos que serviam de degraus. Ele olhou em volta de seu antagonista, e vendo apenas o filho da viúva, ele berrou:

— Onde está o homem que desejava lutar? Esse pequenino aí? Ele é apenas uma mosca!

O menino não parou para responder, mas correu em direção ao gigante com sua faca; e por três dias e três noites eles lutaram, até que o gigante caiu, ferido na cintura.

Depois disso, o filho da viúva só parou para atear fogo à casa do gigante, e então saiu correndo buscando mais alguém para matar. Subitamente ele ouviu novamente a voz que o havia pedido para lutar contra os sete homens, e dessa vez a voz disse:

— Volte para casa agora, pois sua mãe está triste com sua ausência.

Furioso, ele pulou para frente com sua espada, embora não pudesse ver nenhum inimigo. Então, o espírito que havia falado com ele o fez dormir por um tempo. Ao acordar, a raiva havia passado.

Novamente o espírito apareceu e disse:

— Os sete homens que você matou foram enviados para te matar pelo espírito da grande pedra, pois quando ele olhou na sua mão, ele viu que você estava destinado a se casar com a menina órfã que ele mesmo queria desposar. Mas você os derrotou. Seus inimigos estão mortos. Então vá para casa, e prepare uma grande quantidade de vinho, pois eu trarei seus inimigos de volta à vida, e vocês irão todos viver em paz.

Assim, o filho da viúva foi para casa, e sua mãe, que acreditava que ele havia morrido, ficou muito feliz com seu retorno, e todas as pessoas da cidade vieram lhe dar as boas-vindas. Quando ele havia terminado de contar sua história, todos se apressaram para buscar vinho, e passaram o dia inteiro levando jarros cheios à casa da viúva.

Naquela noite, houve um grande banquete, e o espírito da grande pedra, seus sete guerreiros, o espírito amigo, e o gigante vieram também. O filho da viúva se casou com a órfã, enquanto outra menina bonita se tornou esposa do espírito da pedra.

O MITO DE MINDANAU¹¹²

Moro

Há muito, muito tempo, Mindanau estava inundada. O mar se estendia sobre todas as planícies de modo que não se via coisa alguma além das montanhas. Então, havia muitas pessoas vivendo no país, e todos os planaltos estavam pontilhados de vilarejos e assentamentos. Por muitos anos, as pessoas prosperaram, vivendo em paz e contentamento. De repente, surgiram na terra quatro monstros horríveis e, em pouco tempo, devoraram todos os seres humanos que eles haviam encontrado.

O primeiro monstro, Kurita, uma criatura terrível com muitos braços; ora vivia em terra, ora no mar, mas o seu covil predileto era a montanha onde crescia o *rattan*. Lá, trouxe absoluta destruição a tudo o que tinha vida. O segundo monstro, Tarabusaw, uma criatura feia e parecida com um homem, vivia no Monte Matutun, e longe dali devorava as pessoas, deixando a terra desolada. O terceiro monstro, um pássaro¹¹³ chamado Pah, era tão grande que as suas asas cobriam o sol e traziam escuridão para a terra. Seu ovo era do tamanho de uma casa. O

Monte Bitá era seu refúgio; ali, somente quem se escondeu em cavernas nas montanhas escapou de sua voracidade. O quarto monstro também era um pássaro¹¹⁴ aterrorizante, munido com sete cabeças e a capacidade de ver em todas as direções ao mesmo tempo. O Monte Gurayn era sua morada e, assim como os outros, causava desolação em sua região.

A morte e a devastação causadas por esses animais terríveis foram tão grandes que a notícia se espalhou até as terras mais distantes, e todas as nações ficaram entristecidas ao ouvir o trágico destino de Mindanau.

Do outro lado do mar, na terra do pôr do sol dourado, havia uma cidade tão grande que olhar para seu grande número de habitantes ofuscava os olhos dos homens. Quando a notícia dessas calamidades chegou lá, o coração do rei Indarapatra¹¹⁵ se encheu de compaixão, e ele chamou seu irmão, Sulayman¹¹⁶, implorando-lhe para salvar a terra de Mindanau dos monstros.

O príncipe ouviu a história e, a cada palavra ouvida, sentiu-se tomado de piedade.

— Eu irei — disse ele, e com zelo e entusiasmo adicionou à sua força — e a terra será vingada.

O rei, orgulhoso da coragem de seu irmão, deu-lhe um anel e uma espada, desejando-lhe sucesso e segurança. Então ele colocou uma planta jovem perto de sua janela e disse a Sulayman:

— Por esta árvore, eu saberei seu destino desde o momento de sua partida, pois se você viver, ela viverá; mas se você morrer, ela morrerá também.

Então o príncipe partiu para Mindanau, e ele não caminhou nem usou um barco, mas viajou através do ar e pousou na montanha onde o *rattan* crescia. Lá, Sulayman ficou no cume e olhou em todas as

direções. Observou a terra e os vilarejos, mas não podia ver um ser vivo. Então, ele exclamou pesaroso:

— Ah! Quão lamentável e horrível é esta devastação!

Assim que Sulayman havia proferido essas palavras, toda a montanha começou a se mover e, em seguida, tremer. De repente, do chão, surgiu a horrível criatura: Kurita. Ela saltou sobre o homem e cravou as garras em sua carne. Mas Sulayman reconheceu imediatamente o flagelo daquelas terras, desembainhou sua espada e cortou o monstro em pedaços.

Encorajado pelo seu primeiro sucesso, Sulayman foi ao Monte Matutun. Lá, as condições eram ainda piores. Enquanto ele estava nas alturas, observando a grande desolação, acontecia um barulho na floresta, um movimento nas árvores. Com um grito alto, saltou Tarabusaw adiante. Por um momento, eles se entreolharam sem demonstrar medo algum. Então, o monstro ameaçou devorar Sulayman, e o homem declarou que ele ia matar o Tarabusaw. Assim, a besta partiu grandes galhos das árvores e começou a investida contra o príncipe, que, por sua vez, revidou os ataques. A batalha continuou por um longo tempo até que, finalmente, Tarabusaw caiu exausto ao chão e então Sulayman o matou com sua espada.

O próximo lugar visitado por Sulayman foi o Monte Bitá. Ali, a destruição estava presente em toda a parte e, ainda que ele passasse por muitas casas, não restava uma única alma viva. Enquanto caminhava e ficava mais e mais triste a cada momento, uma escuridão repentina caiu sobre a terra e assustou o príncipe. Ao olhar para o céu, ele viu um grande pássaro descendo em sua direção. Imediatamente, atacou o pássaro, cortando uma asa e, assim, derrubando-o sem vida aos seus pés; a asa, no entanto, caiu sobre Sulayman, esmagando-o.

Nesse exato momento, o rei Indarapatra estava sentado à sua janela e, ao olhar para fora, viu a pequena e jovem árvore murchar e secar.

— Ah! Meu irmão está morto... — ele bradou e chorou amargamente.

Então, embora estivesse muito triste, o rei se viu tomado por um desejo de vingança e, colocando sua espada e cinto, partiu para Mindanau em busca de seu irmão.

Também se deslocou através do ar com grande rapidez até que ele chegou à montanha onde o *rattan* crescia. Lá, ele olhou ao redor, admirado com toda aquela destruição, e soube que seu irmão tinha estado ali, porém, seguido caminho ao ver os ossos de Kurita. Assim, continuou até chegar a Matutun e, ao ver os ossos de Tarabusaw, soube que isso havia sido obra de Sulayman também.

Ainda à procura de seu irmão, Indarapatra chegou ao Monte Bitá, onde o grande pássaro jazia no chão, sem vida, mas, ao levantar a asa retalhada, encontrou os ossos de Sulayman com a espada ao seu lado. O pesar tomou conta do rei ao ponto que ele chorou por algum tempo. Ao erguer a própria cabeça, notou um pequeno jarro de água ao seu lado. Por saber que aquilo havia sido enviado pelos Céus, despejou a água sobre a ossada e, logo, Sulayman voltou à vida. Os irmãos se cumprimentaram e conversaram por um longo tempo. Então, o príncipe declarou que ele não estava morto, mas adormecido; por isso, seus corações estavam cheios de alegria.

Após algum tempo, Sulayman retornou para sua terra distante; Indarapatra, por sua vez, continuou sua jornada até o Monte Gurayn. Ali, deu fim à temível ave de sete cabeças. Após a aniquilação de todos aqueles monstros, a paz e segurança foram restauradas; Indarapatra,

então, iniciou uma busca por toda parte para averiguar a possibilidade que alguns habitantes estariam escondidos e vivos.

Um dia, durante a procura, ele avistou uma mulher bonita. Quando o rei se apressou em sua direção, ela desapareceu por um buraco no chão. Desapontado e cansado, o homem se sentou em uma pedra e, ao olhar a seu redor, viu uma panela com arroz cru perto dele e, também, uma vistosa fogueira no chão mais à frente. Isso reavivou seus ânimos ao ponto que ele se prontificou a cozinhar os grãos. No entanto, conforme cuidava disso, ouviu uma risada e, ao se virar, viu que uma idosa olhava para ele. Após cumprimentá-la, a velha se aproximou e conversou com Indarapatra, enquanto ele comia.

De todas as pessoas naquele lugar, disse a velha, algumas poucas ainda se encontravam vivas; se esconderam em uma caverna no chão da qual elas jamais saíam. Quanto a ela e seu velho marido, continuou, eles tinham se escondido em uma árvore oca e, também, não haviam ousado sair de lá até que Sulayman eliminou a ave voraz: Pah.

A pedido sincero de Indarapatra, a velha o levou até a caverna onde ele encontrou o líder juntamente com sua família e alguns remanescentes de seu povo. Reuniram-se em torno do estranho e fizeram muitas perguntas, pois eles não sabiam a respeito da morte dos monstros. Ao descobrirem o que o homem havia feito por eles, ficaram cheios de gratidão e o chefe, para mostrar sua apreciação, ofereceu a mão de sua filha em casamento a Indarapatra; ela, aliás, era a bela jovem que ele tinha visto na entrada da caverna.

Então, as pessoas deixaram seu esconderijo, e retornaram para suas casas, e viveram em paz e felicidade. Enquanto o mar se retirou e devolveu as terras baixas ao povo.

A HISTÓRIA DE BANTUGAN

Moro

Antes que os espanhóis ocupassem a ilha de Mindanau, um homem muito forte, Bantugan, cujo pai era irmão do terremoto e do trovão¹¹⁷, vivia no Vale do Rio Grande¹¹⁸.

Acontece que o Sultão¹¹⁹ tinha uma filha linda e Bantugan desejava se casar com ela, mas a casa do Sultão ficava longe e, por isso, quem fosse levar a proposta dele, teria uma longa e perigosa jornada. Todos os chefes se consultaram sobre quem deveria ser escolhido para a tarefa e, finalmente, decidiram que o próprio filho de Bantugan, Balatama, era quem deveria ir. Ele era jovem, mas também era forte e corajoso. Quando as armas de seu pai foram entregues para uso em sua longa jornada, o coração do rapaz se encheu de orgulho. No caminho, sua coragem foi testada mais de uma vez, porém, apenas o pensamento em seu valente pai lhe dava forças para seguir em frente.

Certo dia, ele encontrou uma cerca de madeira, a qual protegia uma pedra em forma de homem, e puxou sua faca de combate para retirar o empecilho em seu caminho. De imediato, o ar ficou negro como a noite e, em seguida, choveram pedras do tamanho de casas. Isso o fez cair no choro, mas ele se protegeu com o escudo de seu pai e clamou pelos ventos de sua terra natal até que eles vieram e limparam o ar outra vez.

Noutro dia, Balatama encontrou uma grande cobra¹²⁰ em seu trajeto. Ela o indagou sobre sua missão. Ao ser respondida, a cobra disse:

— Você não seguirá em frente, pois eu sou a guardiã desta estrada e ninguém pode passar por aqui.

O animal armou o bote, mas, com apenas um golpe de sua faca, o rapaz lhe cortou em dois pedaços; uma metade foi atirada ao mar, a outra às montanhas.

Após muitos dias, o exausto rapaz chegou a uma rocha alta e brilhante ao sol. De cima dela, ele podia vislumbrar o seu local de destino. Era uma cidade esplêndida com dez portos. Além disso, destacando-se das outras casas: havia uma feita de cristal e outra de ouro puro. Encorajado por essa visão, continuou o caminho e, embora parecesse uma curta distância, demorou algum tempo até que ele finalmente alcançasse a entrada da cidade.

No entanto, não demorou muita coisa para Balatama anunciar sua missão ao sultão. E o monarca, que se virou para seus cortesãos, disse:

— Vocês, meus amigos, decidam se eu devo dar — ou não — a mão de minha filha em casamento para Bantungan.

Os cortesãos balançaram suas cabeças sem pressa e começaram a oferecer objeções.

Um cortesão comentou:

— Não vejo como Bantugan pode se casar com a filha do sultão, pois o primeiro presente deve ser uma figura de um homem ou mulher em ouro puro.

— Bem... — começou o filho de Bantugan — Estou aqui para saber o que é necessário e dizer se pode — ou não — ser dado.

Então um segundo homem falou:

— Um grande pátio com um piso de ouro, e o mesmo piso deve ter três pés de espessura.

— Isso pode ser dado — respondeu o rapaz.

E a irmã da princesa adicionou:

— Os presentes devem ser tão numerosos quanto as folhas de grama em nossa cidade.

— Isso será concedido — confirmou Balatama.

— Uma ponte construída em pedra para atravessar o grande rio — disse mais um. E outro: — Um navio de pedra e, também, transformar em ouro todos os cocos e folhas no bosque do sultão.

— Tudo isso pode ser feito — garantiu Balatama — Meus tios darão tudo, exceto a estátua de ouro; isso, eu mesmo darei. Mas, antes de qualquer coisa, devo retornar à cidade de meu pai para obtê-la.

Ao ouvirem isso, os cortesãos ficaram furiosos. Declararam que o rapaz estava zombando de suas caras e, por isso, o matariam a não ser que ele mostrasse a estátua naquele momento.

— Se eu der a estátua agora, virão tempestades terríveis, chuva e escuridão — respondeu ele.

Eles, porém, debocharam e insistiram em receber a estátua, então ele enfiou a mão em seu capacete e a puxou.

Imediatamente, a terra tremeu. Ergueu-se uma grande tempestade e, ao invés de chuva, pedras do tamanho de casas caíam até que o sultão

pediu a Balatama para guardar a estátua de volta para que não encontrassem a morte.

— Vocês não acreditaram em minhas palavras — disse o rapaz — e agora vou deixar que a tempestade continue.

Mas o sultão implorou e prometeu que Bantugan poderia se casar com sua filha sem outros presentes, isto é, além da estátua de ouro. Balatama colocou a estátua de volta em seu capacete e, novamente, o ar ficou calmo para grande alívio do monarca e seus cortesãos. Então, o filho de Bantugan se preparou para voltar ao lar, prometendo que o pai viria para o casamento em três meses.

Tudo correu bem pelo caminho de volta até que Balatama chegou à cerca ao redor da pedra em forma de homem, pois, lá, foi detido e obrigado a permanecer por quatro meses.

Nessa mesma época, um general espanhol soube que Bantugan estava se preparando para o casamento com a filha do sultão; ele, porém, decidiu que iria se casar com ela também. Uma grande expedição foi preparada. Assim, ele e todos os seus irmãos embarcaram em seu grande navio de guerra e arrastaram outras dez mil embarcações em sua cauda. Eles foram para a cidade do sultão, e, de tão numerosos, encheram o porto e causaram grande espanto às pessoas.

Então, o irmão do general desembarcou e veio até a casa do sultão. Ele exigiu a mão da princesa para o general e alegou que, caso o pedido fosse recusado, a frota destruiria a cidade e todas as suas pessoas. O sultão e seus cortesãos ficaram tão assustados que eles decidiram dar a sua filha ao general; o casamento foi marcado para a próxima lua cheia.

Enquanto isso, Bantugan havia se preparado e esperava que o casamento ocorresse no tempo certo. Mas à medida que se passavam os dias e Balatama não retornava para casa, eles ficaram alarmados e

temeram que o rapaz estivesse morto. Assim, após três meses, Bantugan preparou uma grande expedição e navio de guerra, que foi decorado com bandeiras de ouro, para procurar seu filho.

Ao avistarem a cidade do sultão, notaram a frota espanhola atracada ao porto. Um dos irmãos de Bantugan o aconselhou a esperar até que os espanhóis fossem embora. Então, ancoraram o navio. Mas toda a tripulação estava desapontada que eles não podiam avançar, e alguém disse:

— Por que nós não seguimos adiante? Mesmo que as folhas de grama se transformem em espanhóis, não precisamos temer.

E outro falou:

— Por que nós tememos? Mesmo que as balas de canhão venham como chuva, sempre podemos lutar.

Finalmente, alguns homens quiseram voltar para casa, mas Bantugan interveio:

— Não. Procuremos o meu filho. Ainda que nós devamos adentrar o porto, onde estão os espanhóis, continuemos a nossa busca.

Dessa maneira, por ordem dele, eles içaram as âncoras e navegaram até o porto em que a frota espanhola se encontrava.

Nesse exato momento, o general espanhol e seu irmão estavam com o sultão e pretendiam visitar a princesa. Enquanto o irmão conversava com uma das filhas do monarca, eles se aproximaram da janela e, ao olhar para baixo, viram os navios de Bantugan adentrar o porto. Não conseguiam identificar a quem ou a que pertencia as bandeiras dos navios. Nem eles nem o sultão, isto é, quando ele foi chamado. Então o monarca enviou seu irmão para buscar seu pai, que era um homem muito velho, para ver se ele poderia identificar as tais bandeiras. O velho

foi mantido em um pequeno quarto escuro para que ele não se machucasse, e o sultão recomendou ao irmão:

— Caso nosso pai esteja tão curvado pela idade que ele não possa ver, falar ou andar, faça cócegas em suas costelas para que ele volte a ser jovem; aliás, meu irmão, carregue-o você mesmo para cá a fim de que ele não se machuque caso algum escravo o deixe cair.

Então o velho chegou e, quando olhou para os navios, notou que as bandeiras pertenciam ao pai de Bantugan, um grande amigo em sua juventude. E o pai do sultão explicou que, anos atrás, eles haviam feito um contrato de que seus filhos e netos deveriam se casar entre eles, mas, agora, o monarca havia prometido a princesa a duas pessoas e, por isso, o velho homem previa o surgimento de grandes problemas na terra. Então, o sultão disse ao general:

— Aqui, estão dois pretendentes à mão de minha filha. Suba a bordo de seus navios para que você e Bantugan se enfrentem em batalha, o vencedor casará com ela.

Assim, os espanhóis abriram fogo contra Bantugan e seus homens. Por três dias, a terra ficou coberta pela fumaça da batalha ao ponto que ambos os lados não conseguiam ver seu oponente. Então o general espanhol disse:

— Não posso ver Bantugan ou a frota em lugar algum, então vamos partir e reivindicar a princesa.

Mas o sultão disse:

— Devemos esperar até que a fumaça se dissipe para ter certeza que Bantugan se foi.

Quando a fumaça se dissipou e revelou que os navios de Bantugan estavam aparentemente ilesos, o monarca disse:

— Certamente, Bantugan é o vencedor, pois a frota está intacta; a sua, gravemente danificada. Você perdeu.

— Não — disse o general — Nós lutaremos em terra firme.

Então, eles desembarcaram suas tropas e seus canhões. Uma grande batalha foi travada e, logo, o chão foi coberto com corpos sem vida. E o sultão ordenou que eles parassem aquilo, pois as mulheres e crianças na cidade estavam sendo mortas pelas balas de canhão, mas o general respondeu:

— Se você der a mão de sua filha a Bantugan, nós lutaremos para sempre — ou até que eu esteja morto.

Então o Sultão procurou Bantugan e falou:

— Devemos enganar o espanhol para que ele vá embora. Iremos dizer que nem você nem ele se casará com minha filha e, então, após a sua partida, nós faremos o casamento.

Bantugan concordou com a ideia e, dessa maneira, a mensagem foi enviada aos espanhóis de que a luta deveria chegar ao fim, pois muitas mulheres e crianças estavam sendo mortas. Nisso, o general e Bantugan aceitaram o acordo que ninguém se casaria com a princesa e, finalmente, eles partiram para as suas respectivas terras.

Contudo Bantugan não demorou para retornar e casar-se com a filha do sultão. No caminho de volta para casa, encontraram Balatama e levaram-no junto. Durante cerca de uma semana, o general espanhol navegou em direção ao seu lar e, então, também deu meia-volta com a ideia de tomar a mão da princesa à força. Ao descobrir que ela já havia sido levada por Bantugan, sua fúria não teve limites. Ele destruiu o tudo: o sultão, sua cidade e todo o seu povo. E, em seguida, partiu para preparar uma grande expedição com o intuito de obliterar Bantugan e seu país também.

Certa manhã, Bantugan olhou através da janela e notou a enorme frota dos espanhóis cruzar a boca do Rio Grande. Eles vieram em uma quantidade era tão absurda que não se podia ver o horizonte em nenhuma direção. Seu coração afundou com ele, pois isso significava que ele e seu país estavam condenados.

Embora não pudesse esperar vencer em uma luta contra números tão grandes, Bantugan convocou seus chefes e falou:

— Meus irmãos, os cães cristãos vieram para destruir o país. Ainda que não possamos enfrentá-los com sucesso, nós podemos morrer em defesa de nossa pátria.

Assim, o grande navio de guerra foi preparado mais uma vez. Todos os soldados do Islã embarcaram e, então, tendo Bantugan de pé na proa, partiram para encontrar seu destino.

A luta foi rápida e feroz; logo, o grande navio de guerra de Bantugan se encheu de água até que ele finalmente afundou e arrastou centenas de navios espanhóis. E, de repente, aconteceu algo estranho. No exato local que o navio de guerra de Bantugan havia afundado, emergiu uma grande ilha que, mesmo hoje, pode ser vista à pouca distância da entrada do Rio Grande. A ilha é coberta com palmeiras de bongo¹²¹ e, lá, nas profundezas de suas montanhas, vivem Bantugan e seus guerreiros. Qualquer embarcação Moro que cruze essa ilha é observada pelos vigias de Bantugan, mas, se conter mulheres de seu apreço, elas são arrancadas de seus assentos e levadas para o coração da montanha. Por isso, as mulheres Moro ficam temerosas — até mesmo — em navegar nas proximidades da ilha de Bongos¹²².

Quando a esposa de Bantugan viu que ele fora morto e seu navio de guerra fora destruído, ela mesma reuniu os guerreiros restantes e partiu

para vingar o marido. Em poucas horas, seu navio também foi afundado, mas, no lugar do naufrágio, surgiu a montanha de Timaco¹²³.

Nessa ilha densamente arborizada encontram-se macacos brancos¹²⁴, os servos da princesa, a qual, por sua vez, ainda vive no centro da montanha. Em um dia tranquilo, lá no topo da montanha, pode-se ouvir o canto e a música das meninas que esperam pela esposa de Bantugan.

O MACACO E A TARTARUGA

Ilocano

Certo dia, um macaco, o qual tinha uma aparência muito triste e abatida, caminhava ao longo da margem do rio, quando encontrou uma tartaruga.

— Como você está? — perguntou a tartaruga ao notar que ele não parecia bem.

— Oh, meu amigo... estou muito faminto. As abóboras do senhor fazendeiro foram todas levadas pelos outros macacos, e agora estou prestes a morrer de fome — o macaco respondeu.

— Não fique desanimado. Pegue a sua *bolo* e venha comigo. Nós roubaremos algumas bananas — disse a tartaruga.

Assim, caminharam juntos até encontrarem algumas boas plantas, que desenterraram e, depois, procuraram um lugar para plantá-las mais uma vez. Finalmente, o macaco subiu em uma árvore e plantou a sua

muda nela, mas, como a tartaruga não conseguia escalar árvores, ela cavou um buraco no chão e fincou lá.

Quando o trabalho havia terminado, foram embora. Pelo caminho, planejavam o que eles deveriam fazer com a colheita. O macaco comentou:

— Quando a minha árvore der frutos, eu os venderei e terei muito dinheiro.

E a tartaruga falou:

— Quando minha árvore der frutos, eu a venderei e comprarei três varas¹²⁵ de tecido para substituir esse casco rachado.

Algumas semanas depois, eles voltaram ao local para verificar suas plantas e notaram que a do macaco estava morta, pois, na árvore, suas raízes não tinham solo; a da tartaruga, porém, estava alta e dava frutos.

— Subirei ao topo para que nós possamos pegar os frutos — explicou o macaco. Então, ele saltou sobre a árvore e deixou a pobre tartaruga sozinha lá embaixo.

— Por favor! Me dê um pouco para comer — pediu a tartaruga, mas o macaco lhe jogou somente um fruto verde e, por sua vez, comeu todos as bananas maduras.

Assim que ele encheu a barriga, o macaco esticou os braços em volta da árvore e, então, foi tirar uma soneca. Ao ver isso, a tartaruga ficou muito zangada e pensou como ia punir o ladrão. Após decidir o plano, ela juntou alguns bambus afiados, enfiando-os ao redor da base da árvore, e então exclamou:

— O crocodilo está vindo! O crocodilo está vindo!

O macaco ficou tão assustado com o grito que ele caiu sobre os bambus afiados e morreu.

Então, a tartaruga o cortou em pedaços, salgou e, por fim, deixou secar ao sol. No dia seguinte, ela foi para as montanhas e vendeu a carne para outros macacos, que alegremente lhe deram abóboras em troca. Ao se despedir, ela os chamou de volta:

— Vocês estão agora comendo seu próprio corpo, seus preguiçosos! Vocês estão agora comendo seu próprio corpo!

Então os macacos correram, pegaram e a levaram-na para casa.

— Vamos pegar um machado — falou um macaco velho — e cortá-la em pedaços pequeninos.

Mas a tartaruga riu e retrucou:

— É exatamente o que eu gosto! Já fui atingida muitas vezes por um machado. Não vê as cicatrizes negras em meu casco?

Então um dos outros macacos, disse:

— Vamos jogá-la na água.

Diante disso, aos prantos, a tartaruga implorou que eles poupassem sua vida, mas eles não deram ouvidos às suas súplicas e atiraram-na à água. Ela desceu até o fundo, mas, sem demora, subiu com uma lagosta. Os macacos ficaram muito surpresos com o feito e pediram que ela os ensinasse como pegar lagostas.

— Eu amarrei a ponta de uma corda ao redor da minha cintura. Enquanto a outra ponta da corda, eu amarrei uma pedra para que eu afundasse — explicou a tartaruga.

De imediato, eles amarraram cordas ao redor de si mesmos e, como a tartaruga havia instruído, mergulharam na água quando estavam prontos, mas, de lá, jamais emergiram outra vez.

Até hoje, os macacos não gostam de comer carne, pois lembram-se dessa antiga história¹²⁶.

O POBRE PESCADOR E SUA ESPOSA

Ilocano

Há muitos e muitos anos, em uma vila à beira-mar, vivia um pobre pescador junto com a sua mulher e seus três filhos. Certa vez, o velho colocou uma armadilha na água, perto de sua casa, e, à noite, verificou e notou que havia pegado um grande peixe branco. Isso o deixou bastante perplexo, pois ele jamais havia visto um peixe parecido em toda a sua vida. Logo, ocorreu-lhe a ideia que isso poderia ser o padre da cidade.

Correu até a esposa o mais rápido que conseguiu e gritou:

— Mulher, eu peguei o padre.

— O quê? — falou a velha, estarrecida a com o semblante apavorado do marido.

— Eu peguei o padre — afirmou o velho mais uma vez.

Eles se apressaram até o rio, onde a armadilha foi colocada, mas, ao ver o peixe, ela exclamou:

— Ah. Não é o padre, e sim o governador.

— Não. É o padre — insistiu o velho, enquanto eles se tremiam de medo ao voltar para casa.

Nessa mesma noite, nem ele nem ela conseguiram dormir ao lembrar aquele terrível acontecimento e ao pensar o que deveriam fazer a respeito. Contudo, no dia seguinte, era um grande feriado na cidade. Às quatro horas da manhã, dispararam canhões e tocaram sinos. Ao ouvirem todo o barulho sem saber o motivo, o velho e a velha pensaram que seu crime havia sido descoberto e que as pessoas estavam à sua procura para dar-lhes suas punições, então eles saíram o mais rápido possível para se esconder na floresta. Seguiram em frente e pararam para descansar somente o necessário para poder retomar a fuga.

Na manhã seguinte, eles chegaram à floresta nas proximidades de Pilar¹²⁷, onde também era um grande feriado, e o sacristão tocava os sinos com o intuito de chamar as pessoas para a missa. Assim que o velho e a velha ouviram os sinos, pensaram que as pessoas lá haviam sido notificadas de sua fuga e, também, iam tentar pegá-los. Desse jeito, eles deram meia-volta e, novamente, foram para casa.

Assim que eles chegaram em casa, os três filhos voltaram com seu único cavalo e amarraram-no ao tronco de uma *caramay*¹²⁸. Logo, os sinos começaram a tocar mais uma vez, pois era meio-dia. Sem pensar sobre a hora do dia, o velho e a velha correram para fora, apavorados, mas, ao verem o cavalo, montaram em suas costas com a intenção de ir para a cidade vizinha, antes que alguém pudesse pegá-los. Em cima do bicho, eles começaram a espancar o seu lombo. Na pressa, haviam esquecido de desamarrar a corda que estava ao redor do pé de *caramay*. À medida que o pobre animal puxava a corda, as frutas da árvore caíam

sobre os dois velhos. Ao pensarem que eles foram baleados, ficaram com tanto medo que isso os levou à morte¹²⁹.

O PRESIDENTE QUE TINHA CHIFRES

Ilocano

Certa vez, havia um presidente¹³⁰ muito injusto com seu povo. Houve um dia que o político ficou extremamente irritado e desejou ter chifres para que seu povo ficasse assustado. Tão cedo quanto ele fez seu pedido imprudente, chifres começaram a crescer em sua cabeça.

Mandou chamar um barbeiro, que foi à sua casa para cortar seu cabelo, e enquanto o homem fazia seu trabalho, o presidente perguntou:

— O que vê na minha cabeça?

— Eu não vejo coisa alguma — respondeu o barbeiro; embora ele pudesse ver os chifres com facilidade, tinha medo de dizer a verdade.

Sem delongas, o presidente colocou as mãos na cabeça e sentiu as pontas e, então, ao perguntar outra vez, o barbeiro confirmou que ele tinha dois chifres.

— Se por acaso contar a alguém o que você viu aqui, será enforcado — advertiu o presidente ao passo que o barbeiro se afastava

visivelmente assustado.

Ao chegar em casa, o barbeiro não pretendia contar a ninguém, pois isso lhe causava receio; apesar disso, como ele pensava mais e mais em seu segredo, o desejo de contar a alguém se tornou tão forte que ele sabia o quanto ele não ia manter a boca fechada. Por fim, o sujeito foi ao mato, e cavou um buraco debaixo de algum bambuzal, e, assim que a passagem estava viável, entrou lá, e sussurrou que o presidente tinha chifres. Então ele saiu, tapou o buraco e foi embora.

Com o tempo, algumas pessoas vieram pela estrada, a caminho do mercado, pararam espantadas ao passar em frente ao bambuzal, pois uma voz certamente vinha de lá e dizia que o presidente tinha chifres. Essas pessoas apertaram o passo para o mercado e contaram o que elas haviam ouvido; quem estava lá foi até o bambuzal para ouvir a estranha voz e informou mais pessoas; logo, a notícia se espalhou por toda a cidade. Os vereadores foram informados e, também, visitaram o bambuzal. Ao ouvir a voz, eles correram para a casa do presidente. Mas sua esposa disse que ele estava doente e, portanto, não poderiam vê-los hoje.

Até aquele momento, os chifres cresceram um pé de comprimento. Mas o presidente estava tão envergonhado ao ponto de pedir para sua esposa dizer às pessoas que ele não podia falar. Quando os vereadores vieram no dia seguinte, ela explicou isso, mas eles insistiram em ver seu marido. Ouviram que ele tinha chifres e, se isso fosse verdade, ele não tinha direito de governar o povo.

Como ela se recusou a deixá-los entrar lá, eles arrombaram a porta. Viram os chifres na cabeça do presidente e, então, mataram-no. Pois, assim eles disseram, ele não era melhor do que um animal¹³¹.

A HISTÓRIA DE UM MACACO

Ilocano

Um dia, um macaco subia em uma árvore em sua floresta, quando espetou a ponta da cauda com um espinho. Por mais que ele tentasse de todas as maneiras, não conseguia retirá-lo dali. Então, ele foi até um barbeiro na cidade e disse:

— Amigo barbeiro, eu tenho um espinho na ponta de minha cauda. Retire-o para mim e eu te pagarei bem.

O barbeiro tentou tirar o espinho com sua navalha, mas, ao fazer isso, cortou a ponta da cauda. O macaco ficou muito bravo e gritou:

— Barbeiro, barbeiro, devolva minha cauda ou me dê sua navalha!

Como ele não podia recolocar a ponta da cauda do macaco, então o barbeiro lhe deu sua navalha.

No caminho de volta, o macaco encontrou uma velha, a qual cortava lenha para combustível, e falou:

— Vovó, vovó, isso é muito duro. Use esta navalha, então ela irá facilmente cortar a madeira.

A velha, por sua vez, muito satisfeita com a oferta, começou a cortar com a tal navalha, mas ela quebrou antes que a idosa pudesse usá-la demais. Então o macaco exclamou:

— Vovó, vovó, você quebrou a minha navalha! Deve arranjar uma nova ou, então, me dar toda a lenha.

Como ela não conseguiu arranjar uma nova navalha, então a velha lhe deu toda a lenha.

O macaco pegou a lenha e voltou para a cidade a fim de vendê-la. Nisso, ele viu que uma mulher estava sentada ao lado da estrada e assava bolos.

— Vovó, vovó — começou ele — sua lenha acabou; pegue a minha e asse mais bolos.

Ela pegou a lenha e agradeceu pela bondade dele, mas, assim que o último pedaço foi queimado, o macaco gritou:

— Vovó, Vovó, você queimou toda a minha lenha! Agora, você deve me dar todos os seus bolos para pagar por isso.

Como ela não conseguiu cortar mais lenha de uma vez, então a mulher lhe deu todos os bolos.

O macaco pegou os bolos e partiu rumo à cidade, mas, pelo caminho, ele encontrou um cachorro e foi morto por uma mordida. Por fim, todos os seus bolos foram comidos pelo cachorro.

A ABÓBORA BRANCA

Ilocano

Em uma estranha e pequena casa de bambu em frente de um grande jardim, viviam um homem e uma mulher completamente sozinhos. O casal sempre foi atencioso e bondoso com todo mundo, mas, mesmo assim, eles não eram felizes, porque a criança tão desejada não havia chegado de modo algum. Todos os dias, por muitos anos, eles haviam orado por um filho ou uma filha, mas suas orações não haviam sido atendidas. Agora que o casal estava se tornando mais maduro, eles acreditavam que iam viver sozinhos para sempre.

No jardim, próximo à sua casa, eles cultivavam lindas abóboras brancas e, como as videiras produziam durante o ano todo, não passavam necessidade alguma. No entanto, um dia, descobriram que novas abóboras não haviam se formado para substituir a colheita anterior e, pela primeira vez em muitas temporadas, eles se viram sem vegetais.

Todo dia, examinavam as videiras e, por mais que as grandes flores amarelas continuassem a brotar e sumir, nenhum fruto crescia nos caules. Finalmente, numa manhã, depois de uma longa espera, a mulher gritou de alegria; ela descobrira uma pequena abóbora verde. Após uma averiguação, decidiram deixar a abóbora amadurecer para que eles obtivessem sementes para plantio. Ansiosamente, o homem e a mulher assistiram-na crescer e transformar-se em um belo vegetal branco, mas, ao ficar grande o suficiente, eles estavam famintos e decidiram comer a abóbora.

Assim, trouxeram uma grande faca e a colheram do pé; sequer eles haviam começado a abri-la quando uma voz lá de dentro gritou: — Por favor, tomem cuidado para não me machucar.

Ao pensar que um espírito havia falado com eles, o homem e a mulher pararam seu trabalho. Mas quando a voz os chamou e pediu para abrir a abóbora mais uma vez, eles o fizeram com cuidado e, lá dentro, encontraram um lindo menino¹³². Ele já podia falar e ficar em pé por conta própria. E o casal ficou muito feliz.

No mesmo instante, a mulher foi até uma nascente e buscou um jarro de água. Ao retornar, espalhou um tapete no chão e banhou o bebê. À medida que as gotas de água caíam de seu corpinho, elas se transformavam imediatamente em ouro, de modo que, ao fim do banho, pedaços de ouro cobriam o tapete. O casal estava tão feliz por ter um bebê, que não parecia ter mais alguma coisa para desejar, mas, agora que o ouro havia chegado, eles também estavam mais felizes do que nunca.

Na segunda manhã, a mulher lavou o bebê e, novamente, a água se transformou em ouro. Agora, eles tinham dinheiro suficiente para construir uma casa grande. Na terceira manhã, ela trouxe água para mais um banho, mas o bebê ficou muito triste e voou para longe. Ao mesmo

tempo, todo o ouro desapareceu com ele e, dessa maneira, o homem e sua esposa ficaram pobres e sozinhos.

A HISTÓRIA DA CRIAÇÃO

Tagalog

Quando o mundo havia surgido, não havia terra, somente o mar e o céu; entre eles, porém, estava um milhafre¹³³. Até que um dia, sem ter um local para pousar, a ave se cansou de voar e, então, agitou o mar que, por sua vez, atirou suas águas contra o céu. Então, para contê-lo, o céu despejou muitas ilhas sobre o mar até que ele não pudesse mais se levantar, exceto se mover para lá e para cá. Assim, o céu ordenou que o milhafre pousasse em uma ilha para construir seu ninho e, por fim, deixasse-os em paz.

Naquela época, a brisa terrestre e a brisa marítima estavam casadas e geraram um filho: o qual era um bambu. Um belo dia, enquanto ele flutuava na água, o bambu atingiu os pés do milhafre, o qual se encontrava na praia, provocando sua ira, e recebeu uma bicada; de uma seção saiu um homem e da outra, uma mulher.

Então, o terremoto convocou todas as aves e peixes a fim de decidir o que seria feito com eles. Foi decidido que o homem e a mulher

deveriam se tornar um casal. De sua união muitos filhos nasceram e deram origem às diferentes raças de pessoas.

Após algum tempo, os pais ficaram muito cansados com tantas crianças ociosas e inúteis ao seu redor e desejaram se ver livres, contudo eles não sabiam a que lugar enviar a prole. Após mais algum tempo, os filhos se tornaram tão numerosos que os pais não tinham mais paz. Até que um dia, em desespero, o pai pegou um bastão e começou a acertá-los de todos os lados.

Isso assustou as crianças ao ponto que elas fugiram em direções diferentes e procuraram quartos escondidos pela casa... algumas se esconderam nas paredes, algumas correram para fora; enquanto outras se esconderam na lareira, várias fugiram para o mar.

Contudo, as que foram para os quartos escondidos da casa, mais tarde, se tornaram os chefes das Ilhas. As que se esconderam nas paredes, tornaram-se escravos; as que correram para fora, tornaram-se pessoas livres. Aquelas que se esconderam na lareira, tornaram-se pretas; já aquelas que fugiram para o mar, ficaram ausentes por muitos anos e, quando seus descendentes voltaram para as ilhas, tornaram-se brancas.

A HISTÓRIA DE BENITO

Tagalog

Benito era filho único e vivia com seus pais em uma pequena aldeia. Eles eram muito pobres e, ao passo que o garoto crescia e via como seus pais lutavam para conseguir o sustento, com frequência, Benito sonhava com o dia que ele fosse uma ajuda para o pai e a mãe.

Certa noite, enquanto eles comiam uma modesta refeição, somente arroz, o pai falou sobre um jovem rei, que vivia em um lindo palácio distante de sua aldeia, e deixou o filho bastante interessado. Ainda naquela noite, quando a casa estava escura e silenciosa, Benito estava em seu tapete, tentando pegar no sono, mas pensamentos sobre o jovem rei não saíam de sua mente. Queria ser um rei para que ele e seus pais pudessem passar o resto de suas vidas em um belo palácio.

Pela manhã, ele acordou com uma nova ideia. Benito iria ao rei e pediria um emprego para que, de alguma maneira, ele pudesse ajudar seu pai e sua mãe. Levou um bom tempo para convencer seus pais a deixá-lo ir lá; a jornada era longa e, além disso, eles temiam que o rei

não fosse amigável. Mas, por fim, deram seu consentimento, e o menino foi embora. A jornada se mostrou cansativa e, após chegar ao palácio, de imediato, não foi permitido que ele visse o rei. Contudo, graças a sua determinação, o menino garantiu uma oportunidade como servo.

Para Benito, o qual havia conhecido somente a vida em sua pequena aldeia, lá era um mundo novo e estranho. O trabalho era duro, mas o menino estava feliz ao pensar que, agora, ele poderia ajudar os pais. Um dia, o rei o chamou e falou:

— Quero que você me traga uma bela princesa de uma terra do outro lado do mar. Vá imediatamente, mas se você falhar, será severamente punido.

O coração do menino afundou em seu peito, pois ele não sabia o que fazer. Mas o servo respondeu o mais corajosamente possível:

— Sim, meu senhor — e deixou os aposentos do rei. Então, prontamente, começou a preparar as coisas para uma longa jornada, pois ele estava determinado a — ao menos — tentar cumprir a ordem.

Assim que tudo estava pronto, Benito partiu em viagem. Não havia ido longe demais ao chegar a uma densa floresta e ver um grande pássaro amarrado com cordas bem apertadas.

— Ah, meu amigo — implorou o animal. — Por favor, liberte-me dessas amarras e eu o ajudarei toda a vez, quando você chamar por mim.

Benito o libertou com presteza e o pássaro voou e falou que seu nome era Gavião¹³⁴. Então, o menino continuou sua jornada até que ele chegasse ao mar. Sem encontrar um meio de travessia, parou e olhou tristemente para as águas ao pensar na ameaça do rei, se falhasse em sua missão. De repente, viu o Rei dos Peixes nadar em sua direção e perguntar:

— Por que você está tão triste?

— Eu desejo atravessar o mar para encontrar a bela princesa — respondeu o menino.

— Nesse caso, suba em minhas costas — disse o peixe. — E eu o levarei ao outro lado.

Então Benito pisou nas costas do peixe e, assim, foi levado para a outra margem.

Lá, encontrou uma mulher estranha, a qual perguntou o que ele procurava ali e, quando Benito contou a ela, falou:

— A princesa se encontra em um castelo guardado por gigantes. Pegue esta espada mágica, pois ela mata tudo o que toca no mesmo instante — e, assim, ela lhe entregou a arma.

Benito ficou mais do que grato pela gentileza da mulher e, cheio de esperança, seguiu seu caminho. Conforme ele se aproximava ao castelo, via que muitos gigantes estavam ao seu redor. Assim que eles o avistaram ali, correram para captura-lo, mas os enormes homens foram desarmados ao notar que ele era apenas um menino. À medida que eles se aproximavam, Benito tocou os gigantes à frente com sua espada e, dessa maneira, um por um, eles caíram mortos. Já os restantes, fugiram em pânico e deixaram o castelo desprotegido. Logo, Benito entrou lá. Ao contar à princesa sobre sua missão, ela ficou muito feliz em escapar de seu cativeiro e partiu imediatamente com o menino para o encontro do rei.

À beira-mar, o Rei dos Peixes estava a sua espera. Eles atravessaram as águas sem dificuldades e, por fim, viajaram através da densa floresta até o palácio. Lá, eles foram recebidos com grande alegria. Após um tempo, o rei pediu que a princesa se tornasse sua esposa, mas ela respondeu:

— Serei a sua esposa, ó rei, se você conseguir encontrar o anel que eu perdi ao atravessar o mar.

No mesmo instante, o rei pensou em Benito e, mandando alguém o trazer à sua presença, ordenou que ele encontrasse o anel perdido durante a viagem à terra dos gigantes.

Parecia uma tarefa impossível para o menino, mas, ansioso para obedecer ao seu senhor, ele partiu outra vez. Na beira do mar, ele parou e olhou para as águas até que, para sua grande alegria, viu seu amigo, o Rei dos Peixes, nadar em sua direção.

Quando Benito contou ao grande peixe sobre suas dificuldades, ele lhe disse:

— Eu verei se posso ajudar você.

Então, ele convocou todos os seus súditos. Ao chegarem lá, ele percebeu que alguém estava ausente e, portanto, enviou alguns peixes à sua busca. Encontraram-no debaixo de uma pedra, tão cheio que ele não podia nadar, mas os peixes maiores o pegaram pela cauda e, logo, arrastaram-no até o Rei dos peixes.

— Por que você não veio quando foi chamado? — Perguntou o Rei dos Peixes.

— Comi tanto que eu não consigo nadar — respondeu o pobre peixe.

Então, o Rei dos Peixes, suspeitando da verdade, ordenou que ele fosse aberto e, dentro dele, encontraram o anel perdido. Benito ficou muito feliz com isso e, agradecendo imensamente, apressou-se para entregar o anel ao seu senhor.

O rei, muito satisfeito, levou o anel à princesa e disse:

— Agora, que tenho seu anel, você se tornará minha esposa?

— Eu serei sua esposa se você encontrar o brinco que eu perdi na floresta durante a viagem com Benito — respondeu a princesa.

Mais uma vez, o rei chamou e ordenou que Benito encontrasse o brinco. O menino estava muito cansado de suas longas jornadas, mas, novamente, partiu sem reclamações. Ao longo do caminho pela densa floresta, ele procurou com esmero, mas sem sucesso algum. Enfim, cansado e desanimado, ele se sentou sob uma árvore.

De repente, um rato de grande porte apareceu à sua frente e, para a sua surpresa, Benito descobriu que ele era o Rei dos Ratos.

— Por que você está tão triste? — perguntou o rato-rei.

— Porque não consigo encontrar um brinco que a Princesa perdeu enquanto nós atravessávamos a floresta juntos — respondeu o menino.

— Eu ajudarei você — falou o grande rato, então convocou todos os seus súditos.

Ao reunirem-se ali, descobriram que um pequeno rato estava ausente, e o rato-rei enviou alguns ratos à sua procura. Encontraram-no em um pequeno buraco entre os bambus; ele pediu para ser deixado em paz, pois, segundo o próprio, estava tão cheio que não conseguia andar. De qualquer maneira, os ratos maiores o arrastaram até seu líder, que, por sua vez, ao notar que havia algo estranho e duro dentro dele, ordenou que ele fosse aberto. Lá, encontraram o brinco perdido.

No mesmo momento, Benito esqueceu o cansaço e, após expressar sua grande gratidão ao Rei dos Ratos, apressou-se para o palácio com o achado. Lá, com certa ansiedade, o rei agarrou o brinco e, mostrando-o para a princesa, pediu que ela se tornasse sua esposa mais uma vez.

— Ó, meu rei, tenho um último pedido. Apenas conceda-o para mim e, para sempre, eu serei sua esposa — disse a princesa em resposta.

Então, ao crer que graças a ajuda de Benito ia poder conceder qualquer coisa, o rei perguntou o que era o seu desejo, e ela respondeu:

— Traga-me um pouco de água do céu e, também, do mundo inferior, e eu não pedirei mais nada.

Mais uma vez, o rei chamou e enviou Benito na tarefa mais difícil de todas.

O menino deixou os aposentos sem saber por onde começar a missão e, durante a sua profunda reflexão, seus pés cansados o levaram para a floresta. De repente, lembrou-se daquele grande pássaro, que o havia prometido ajuda, e chamou:

— Gavião!

Após um farfalhar de asas, o pássaro desceu ao seu encontro. Ele contou sobre suas dificuldades, então este disse:

— Eu trarei a água para você.

Nisso, Benito fez dois pequenos copos de bambu, prendendo-as às pernas do pássaro, e Gavião voou para longe. O menino esperou o dia todo na floresta, mas, somente ao cair da noite, o pássaro retornou com os dois copos cheios. O de sua perna direita, explicou o pássaro, era do céu; o da esquerda, do mundo inferior. Benito desamarrou os copos e, conforme ele agradecia a Gavião, percebeu que a jornada tinha sido intensa demais e, por isso, ele estava à beira da morte. Com tristeza por seu amigo alado, ele esperou a sua hora, enterrando-o com zelo, e, somente então, apressou-se para o palácio com as águas preciosas.

Quando a princesa viu que o seu desejo havia sido atendido, pediu que o rei a cortasse ao meio e despejasse a água do céu sobre ela. Mas o rei não foi capaz de fazer isso, então ela mesma se cortou e, à medida que ele derramava a água sobre o corpo dela, transformou na mulher mais bela que ele havia visto em toda a sua vida.

Ansiando se tornar igualmente belo, o rei pediu que ela derramasse a água do outro copo sobre seu corpo. Assim que ele havia se cortado, a princesa atendeu o seu pedido, mas, no mesmo instante, surgiu a criatura mais feia e repugnante de ser vista, a qual, sem demora, desapareceu de vista. Então, a princesa chamou Benito e falou que como ele havia sido tão fiel ao seu senhor e tão gentil com ela, ela o escolhia como seu marido.

Em meio a grandes festividades, eles se casaram e se tornaram rei e rainha daquela vasta e fértil terra. No entanto, com toda a grande celebração, Benito não esqueceu seus pais e, para eles, deu uma dentre as melhores partes de seu reino. Desde então, todos viveram em grande felicidade¹³⁵.

AS AVENTURAS DE JUAN

Tagalog

O tempo todo, Juan se metia em problemas. Ele era um garoto preguiçoso e, além disso, não tinha muito bom senso. Ao tentar fazer as coisas, cometia erros tão terríveis que seria melhor se ele não tivesse tentado.

Sua família se tornou muito impaciente com ele; eles repreendiam e batiam em Juan em qualquer ocasião que ele fizesse algo errado. Certa vez, sua mãe, a qual estava quase desanimada com o filho, lhe deu uma *bolo* e o mandou para a floresta, pois ela pensou que ele, pelo menos, poderia cortar lenha. Juan caminhou sem pressa para contemplar algum meio de fuga. Então, ele encontrou uma árvore, que parecia fácil de cortar, pegou seu longo facão e, finalmente, preparou-se para o trabalho.

Acontece que essa árvore era mágica e falou a Juan:

— Se você me deixar intacta, eu te darei uma cabra que solta prata de seus bigodes.

Isso o agradou em demasia, tanto porque Juan estava curioso para ver a cabra quanto porque ele não teria que cortar a madeira. Ele não pensou duas vezes em poupar a árvore e, nesse momento, a casca dela se separou e uma cabra saiu de lá. O garoto ordenou que ela sacudisse seus bigodes e, ao ver que a prata havia caído, ficou tão feliz que ele levou o animal para casa com o intuito de mostrar seu tesouro para a mãe.

No caminho, Juan encontrou um amigo mais astuto, que, então, decidiu roubá-lo ao ouvir sobre a sua preciosa cabra. Sabendo da preferência de Juan por *tuba*¹³⁶, ele o persuadiu a tomar a bebida e, enquanto ele estava bêbado, o amigo substituiu a cabra mágica por outra comum. Assim que Juan ficou sóbrio, correu para casa com a cabra e contou a sua família sobre a maravilhosa árvore, mas, quando ele mandou o animal sacudir os bigodes, nenhuma prata caiu de lá. Acreditando que era mais um truque de Juan, a família, mais uma vez, espancou e repreendeu o pobre garoto.

Assim, voltou até a árvore mágica e ameaçou cortá-la por mentir para ele, mas ela falou:

— Não! Não me corte e eu te darei uma rede; você poderá lança-la em terra seca ou até mesmo sobre as copas das árvores, mas ela voltará cheia de peixes.

Então Juan poupou a árvore e começou a voltar para casa com sua preciosa rede, mas, pelo caminho, encontrou aquele mesmo amigo que — outra vez — o persuadiu a beber *tuba*. Enquanto ele estava bêbado, o amigo trocou a rede mágica por uma comum, de modo que quando Juan chegou em casa e tentou mostrar o poder dela, ele novamente foi motivo de zombarias.

Novamente, Juan foi até a árvore mágica e, agora, determinado a cortá-la de uma vez. Mas a oferta de um pote mágico, sempre cheio de

arroz, e colheres igualmente mágicas, que forneciam qualquer comida que ele desejasse comer com o arroz, o dissuadiu dessa ideia, então ele retornou para casa mais feliz do que o habitual. Entretanto, o garoto encontrou o mesmo destino de antes pelo seu caminho; seus pais, cansados de suas travessuras, o espancaram ainda mais forte.

Deveras irritado, ele procurou a árvore mágica pela quarta vez e estava prestes a colocá-la abaixo, quando, de novo, ela chamou sua atenção. Após alguma discussão, Juan aceitou um cajado mágico. Para usá-lo, bastava dizer *Boombye, Boomba* que ele bateria e mataria qualquer coisa que o garoto assim tivesse desejado.

Ao encontrar o amigo em seu regresso, ele perguntou o que o garoto tinha em mãos. Então, Juan respondeu:

— Ó, é apenas um cajado, mas, se eu disser *Boombye, Boomba*, ele vai bater em você até a morte.

Ao ouvir as palavras mágicas, o bastão saltou de suas mãos e começou a bater em seu amigo até que ele gritasse:

— Ai! Pare com isso e eu devolverei tudo o que roubei de você!

Juan pediu ao cajado para cessar a surra; ele, então, forçou o ladrão conduzir a cabra, assim como levar a rede, o pote e as colheres para sua casa.

Lá, Juan ordenou que a cabra sacudisse seus bigodes até que sua família tivesse toda a prata que eles pudessem carregar. Então, comeram do pote e das colheres até eles ficarem satisfeitos. Desta vez, Juan não foi repreendido. Após eles terminarem a refeição, Juan disse:

— Vocês me espancaram e repreenderam toda a minha vida, mas, agora, estão felizes ao aceitar minhas coisas boas. Vou mostrar outra coisa para vocês: *Boombye, Boomba!* — Imediatamente, o cajado saltou

e espancou sua família até que eles implorassem por misericórdia e promettesse que Juan seria o chefe da casa para sempre.

A partir desse dia, Juan se tornou rico e poderoso, mas ele não ia a lugar algum sem seu cajado. Certa noite, quando alguns ladrões vieram à sua casa, ele teria sido roubado e morto se não fosse pelas palavras mágicas, *Boombye, Boomba*, causarem a morte de todos os ladrões.

Algum tempo depois, ele se casou com uma bela princesa, e graças à bondade da árvore mágica, eles viveram felizes para sempre¹³⁷.

JUAN COLETA GOIABAS

Tagalog

Certo dia, o pai de Juan o mandou buscar algumas goiabas maduras, já que, ele queria oferecer alguma coisa para comer aos vizinhos que haviam chegado.

Juan foi aos pés de goiaba e comeu todas as frutas que ele havia pego. Então, ao invés de entregar um baquete de goiabas, decidiu pregar uma peça nos convidados de seu pai. Pois um ninho de vespas estava pendurado ali por perto. Com alguma dificuldade, o conseguiu tirar e colocar em uma cesta que ele trouxe para as goiabas. Em seguida, ele se apressou para casa e entregou a cesta ao pai e, enfim, ao sair da sala em que os convidados estavam reunidos, trancou a porta.

Assim que o pai de Juan abriu a cesta, as vespas voaram pela sala; quando as pessoas encontraram a porta trancada, porém, elas lutaram para sair pelas janelas. Depois de um tempo, Juan abriu a porta e, ao ver as pessoas com os rostos inchados, exclamou:

— Que goiabas perfeitas e preciosas vocês devem ter comido! Pois elas os deixaram tão gordos!

O SOL E A LUA¹³⁸

Visayan

Em certa ocasião, o Sol e a Lua se casaram e tiveram muitos filhos: as estrelas.

O Sol era muito afeiçoado aos seus filhos, mas, toda a vez que ele tentava dar-lhes um abraço, era tão quente que eles ficavam queimados. Isso deixou a Lua tão irritada que ela terminantemente o proibiu de tocar os filhos outra vez; o Sol ficou muito triste.

Certo dia, a Lua desceu a uma fonte para lavar roupas e, ao sair, avisou ao Sol que ele não deveria tocar em quaisquer filhos durante sua ausência. Ao voltar, no entanto, ela descobriu que ele havia a desobedecido e, por isso, vários filhos haviam perecido.

Ela ficou muito zangada e pegou um tronco de bananeira para golpear o Sol, mas, nesse momento, ele jogou areia em seu rosto — e até hoje você pode ver as marcas escuras no rosto da Lua.

Então, o Sol começou a perseguir a Lua e, daí em diante, eles continuam desse jeito. Às vezes, ele chega tão perto, quase pegando-a,

mas ela escapa e, gradualmente, está longe mais uma vez¹³⁹.

O PRIMEIRO MACACO

Visayan

Há muitos anos, ao pé de uma colina encoberta pela floresta, havia uma cidadezinha e, logo acima, na encosta, havia uma casinha. Lá, moravam uma velha e seu neto.

A velha, que era muito trabalhadora, ganhava a vida retirando as sementes do algodão; ela sempre tinha uma cesta com algodão e um longo bastão, que usava como fiadeira, por perto. Já o garoto era preguiçoso e não fazia coisa alguma para ajudar a avó, mas ele descia para a cidade e jogava todos os dias.

Uma vez, que ele esteve perdendo dinheiro, o garoto voltou para casa e ficou aborrecido, já que, seu jantar não estava pronto.

— Eu estou me apressando para tirar as sementes desse algodão — começou a avó. — E assim que eu vender isso, comprarei comida para nós.

Dito isso, o neto ficou furioso, pegou algumas cascas de coco e jogou na própria avó. E ela, por sua vez, se irritou e começou a dar-lhe

uma surra com a fiadeira até que, de repente, ele se transformou em um animal hediondo, o algodão se tornou seus pelos, cobrindo-lhe o corpo, enquanto o bastão se transformou em sua cauda.

Ao perceber que ele havia se tornado uma criatura horrorosa, o garoto correu para a cidade e começou a chicotear seus colegas, os jogadores, com sua cauda e, imediatamente, eles se transformaram em animais como ele.

Então, o povo não quis mais tê-los por perto e os expulsou da cidade. E eles foram para a floresta, lá viviam nas árvores e, a partir desse dia, ficaram conhecidos como macacos¹⁴⁰.

A VIRTUDE DO COCO

Visayan

Uma vez, um homem levou sua zarabatana e seu cachorro para caçar na floresta. Enquanto ele se embrenhava pela mata densa, encontrou um jovem coqueiro, que crescia no chão, por acaso.

Havia sido a primeira árvore desse tipo que ele viu em toda a sua vida e, devido a sua peculiaridade, parou para observar por um tempo.

Ao se aproximar mais daquela planta, a sua atenção foi atraída por um pássaro barulhento em uma árvore, e ele o matou com a sua zarabatana. Logo, mirou em um grande macaco, o qual o ridicularizava em outra copa de árvore, e ele também o fez cair morto aos seus pés.

Então, ouviu seu cachorro latindo furiosamente nos arbustos distantes e, apressando-se até lá, encontrou-o mordendo um porco selvagem. Depois de uma luta difícil, matou o animal e, satisfeito com seu sucesso, pendurou os três abates nas costas e voltou para a pequena planta.

— Decidi que eu vou te levar para casa comigo, plantinha — disse ele. — Porque eu gosto de você e, depois, você pode ser útil para mim.

Desenterrou a planta com muito cuidado e pegou o caminho para casa, mas ele não havia ido muito longe ao perceber que as folhas estavam ficando murchas. Não sabia o que fazer a respeito, já que, não tinha água. Por fim, em desespero, cortou a garganta do pássaro e espirrou o sangue sobre o coco. Assim que o homem fez isso, a plantinha recobrou o viço; ele, então, continuou sua jornada.

Antes que ele houvesse ido longe, porém, as folhas começaram a murchar outra vez; o homem, desta vez, restaurou a plantinha com o sangue do macaco. Então, apertou o passo e, como as folhas murcharam pela terceira vez, foi obrigado a parar e reavivar a plantinha com o sangue do porco selvagem. Era o seu último animal, então ele apertou o passo em toda a sua capacidade para chegar em casa antes que a plantinha perdesse a vida. Antes que ele chegasse à sua casa, a plantinha voltou a murchar pela quarta e última vez, contudo, assim que o homem a plantou no chão, ela rapidamente se recuperou e cresceu em uma árvore alta.

Esse caçador foi o primeiro homem que extraiu a bebida chamada *tuba* de um coqueiro. Ele a tomava com seus amigos e, ao tomarem apreço por ela, o caçador disse para eles:

— O coqueiro se parece com os três animais cujo sangue lhe encheu com vida, quando ele estava à beira da morte. Se um homem bebe três ou quatro copos de *tuba*, torna-se como o pássaro barulhento que eu mesmo matei com minha zarabatana. Já quem bebe mais do que três ou quatro copos, torna-se como o grande macaco e age como um bobo. Mas aquele que fica bêbado é como o porco selvagem e dorme até em um buraco de lama.

MANSUMANDIG

Visayan

Certo dia, um homem disse à sua esposa:

— Nós estamos ficando muito pobres. Eu preciso começar um negócio para ganhar algum dinheiro, minha esposa.

— Isso é uma boa ideia — respondeu ela. — Quanto capital você tem?

— Tenho vinte e cinco centavos¹⁴¹ — começou o homem — e vou comprar arroz e levar para as minas, já que, eu ouvi dizer que isso tem um bom preço lá.

Então, ele pegou seus vinte e cinco centavos, comprou um meio *cavan*¹⁴² de arroz e carregou em seu ombro até a mina. Ao chegar lá, falou para pessoas que ele tinha arroz à venda; eles, então, perguntaram ansiosos quanto ele queria pelo produto.

— Por acaso você esqueceu o preço usual do arroz? — indagou o homem. — São vinte e cinco centavos.

No mesmo instante, eles compraram o arroz. E o homem ficou muito feliz, porque não teria mais que carregar aquele peso todo. Colocou o dinheiro em seu cinto e perguntou se eles gostariam de comprar mais grãos.

— Sim — disseram eles. — Compraremos tantos *cavans* quanto você trazer para nós.

Quando o homem chegou em casa, sua esposa perguntou se ele tinha se saído bem.

— Ó minha esposa, é um negócio muito bom. Eu mal consegui tirar o arroz dos meus ombros e as pessoas já haviam comprado tudo — respondeu ele.

— Isso é bom — afirmou a esposa. — Nós nos tornaremos muito ricos.

Na manhã seguinte, o homem comprou um meio *cavan* de arroz, como antes, então levou para a mina. Lá, ao ser indagado sobre o preço, ele disse:

— É o mesmo de antes... vinte e cinco centavos. — recebeu o dinheiro e foi para casa.

— Como está o negócio hoje? — perguntou sua esposa.

— Ó, o mesmo de antes — ele respondeu. — Eu mal consegui tirar o arroz dos meus ombros e as pessoas já haviam comprado tudo.

Assim ele continuou com seu negócio por um ano, comprando um meio *cavan* de arroz e, em seguida, vendendo pelo preço pago por ele. Então, um dia, sua esposa falou que eles iam fazer um balanço de contas; ela estendeu um tapete no chão, sentou em uma ponta e pediu que o marido se sentasse na outra. Quando a mulher lhe pediu o dinheiro que ele havia ganhado durante o ano, o homem perguntou:

— Que dinheiro?

— Oras, me dê o dinheiro que você recebeu — respondeu a esposa — e então veremos o quanto você fez.

— Ó, aqui está — disse o homem, ao tirar os vinte e cinco centavos de seu cinto e entregar para a mulher.

— É só isso que você recebeu este ano? — exclamou a esposa com raiva. — Você não disse que o arroz tinha um bom preço nas minas?

— É tudo — ele respondeu.

— Quanto você pagou pelo arroz?

— Vinte e cinco centavos.

— Quanto você recebeu por ele?

— Vinte e cinco centavos.

— Ai, meu marido — exclamou sua esposa. — Como terá lucro se você vende pelo mesmo preço?

O homem encostou a cabeça na parede e pensou a respeito. Desde esse dia, ele passou a ser chamado de “Mansumandig”¹⁴³: aquele que se inclina para trás e pensa.

Então a esposa falou:

— Dê os vinte e cinco centavos para mim. Eu tentarei ganhar algum dinheiro.

Assim que ele os entregou em sua mão, ela completou:

— Agora, vá ao campo, onde as pessoas estão colhendo cânhamo, compre vinte e cinco centavos para mim e, assim, eu o tecerei em tecido.

Quando Mansumandig voltou com o cânhamo, ela o pegou e deixou ao sol; uma vez seco, amarrou a planta em um longo fio e, assim, colocou em seu tear. Dia e noite, a mulher trabalhou em seu tecido e, ao fim, ela teceu oito varas. Vendia cada uma por doze centavos e meio. Com esse dinheiro comprou mais cânhamo, continuou tecendo e

vendendo tecido; seu trabalho era tão bom que as pessoas se alegravam em comprar o produto dela.

No final de um ano, a mulher estendeu o tapete no chão mais uma vez; ela, por sua vez, se sentou em uma ponta, enquanto o marido se sentou na outra. Logo, despejou o dinheiro de um cobertor, onde ela o mantinha guardado, sobre o tapete e separou o capital inicial, os vinte e cinco centavos, mas, ao fazer as contas, ela descobriu que eles tinham trezentos pesos¹⁴⁴. Mansumandig ficou muito envergonhado ao lembrar que ele não havia ganhado nem um centavo; ele, como sempre, se inclinou contra a parede e pensou a respeito. Depois de um tempo, a mulher teve pena dele, então ela lhe entregou o dinheiro e falou para comprar *carabaos*.

Desse modo, o homem conseguiu comprar dez *carabaos* e, com eles, lavrou seus campos. Ao cultivar boas colheitas, eles conseguiram viver confortavelmente pelo resto de suas vidas.

POR QUE OS CACHORROS ABANAM SUAS CAUDAS

Visayan

Um homem rico em uma certa cidade tinha um cachorro e uma gata muito úteis. O cachorro havia servido seu mestre por vários anos e, portanto, estava tão velho que havia perdido os dentes e ficado incapaz para lutar, mas era um bom guia e companheiro para a gata forte e astuta.

O mestre tinha uma filha, que estudava em um convento distante, e frequentemente enviava o cachorro e a gata com presentes para ela.

Uma vez, ele chamou os fiéis animais e pediu que eles levassem um anel mágico para a menina.

— Você é forte e corajosa — disse ele para a gata. — Você carregará o anel, mas tenha cuidado para não o deixar cair.

Enquanto ao cachorro, ele falou:

— Você acompanhará a gata para guiá-la e protegê-la de qualquer perigo.

Eles prometeram fazer o melhor que podiam e partiram em viagem. Tudo correu bem até que os animais chegaram a um rio. Como não havia ponte nem barco, a única maneira de atravessar era a nado.

— Deixe-me levar o anel mágico — disse o cachorro quando eles estavam prestes a mergulhar na água.

— Ah, não — respondeu o gata. — O mestre o confiou a mim.

— Mas você não sabe nadar bem — argumentou o cachorro. — Eu sou forte e posso cuidar bem dele.

Mas a gata se recusou a entregar o presente da filha do mestre até que, finalmente, o cachorro ameaçou sua vida e, dessa maneira, a gata, a contragosto, lhe deu o objeto.

Como o rio era largo e a correnteza estava forte, eles ficaram muito cansados, mas, justo quando eles estavam próximos à margem oposta, o cachorro perdeu o anel. Eles procuraram com afinco, mas, mesmo assim, não conseguiram o encontraram em lugar algum. Depois de um tempo, os animais voltaram para contar ao mestre sobre a triste perda. Contudo, antes que eles alcançassem a casa, o cachorro estava tão dominado pelo medo que ele deu meia-volta e fugiu para não ser visto outra vez.

Então, só, a gata seguiu caminho e, ao vê-la de volta, o mestre indagou o motivo que ela havia retornado tão cedo e o que havia acontecido com o seu companheiro. A pobre gata estava assustada, mas explicou da melhor maneira possível como o anel havia sido perdido e o cachorro havia fugido.

Ao ouvir a história, o mestre ficou tão zangado ao ponto de ordenar todos os seus empregados procurassem cachorro e o punissem com o corte da cauda.

Ele também ordenou que todos os cachorros do mundo se juntassem à busca e, desde então, toda vez que um cachorro encontra

outro, ele pergunta: — Por acaso, você é o velho cachorro que perdeu o anel mágico? Se sim, a sua cauda deve ser cortada. Então, imediatamente, cada qual mostra os dentes e abana a cauda para provar que eles não são o tal culpado.

A partir daí, também, os gatos têm medo de água e, se assim eles puderem evitar, não atravessam um rio a nado.

O FALCÃO E A GALINHA

Visayan

Certo dia, ao planar pelo céu, um falcão decidiu que ele gostaria de se casar com uma galinha, a qual, ele, via na terra com frequência. Desceu e procurou até que a havia encontrado e, então, pediu que ela se tornasse sua esposa. Na mesma hora, a galinha deu seu consentimento com a única condição de que ele esperasse até que ela desenvolvesse asas como as dele e, assim, eles pudessem voar alto juntos. O falcão concordou e, após dar um anel como presente de noivado e também pedir que ela cuidasse bem dele, voou embora.

Muito orgulhosa daquele anel, a galinha o colocou em torno de seu pescoço. No entanto, no outro dia, ela encontrou o galo. Ele a olhou com espanto e disse:

— Onde você conseguiu esse anel? Não se lembra que você prometeu se tornar a minha esposa? Não deveria usar o anel de mais ninguém. Jogue-o fora.

Assim, a galinha jogou fora o belo anel.

Algum tempo depois disso, o falcão desceu e trouxe belas penas para vestir a galinha. Ao vê-lo chegar ali, ela ficou assustada, correndo para se esconder atrás da porta, mas o falcão a chamou para ver o lindo vestido que ele havia trazido.

A galinha saiu detrás da porta e, imediatamente, o falcão deu conta que o anel havia sumido.

— Onde está o anel que eu te dei? — ele perguntou. — Por que você não o usa?

Assustada e envergonhada demais para dizer a verdade, a galinha respondeu:

— Ó senhor, ontem, ao andar pelo jardim, eu encontrei uma cobra enorme e ela me assustou ao ponto que eu corri o mais rápido que eu pude para a casa. Nisso, perdi o anel e procurei em todo lugar, mas eu não consegui encontrá-lo.

Ele olhava fixamente para a galinha e percebia que ela estava contando uma mentira. Então, o falcão falou:

— Não acreditei que você pudesse se comportar tão mal. Assim que você encontrar o anel, eu voltarei outra vez e farei de você minha esposa. Mas, como punição por quebrar sua promessa, a todo momento, você deve arranhar o chão em busca do anel. Além disso, todo frango seu que eu encontrar, levarei embora.

Então, ele voou embora e, a partir desse dia, todas as galinhas em todo o mundo têm arranhado o chão para encontrar o anel do falcão.

A ARANHA E A MOSCA

Visayan

O senhor Aranha queria se casar com a senhorita Mosca. Muitas vezes, ele falou sobre seu amor e implorou para fazê-la sua esposa, mas ela não gostava dele e, por esse motivo, recusava suas investidas.

Certo dia, quando viu o senhor Aranha chegando outra vez, a senhorita Mosca fechou todas as portas e janelas de sua casa e preparou um pote de água fervente. Então, ela esperou e, assim que o senhor Aranha chamou e implorou para entrar em sua casa, respondeu jogando água fervente sobre ele. Isso o deixou muito bravo e senhor Aranha exclamou:

— Eu nunca a perderei por isso, e eu e meus descendentes te desprezaremos para sempre. Nós jamais te daremos paz.

O senhor Aranha manteve a sua palavra e, ainda hoje, percebe-se o ódio que a aranha sente pela mosca.

A BATALHA DOS CARANGUEJOS

Visayan

Uma vez, os caranguejos da terra tiveram uma reunião e um deles falou:

— O que nós devemos fazer com as ondas do mar? Elas cantam tão alto, o tempo todo, que não é possível que nós consigamos pegar no sono.

— Bem — começou um dos caranguejos mais velhos — acho que nós deveríamos declarar guerra.

Concordaram e, no dia seguinte, decidiram que todos os caranguejos machos se preparariam para lutar contra as ondas. Assim, partiram rumo ao mar, como combinado, até que eles encontraram um camarão.

— Para onde vocês vão, meus amigos? — perguntou o camarão.

— Vamos lutar contra as ondas — responderam os caranguejos. — Pois elas fazem tanto barulho que nós não conseguimos dormir à noite.

— Não creio que vocês terão sucesso — alertou o camarão. — Porque as ondas são muito fortes e suas pernas são tão fracas que os seus corpos quase se curvam ao chão quando vocês andam. Com isso, ele riu alto.

Isso os deixou com muita raiva. Por isso, eles beliscaram o camarão até que ele promettesse ajudar a vencer aquela batalha.

Então, eles foram para a costa. Mas, ao notar que os olhos do camarão eram diferentes dos seus, os caranguejos acharam que os dele estavam errados, então riram do crustáceo e disseram:

— Amigo camarão, seu rosto está virado para o lado errado. Que arma você tem para lutar contra as ondas?

— Minha arma é uma lança na minha cabeça — respondeu o camarão, mas, justo naquele momento, ele notou que uma grande onda estava vindo e fugiu de lá. No entanto, os caranguejos não viram a mesma coisa, pois, ao contrário dele, olhavam para a costa, e foram cobertos e afogados pela água.

Com o passar das horas, as esposas dos caranguejos ficaram preocupadas, pois seus maridos não voltavam para casa; elas, então, foram até a praia para ver se a sua ajuda seria necessária em batalha. Contudo, assim que elas alcançaram a água, as ondas as atingiram e tiraram suas vidas.

Após algum tempo, milhares de caranguejinhos apareceram nas proximidades da costa e, com frequência, o camarão os visitava e contava sobre o trágico destino de seus pais. Até hoje, eles podem ser avistados, correndo a todo momento para frente e para trás, à beira-mar. Parecem se atirar à luta contra as ondas e, conforme a sua coragem falha, eles se apressam de volta para a mesma terra que viveram os seus antepassados. Eles não vivem em terra seca, como seus ancestrais, nem

no mar, como os outros caranguejos, mas na praia, onde as ondas os atingem na maré alta e tentam despedaçar seus corpos.

NOTAS

1 Esse incidente é surpreendentemente parecido com a história do folclore norte-americano na qual a donzela é capturada por uma videira e carregada para cima. Outros pontos de semelhança aparecem em contos da Malásia, Polinésia e América.

2 Esse incidente é único quando comparado com os folclores americanos ou europeus, mas é comum nas histórias, enquanto histórias semelhantes são encontradas entre os povos vizinhos Ilocano e Igorot nas Filipinas, assim como em Bornéu, Java e Índia.

3 A crença que a beleza é capaz de produzir uma grande luz não é peculiar aos contos, pois também aparece em lendas da Malásia e da Índia. É bem provável que tenham uma origem comum.

4 A noz de areca é o fruto das palmeiras de areca. É preparada para ser mastigada cortando as nozes em quartos, cada pedaço sendo enrolado em uma folha da palmeira coberta de limão. Mascar a noz de areca produz uma saliva vermelha como o sangue que tira a cor dos lábios e dos dentes, e é usada extensivamente nas Filipinas. Embora pareça ter sido muito comum entre os na época que essas histórias se originaram, agora ela foi substituída pelo tabaco, exceto nas cerimônias quando é preparada para mascar; também é colocada nos animais preparados para sacrifícios aos espíritos. Através dos contos, é dada uma grande significância para a mastigação das nozes de areca antes das apresentações, pois parece que

era possível prever eventos e estabelecer relacionamentos a partir das nozes e da saliva.

5 Os não possuíam calendário, mas calculavam o passar do tempo pela recorrência das fases da lua.

6 É costume atual dos fazer diversas cerimônias para os espíritos. Elas variam em duração de algumas horas até dezessete dias. Durante esse período, animais são sacrificados, pequenas casas são construídas, médiuns entregam mensagens dos espíritos, e há muitos banquetes e danças.

7 Quando a noz de areca está madura, ela fica coberta de uma casca dourada, e é possivelmente por causa disso que diziam que era coberta de ouro. Os do dia atual, em vez de enviarem nozes de areca, enviam um pequeno pedaço de ouro a algum parente ou amigo que eles desejem muito que venha à cerimônia.

8 Isso parece ser peculiar aos contos.

9 Exceto quando está de luto, os braços de uma mulher estão sempre cobertos de miçangas, colocadas fio acima de fio.

10 Os pais de um menino escolhiam sua noiva quando as crianças eram bem jovens. Uma grande celebração era feita, e os parentes e amigos de ambas as partes decidiam qual seria o preço a ser pago pela menina. Um pagamento parcial era feito imediatamente, e o restante era pago quando o casamento em si acontecia, quando o menino e a menina tinham de doze a catorze anos. Nessa instância, Ini-init está fazendo o pagamento de costume por sua noiva, apesar do casamento já ter acontecido.

11 Os amigos e parentes batem arroz e preparam comida para os convidados que vão à cerimônia.

12 Uma casa para os espíritos é uma das casinhas que são construídas durante uma cerimônia.

13 Provável referência a jarros chineses antigos.

14 O costume, que ainda existe até certo ponto, era oferecer comida a um convidado antes de que o assunto em questão fosse discutido. Em tempos antigos isso era considerado muito necessário, como ainda é entre

os Apayao que vivem ao norte dos. Para eles, recusar comida é recusar amizade.

15 Uma bebida preparada fermentando cana-de-açúcar.

16 Os jarros antigos em posse dos de hoje possuem entalhes quebrados nas bordas, um para cada geração que herdou o jarro.

17 Quando essas negociações são feitas, os pais do menino oferecem algum presente, geralmente uma pequena miçanga. Se esse presente é aceito, isso significa a disposição dos pais da menina a considerarem o casamento.

18 A música para as danças era feita batucando em tambores e gongos de cobre. Um homem e uma mulher entram em um círculo, cada um carregando um grande quadrado de tecido em seus braços esticados. Acompanhando o tempo da música com seus pés e suas mãos, eles se movem, se aproximando e se afastando um do outro. A mulher segue os movimentos do homem e finalmente coloca seu tecido nos braços esticados dele, assim encerrando a dança; e então outro casal toma seus lugares.

19 Um paralelo interessante a isto é encontrado na lenda Dayak de Limbang, no qual uma árvore brota da cabeça de um gigante morto; suas flores são miçangas; suas folhas, tecido; e o fruto, jarros. Ver Roth, *Os nativos de Sarawak e Borneo do Norte*.

20 Por diversas histórias os personagens são frequentemente descritos com a habilidade de mudar sua forma para óleo, centopeias, pássaros e outras formas. Esse poder também é encontrado entre os heróis Dayak e os contos malaios.

21 Os colocam um galo adestrado em um local aberto na floresta e o cercam de linhas com laços nas pontas. O cantar desse pássaro atrai pássaros selvagens que vem brigar com ele e são pegos nos laços.

22 *Carabao* (*Bubalus bubalis*) é uma raça de búfalo-asiático nativa das Ilhas Filipinas. Conhecido por sua força e resistência, esse animal é utilizado em atividades agrícolas, como o cultivo de arroz, para arar os campos alagados. Por esses motivos, o *carabao* é um símbolo cultural do país e representa o trabalho árduo e a vida rural. (N. do T.)

23 A roupa comum dos homens de é uma tanga e um cinto listrado, no qual ele carrega seu tabaco e pequenos itens. Alguns deles também possuem casacos listrados de algodão, que usam em ocasiões especiais.

24 Essa ideia peculiar, que aparece frequentemente nos contos, também aparece na literatura Javanesa.

25 *Biw* parece ser algum tipo de fruta, mas não há uma descrição mais detalhada do que isso. (N. do T.)

26 Os de hoje não possuem sabão, em seu lugar eles usam as cinzas da palha de arroz, ou frequentemente eles encharcam a casca de uma árvore específica com água que eles usam para lavar o cabelo.

27 Tanto no antigo Egito quanto na Índia, existia uma crença comum na qual amigos ou parentes poderiam saber a condição de alguém que não estava presente através da condição de uma videira ou árvore específica; se a videira florescesse, era sinal de que a pessoa estava viva e bem, mas se a videira murchasse ou morresse, eles consideravam a pessoa como morta e iniciavam o luto. É interessante notar que um costume idêntico exista no norte das Filipinas.

28 O “fogão” filipino consiste em uma cama de cinzas na qual três pedras são colocadas, e é sobre essas pedras que eles colocam as panelas.

29 Parece que as pessoas dos tempos antigos usavam as mesmas armas que as de hoje. Os comumente vestem um machado em seus cintos, e quando estão trabalhando essa é sua ferramenta de escolha. Quando caçando ou durante tempos de guerra, também carregam um escudo de madeira e uma lança com ponta de aço que tem entre oito e dez pés de comprimento (de 2,5m a 3m, aproximadamente). Para ataques à distância eles dependem da lança, mas em encontros corpo-a-corpo, preferem o machado e o escudo, este último tendo um formato oblongo e duas garras em um lado e três garras no outro. As duas garras são para colocar ao redor do pescoço da vítima enquanto o machado faz seu trabalho, ou as três garras podem ser usadas nas pernas da mesma maneira.

30 A partir deste e de outros incidentes, se torna evidente que esse povo conversava com o relâmpago e com o trovão. Eles ainda consideram com muito apreço os avisos vindos dessas fontes; mas agora se acredita que

o trovão é o cão de Kadaklan, o maior de todos os espíritos, e que o deus revela seus desejos através das latidas de seu cão.

31 Histórias nas quais os animais vêm à assistência de seres humanos são encontradas em muitas terras. Uma das mais conhecidas para os europeus é aquela em que formigas separam os grãos para a Cinderela.

32 Era o antigo costume colocar as cabeças dos inimigos derrotados no portão ou ao redor da cidade, e essa prática ainda prevalece em alguns dos povos vizinhos. Mais recentemente era o costume expor a cabeça no portão da cidade por três dias, depois dos quais era feita uma grande celebração e os crânios eram partidos e os pedaços eram distribuídos entre os convidados.

33 Nas crenças atuais, os reconhecem muitos gigantes, muitos com mais de uma cabeça. Em uma parte do ritual de cerimônia, lemos: "Um homem abre a porta para aprender a causa dos latidos e encontra um homem, gordo e alto, com nove cabeças".

34 Uma vara de bambu, cortada de forma que reste apenas a ponta do fim, serve de balde de água.

35 Uma vara de bambu, na qual uma ponta de madeira dura é inserida. A vara é então enfiada na terra, e no buraco feito pela ponta se plantam as mudas ou grãos. Esse método antigo ainda é usado em alguns lugares nas montanhas, mas nas terras-baixas se usa uma espécie de arado para afrouxar o solo.

36 Em histórias europeias, asiáticas, africanas e malaias encontramos referências a seres que usam vestidos estelares: quando usam os vestidos, são estrelas; quando tiram os vestidos, são humanos.

37 É tradição ter uma casinha de bambu feita 15 a 20 pés acima do campo de arroz, e nessa casa alguém vigia o campo para se assegurar que ninguém vai invadir e destruir o grão. Era comum ter espantalhos espalhados pelo campo conectados por uma corda que levava à casinha, para que o vigia pudesse espantar os pássaros puxando a corda e fazendo os espantalhos agitarem os braços.

38 As noites nas montanhas são muito frias, e não é incomum ver grupos de pessoas enroladas em cobertores se aquecendo em fogueiras de

manhã cedo.

39 Parecem existir dois tipos de espíritos, aqueles pelos quais as pessoas têm o maior respeito e reverência, e outro tipo que eles pareciam acreditar serem servos dos mortais.

40 A palavra usada no original é "*langpadan*", que significa "arroz da montanha". Essa variedade não precisa de irrigação e é plantada até hoje, embora a grande maioria dos grãos usados hoje sejam cultivados em campos de terraços na costa da montanha, para os quais a água para irrigação é trazida de riachos distantes através de um sistema de tubos de bambu e canais. O fato de que o arroz da montanha é mencionado aponta para um passado longínquo, antes da descoberta dos campos irrigados.

41 O *labeug* é o pássaro de agouros e acredita-se ser o mensageiro direto de Kadaklan, o grande espírito, para as pessoas.

42 Antes que os pacotes de arroz maduro pudessem ser colocados no celeiro, é feita uma cerimônia para os espíritos. O sangue de um porco é misturado com arroz cozido e colocado no celeiro como uma oferenda para o espírito que multiplica o grão, caso contrário o arroz acabaria rapidamente.

43 O espírito que é segundo em importância depois de Kadaklan, o grande espírito. Foi ele quem ensinou ao povo todas as boas coisas, e finalmente ele se casou com uma mulher de Manabo para se tornar mais próximo das pessoas. Ver: "Como os aprenderam a plantar".

44 Essa história é considerada pelos como bem recente em sua origem. Eles acreditam que Sayen viveu não muito tempo atrás, embora as histórias sobre ele sejam muito parecidas com as histórias antigas.

45 As *alan* são, supostamente, espíritos deformados que vivem nas florestas. São do tamanho de pessoas, mas tem asas e conseguem voar. Além disso, seus dedos dos pés ficam nos calcanhares, e seus dedos apontam para trás de seus pulsos..

46 Hoje em dia os usam pederneiras para fazer fogo, mas não é muito incomum que eles visitem um vizinho para pedir uma brasa emprestada para começar uma chama.

47 Os Ilocano, um povo cristianizado vizinho, conhecem o Komow como um pássaro fabuloso que é invisível, e no entanto rouba as posses das pessoas.

48 Esse conto é de importância especial para os pois explica como aprenderam duas das coisas mais importantes para sua vida atual — como plantar e como tratar os enfermos. O conto também mostra como a morte veio parar na Terra.

49 É comum avistar grupos de homens armados com lanças e machadinhas saindo bem cedo das vilas durante a temporada seca, em direção às montanhas. Geralmente levam com eles, para ajudar na perseguição, uma matilha de cães famintos. Frequentemente colocam uma rede no caminho das presas, e então metade do grupo se esconde entre as árvores enquanto os outros buscam levar a caça para a rede, onde é morta com lanças.

50 Jarros chineses antigos são encontrados pelo interior das Filipinas e são associados fortemente com o folclore dos. Alguns dos jarros são datados do século X, enquanto muitos são dos séculos XII e XIV, e evidentemente entraram nas ilhas através do comércio pré-espanhol. São considerados muito valiosos e são geralmente usados como parte do pagamento por uma noiva e para a resolução de conflitos.

51 Essa caverna se encontra nas montanhas, na metade do caminho entre Patok e Santa Rosa. Nessa região há várias cavernas de calcário, cada uma com suas tradições específicas.

52 Cabildo de Domayco, o invejado dono deste jarro, já recusou grandes somas oferecidas pela sua venda, e embora homens de outras etnias tenham vindo oferecer dez *carabaos* de uma vez, não conseguiram tentá-lo a vender o jarro.

53 Essas belas miçangas de ágata ainda são usadas pelas mulheres, que as valorizam muito. São raramente vendidas, e cada uma vale mais que um *carabao*.

54 Esse é o nome pelo qual os espíritos chamam todos os humanos.

55 Esse tratamento das *alan* é típico do que é oferecido pelos de hoje aos espíritos menos poderosos. Nas cerimônias é frequente zombarem deles

e enganá-los sobre os sacrifícios.

- 56** Uma miçanga peculiar que tinha efeito dobrado, na crença dos.
- 57** Conhecido pelos como Banog, esse pássaro ocupa um lugar muito parecido entre os como o lugar que Garuda ocupa no folclore indiano.
- 58** Esse conto dá aos uma ideia do mundo futuro. Sogsogot, supostamente, viveu há muito pouco tempo, e suas experiências são muito conhecidas pelo povo.
- 59** Em inglês “periwinkle”, referindo-se a uma espécie comum de caramujos marinhos comestíveis, *Littorina littorea*. (N. do T.)
- 60** Um conto muito parecido com esse é contado pelos Ilocano vizinhos, de quem talvez essa história tenha sido emprestada; mas aqui é introduzido o costume de pagar um preço pelo casamento.
- 61** “Venha me pegar”.
- 62** Esse tipo de história também é encontrado mais ao sul, nas quais a esperteza do animal menor o faz prevalecer contra o animal mais forte.
- 63** Os lares dos não possuem mesas ou cadeiras. As pessoas costumam se agachar no chão, sentando-se em seus calcanhares; e se algo é usado como assento, geralmente é um pedaço de casca de coco ou um pequeno bloco de madeira.
- 64** Aqui temos um conto proverbial, no qual os expressam a ideia “a pressa é inimiga da perfeição”.
- 65** Outra versão dessa história é encontrada no norte de Borneo, na história do *pilandok* (uma espécie de cervo-rato) e do caranguejo. Crianças europeias conhecerão essa história como “a lebre e a tartaruga”.
- 66** Essa história demonstra a influência dos nativos cristianizados, dentre os quais rinha de galo é um esporte muito popular. Entre os, ele é apenas encontrado nos que entraram em contato com os cristianizados.
- 67** Lumawig é o maior de todos os espíritos e agora vive no céu, embora por um tempo tenha morado na vila de Bontoc. Ele se casou com uma menina de Bontoc, e as pedras da casa deles ainda podem ser vistas na vila.

Foi Lumawig que criou os Igorot, e desde então tem se interessado muito por eles, os ensinando a superar as forças da natureza, como plantar, como colher e, de fato, tudo que sabem. Uma vez por mês é feita uma cerimônia em sua honra em um bosque sagrado, cujas árvores acredita-se terem brotado das covas de seus filhos. Ali são oferecidas orações por boa saúde, bom plantio, e sucesso na batalha. Há muita semelhança entre Lumawig dos Igorot e Kaboniyán dos, o último sendo também conhecido às vezes como Kambun'yan.

68 Os Bukidnon de Mindanau contam a seguinte história: Durante uma grande seca, Mampolompon não conseguia cultivar nada em sua clareira exceto por um único bambu, e durante uma forte ventania, o bambu se quebrou. Desse bambu saíram um cachorro e uma mulher, que foram os ancestrais dos Moro. Ver: "A abóbora branca".

69 Na parte norte da vila de Mayinit há uma grande quantidade de fontes termais salubres, e dessas as pessoas conseguem o sal que tornou essa região famosa. Pedras são colocadas nos riachos rasos que fluem dessas fontes, e quando elas ficam encrostadas de sal (aproximadamente uma vez por mês), elas são lavadas e a água evapora sendo fervida. O sal, que nessa altura é uma pasta grossa, é moldado em torrões que são assados próximos ao fogo por mais ou menos meia hora, e então fica pronto para o uso. É a única forma de obter sal nessa região, e há grande demanda por ele. Até mesmo os povos hostis sobem em uma colina que fica acima da cidade e chamam, depositando o que tiverem levado para trocar e se retiram, enquanto os Igorot sobem a colina com o sal e o deixam no lugar dos objetos de valor.

70 As mulheres de Samoki são conhecidas como excelentes artesãs, e seus jarros são usados em muitos lugares. De um poço em uma colina ao norte da vila elas escavam uma argila vermelho-amarronzada, que elas misturam com um mineral azulado colhido em outra colina. Quando essa argila está bem misturada, é colocada em uma tábua no chão, e a oleira, ajoelhada sobre a argila, começa a moldá-la. Muita paciência e habilidade são necessárias para levar o jarro ao formato desejado. Quando é completado, é deixado no sol para secar por dois ou três dias, depois dos quais está pronto para ser queimado. Os novos potes são empilhados no chão e cobertos com grama amarrada em pacotes. Então se queima casca de pinheiro embaixo da pilha por uma hora, e depois a cerâmica foi

queimada o suficiente. Então é envernizada com resina e está pronta para ser vendida.

71 Histórias sobre enchentes estão presentes na mitologia de quase todos os povos das Ilhas.

72 Uma cesta de bambu, na qual as cabeças das vítimas são depositadas antes da celebração da pega das cabeças.

73 O folclore de quase todos os países possui alguma história contando sobre a aquisição do fogo. A história dos é a seguinte: Muito tempo atrás, Kaboniyán enviou uma enchente que cobriu toda a Terra. Quando não havia lugar para o fogo permanecer, então ele foi para o bambu, as pedras, e o ferro. É por isso que alguém que tem o conhecimento sabe fazer fogo a partir de bambus e pedras.

74 Notar semelhança com a história de Moisés nessa contagem de Lumawig batendo na pedra para fazer sair água. É possível que esse incidente tenha sido adicionado à história após o advento dos missionários católicos.

75 Geralmente é possível encontrar um ou dois caixões novos na vila Igorot. Eles são feitos de um tronco partido em dois, com cada metade sendo escavada. Como a fabricação desses caixões leva alguns dias, é necessário prepará-los com antecedência. Depois que o corpo é depositado, a tampa é afixada com *rattan* e as fendas são seladas com lama e cal.

76 Uma ideia um tanto parecida é encontrada entre os Kulaman da parte sul de Mindanau. Entre eles, quando um homem importante morre, ele é colocado em um caixão, que parece um pequeno barco, e então o caixão é preso em postes altos perto do mar.

77 Essa história, registrada pela primeira vez pelo Dr. A.E. Jenks, dá a origem ao costume de caça de cabeças, que é uma parte tão importante da vida dos Igorot. Os Igorot dizem que têm caçado cabeças desde que Lumawig viveu na Terra e os ensinou a guerrear, e eles declaram que isso os torna corajosos e másculos. A volta de um grupo de guerra bem-sucedido é sempre causa de grande celebração.

78 Esse é outro método comum de fazer cerâmica.

79 Aqui temos uma história, registrada pelo Dr. A.E. Jenks, que vale por duas: é contada para as crianças como um aviso contra a mesquinha, mas também explica a origem da águia-serpente. A águia-serpente filipina (*Spilornis holospilus*) é uma águia encontrada nas principais ilhas das Filipinas, sendo uma espécie endêmica.

80 Não há florestas na maior parte do território dos Igorot, as montanhas são cobertas de caniço-branco e alguns pinheiros. Vistos de longe, os pinheiros têm uma aparência estranha, pois os galhos mais baixos são cortados para serem usados de combustível, e permanece apenas a parte superior espessa.

81 Registrada pela primeira vez pelo Dr. A.E. Jenks.

82 Fazer uma tatuagem é um processo muito doloroso, mas homens, mulheres e crianças Igorot se submetem a isso de bom grado pela beleza. O desenho é feito na pele com uma tinta feita de cinza e água, então a pele é perfurada através do desenho e a cinza é esfregada nas feridas. Muitos desenhos aparecem nos rostos, braços, estômagos, e outras partes do corpo, mas a marcação mais importante é no peito de um homem Igorot. Isso significa que ele já tomou pelo menos uma cabeça humana, e assim demonstra que é digno do respeito de seu povo.

83 Essa história também conta a origem do corvo e do lagarto, ambos animais muito comuns no território Igorot.

84 Essa história, registrada pela primeira vez pelo Dr. A.E. Jenks, embora explique a origem do passarinho do arroz, também aponta uma moral, no caso, de que há punição para crianças desobedientes.

85 A maneira mais comum de bater arroz é colocar um tanto do grão no chão em uma pele seca de *carabao* e bater nele com um pilão para separar as cabeças da palha. Quando estão soltas, se coloca o arroz em um almofariz e novamente é golpeado com o pilão até que o grão esteja separado do joio, e então é peneirado.

86 De acordo com o mito Klemantin (Borneo), o céu foi erguido quando um gigante chamado Usai acidentalmente bateu nele com sua marreta enquanto estava batendo arroz.

87 Uma crença parecida de que um caranguejo gigante é responsável pelas marés é bem comum na Malásia. Os Batak de Palawan agora acreditam, assim como os Mandaya do leste de Mindanau, que as marés são causadas por um caranguejo gigante entrando e saindo de sua caverna no fundo do mar.

88 A semelhança dessa história com a passagem bíblica da Enchente nos leva a supor que ela veio dos povos cristianizados ou muçulmanos e foi trabalhada pelos Bukidnon no formato do seu próprio pensamento. Contudo, às vezes a história da enchente é contada de tal maneira que não pode ser considerada como influenciada pelo cristianismo. Ver, por exemplo, **A História da Enchente** como contada no folclore do povo Igorot, presente anteriormente nesse mesmo livro.

89 *Rattan* é o nome de aproximadamente 600 espécies de palmeira, das quais 91 existem nas Filipinas. As videiras dessas árvores são processadas em uma madeira fina e flexível, que pode ser usada na confecção de cestas, roupas, cordas etc. (N. do T.)

90 Esse mito celestial dá conta de diversas constelações que são de grande importância para os Bukidnon. Magbangal aparece no céu quase no formato de concha, como a Ursa Menor, o cabo sendo feito de seu único braço. Para o oeste e quase em cima dele há uma constelação em formato de V, que se acredita ser a mandíbula de um dos porcos que ele matou. Mais ao oeste aparece a colina na qual ele caçava, enquanto três grupos de estrelas que parecem estar seguindo a ele próximo do amanhecer são sua machadinha, o tubo de bambu no qual carregava água, e seu grande lagarto de estimação. É a aparência e posição dessas constelações no céu que mostram aos Bukidnon quando chegou a época de preparar a terra para o plantio anual; e como esse conhecimento seja da maior importância para esse povo, eles sentem que Magbangal lhes presta um serviço eterno. O herói Lafaang de um mito de Borneo, que é representado pela constelação Órion, perdeu seu braço tentando cortar uma árvore de maneira diferente à prescrita por sua esposa celestial, a constelação Pegasen.

91 Facas longas nativas das Filipinas.

92 Os tecidos eram tingidos de diversas cores sendo fervidos em água na qual era feita uma infusão de diferentes tipos de folhas ou raízes.

Entretanto, para tingir o tecido em um tom preto azulado, o tecido era parcialmente enterrado em lama até que a cor desejada fosse obtida.

93 Macacos são inúmeros nas Filipinas, e sem dúvida suas aparências e ações humanas levaram as diferentes etnias a tentarem explicar como haviam originado dos homens. Aqui temos a forma mais provável que os Bukidnon imaginaram para explicar sua existência.

94 Essa história faz parte de uma série de histórias de heróis míticos de outrora cujos atos de proeza ainda são recontados pelos guerreiros Bukidnon.

95 Um casaco pesado e acolchoado de cânhamo com um *kilt*, supostamente o casaco consegue proteger quem o veste de lanças. Sobre o ombro se usa uma faixa na qual algumas pedras e encantos peculiares são colocados, e acredita-se que protegem quem os veste. Os guerreiros que já tomaram trinta vidas humanas têm a permissão de usar um cocar em formato de coroa.

96 Essa história é um bom exemplo da forma com que as pessoas tentam dar conta dos seus arredores. Quase todos se consideram o povo original, e os Bagobo não são exceção disso. Nessa história, que evidentemente é muito antiga, eles dão conta de si e de seus vizinhos e, então, para cumprir as necessidades do dia atual, adaptaram a história para incluir os estrangeiros que só conhecem a menos de duzentos anos.

97 *Buso* são espíritos maus que têm o poder de machucar as pessoas. São feios e comem qualquer coisa, até mesmo pessoas mortas. Um jovem Bagobo descreveu sua ideia de um *buso* da seguinte maneira: "Ele tem um corpo longo, pés e pescoço longos, cabelo enrolado, e uma cara preta, nariz achatado, e só um olho vermelho ou amarelo. Ele tem pés e dedos grandes, mas braços pequenos, e seus dois grandes dentes são longos e pontudos. Como um cão, ele come qualquer coisa, até pessoas mortas."

98 Evidentemente, essa é uma história antiga na qual o contador está introduzindo ideias modernas.

99 Aqui, como acontece frequentemente, uma história de origem foi adicionada a outra história com a qual não possui conexão lógica.

100 Essa história é bem conhecida entre os Bilaan, que são uma das etnias menos influenciadas pelos espanhóis, e ainda assim tem tantos incidentes semelhantes a histórias bíblicas que sugere uma forte influência cristã. Também é possível que algumas dessas ideias tenham vindo dos Moro que são muçulmanos.

101 O mais poderoso de todos os espíritos e aquele a quem o povo recorre em tempos de grande perigo.

102 Uma história semelhante é contada na Borneo do Norte Britânica.

103 Melu, Fiuweigh, Diwata e Saweigh.

104 Buswit.

105 Uma história de origem muito diferente daquela dos Bukidnon e Bagobo. Enquanto as outras mostram uma certa influência estrangeira, essa parece ser tipicamente primitiva.

106 Uma espécie de pombo que era o pássaro de presságio dos Mandaya. Acredita-se que são mensageiros do mundo espiritual e, através de seu canto, avisam as pessoas do perigo ou anunciam o sucesso. Se o canto desse pássaro vem do lado direito, é um bom sinal, mas se vier da esquerda, frente ou trás, é um mau sinal, e o Mandaya sabe que deve mudar seus planos.

107 O nome do caranguejo era Tambanokano.

108 Um eclipse lunar. Essa crença de um monstro engolindo a lua e os esforços desesperados em assustá-lo é bem comum. É encontrada entre os Batak de Palawan e em outras partes da Malásia, assim como nas mitologias do Mar do Sul, China, Mongólia, Tailândia e Hindu. Até mesmo no Peru encontramos a crença que um espírito maligno na forma de uma besta estava comendo a lua, e que para assustá-lo as pessoas gritavam e batiam em seus cães para fazê-los fazer barulho.

109 Registrada pela primeira vez por Emerson B. Christie.

110 Uma caixa de bronze que tem três compartimentos, uma para a noz, a outra para o limão, e uma para a folha de areca, que é usada para o preparo da noz para mascar.

111 Os Subanun adotaram as vestimentas dos Moro, que consistem em longas calças e um casaco. Essa história mostra muita influência dos Moro. Sete é um número místico e mágico entre os malaios. É constantemente usado em adivinhação e práticas mágicas e aparece repetidamente em seu folclore. Skeat explica sua importância se referindo às sete almas que se acredita cada mortal possuir.

112 Primeiro registro por N. M. Saleeby.

113 Sem dúvidas, essas grandes aves são derivadas da literatura indiana, na qual o fabuloso pássaro Garuda desempenhava um papel importante.

114 Para complementar a nota da autora: Garuda (em sânscrito, गरुड) é uma criatura mitológica que serve como montaria do deus Vishnu. Em algumas lendas, é retratado como um pássaro, enquanto em outras, apresenta uma cabeça humana com o corpo de ave. (N. do. T.).

115 O nome "Indarapatra" (em sânscrito: इन्द्रपात्र, *indrapatra*) se deriva de *Indra*, o deus dos céus e das tempestades na mitologia hindu, e *patra* que significa "protetor" ou "senhor", significando "senhor de Indra" ou "protetor sob a autoridade de Indra". Este nome aparece em vários contos malaios e, também, sumatras. (N. do. T.).

116 O nome "Sulayman" (em árabe: سُلَيْمَان, *sulayman*) é a forma islâmica de "Salomão", que foi um profeta e rei sábio na tradição judaico-cristã e islâmica. Aqui, uma figura lendária do folclore filipino, especialmente entre os povos Moro, ele é descrito como um príncipe e herói, assim como um símbolo de coragem e liderança. (N. do. T.).

117 Neste caso de uma figura semi-histórica, que o pai era dito ser irmão do terremoto e do trovão, temos uma interessante mistura de fatos mitológicos e históricos.

118 O Vale do Rio Grande é uma planície fértil, estendendo-se ao longo do Rio Grande, o maior rio da ilha de Mindanau, e está localizado entre as províncias de Maguindanao e Cotabato. Conhecido pela produção de arroz e milho, o Vale do Rio Grande é uma das áreas agrícolas mais importantes das Filipinas. Além disso, a região possui uma grande diversidade cultural e

histórica, habitada por diversas comunidades indígenas e grupos muçulmanos. (N. do. T.).

119 Entre os malaios, o sultão é o líder soberano de um distrito, enquanto os líderes auxiliares são conhecidos como *datos*.

120 Aqui, como na tradição, encontramos heróis conversando com animais e comandando as forças da natureza para vir em seu auxílio.

121 A palmeira de bongo ou palmeira-leque-africana (*Borassus aethiopum*) se encontra em várias partes da África e, também, em algumas regiões da Ásia. Essa espécie é conhecida por seu tronco alto, suas folhas em formato de leque e seus frutos grandes e fibrosos – que são valorizados por suas múltiplas utilidades, como fonte de madeira, fibras e alimentos, sendo parte integral da vida cotidiana e das economias locais em várias comunidades. (N. do. T.).

122 A Ilha de Bongos é uma pequena ilha localizada no sudoeste das Filipinas, especificamente na província de Maguindanao, na região de Bangsamoro. Situada no Golfo de Moro, a ilha faz parte do município de Sultan Kudarat e é habitada por comunidades locais que dependem da pesca como principal atividade econômica. Embora seja pouco conhecida no cenário internacional, a ilha tem importância local por sua contribuição à subsistência e à cultura das comunidades muçulmanas da região. (N. do. T.).

123 A Montanha Timaco está localizada na ilha de Mindanau, nas Filipinas, especificamente na província de Zamboanga Sibugay. Embora não seja uma das montanhas mais altas ou conhecidas do país, é significativa para a região devido a sua vegetação rica e sua importância para as comunidades locais, que dependem dos recursos naturais ao seu redor. (N. do. T.).

124 Os macacos brancos, embora não existam como uma espécie específica na natureza, podem ser associados a primatas de pelagem clara, como o colobo-guereza (*Colobus guereza*) e o gibão-de-mãos-brancas (*Hylobates lar*), que possuem colorações que variam do branco ao creme. Em várias culturas, macacos brancos aparecem em lendas e mitologias, simbolizando espiritualidade ou proteção, especialmente em tradições asiáticas e africanas. (N. do. T.).

125 A *vara* era uma unidade de medida de comprimento utilizada em diversos países de influência espanhola e portuguesa até o século XIX. Na Espanha, a vara possuía variações regionais, mas era comumente equivalente a 83,59 centímetros. Essa medida foi amplamente usada para demarcar terras e construir edificações, sendo posteriormente substituída por sistemas métricos padronizados. A vara espanhola difere da utilizada em Portugal e suas ex-colônias, que também tinham suas próprias variações locais de comprimento. (N. do T.).

126 Esta história contada pelos Ilocanos é bem conhecida tanto entre os povos das Filipinas (cristianizados ou não), e também em Bornéu e Java. No entanto, a versão Ilocano é a única, até onde se sabe, que contém um elemento explicativo: é fornecida a razão pela qual os macacos não comem carne. A tartaruga é creditada com uma extraordinária sagacidade e astúcia. É mais um exemplo do tipo de história que mostra a vitória dos fracos e astutos sobre os fortes, mas tolos. Veja "A tartaruga e o lagarto", dos

127 Pilar é uma cidade localizada na província de Bataan, nas Filipinas. Conhecida por sua importância histórica, ela abriga o famoso Monte Samat, onde encontra-se o *Dambana ng Kagitingan* ou "Santuário da Coragem", um monumento em homenagem aos soldados filipinos e americanos que lutaram na Batalha de Bataan durante a Segunda Guerra Mundial. Além disso, também é reconhecida por seus locais religiosos e, por isso, considerada como um destino de peregrinação. (N. do T.).

128 *Caramay* ou *karamay* (*Phyllanthus acidus*) é uma planta tropical encontrada nas Filipinas e outras regiões da Ásia. Seus frutos pequenos e ácidos, de tons esverdeados ou amarelados, são amplamente usados para fins culinários e medicinais. No Brasil e outros países lusófonos, a árvore é comumente conhecida como "groselha-branca" ou "groselha-indiana". (N. do T.).

129 Todos os eventos descritos aqui representam ocorrências atuais, mas essa história parece ter sido inventada para mero entretenimento.

130 O chefe da cidade.

131 Aqui, temos uma excelente ilustração: como uma história trazida pelos espanhóis foi adaptada para o contexto filipino. Esta é, sem dúvida, a clássica história de Midas, mas como o burro é praticamente desconhecido

nas Filipinas, chifres (provavelmente de *carabao*) foram substituídos pelas orelhas de burro que cresceram na cabeça de Midas. Da mesma forma, o bambu, que cresce em abundância, substitui os juncos na história original.

132 A origem sobrenatural de uma criança em alguma espécie de planta, geralmente um bambu, é uma fantasia comum nas lendas malaias.

133 O milhafre-preto (*Milvus migrans*), uma ave de rapina que pertence à família *Accipitridae*, é frequentemente encontrado em várias partes das Filipinas. (N. do T.).

134 O gavião-da-europa (*Accipiter nisus*), mais conhecido como gaviãozinho ou gavião-de-galinheiro em português, é uma pequena ave de rapina encontrada em várias partes da Europa, Ásia e África. Aqui, foi usado o nome "Gavião" apenas para facilitar a assimilação e leitura. (N. do T.).

135 Sem dúvidas, se trata de uma história adaptada e, provavelmente, trazida da Europa. Pois reis, rainhas, palácios e outras coisas parecidas eram, é claro, desconhecidos para os povos Filipinos antes da chegada dos espanhóis..

136 O suco fermentado do coco.

137 Esta história tem uma semelhança marcante com o conto de fadas dos Irmãos Grimm chamado "A Mesa, o Burro e o Bastão".

138 Essas histórias visayanas refletem crenças antigas cobertas com uma camada de ideias europeias. Eles ainda mantêm superstições antigas, não porque tenham raciocinado sobre elas, mas pelo fato que os seus ancestrais acreditavam e transmitiram-nas para eles em histórias como essas.

139 Uma história explicativa muito antiga; ela, também, é encontrada com uma forma ligeiramente variada em outras partes das Ilhas.

140 Aqui, temos um tipo antigo de história para explicar de onde vieram os macacos.

141 Na época, uma moeda espanhola com o valor de meio centavo.

142 *Cavan* é uma unidade de medida utilizada nas Ilhas Filipinas, especialmente, no contexto agrícola para medir quantidades de grãos. Um

cavan equivale a cerca de 50 quilos de arroz, então a metade de um *cavan* seria aproximadamente 25 quilos. Embora o *cavan* tenha entrado em desuso em grandes centros urbanos, algumas regiões rurais ainda a utilizam para pesar seus produtos alimentícios. (N. do T.).

143 O nome *Mansumandig* também pode ser interpretado como “aquele que resiste” ou “aquele que se mantém firme”. Em várias línguas austronésias, os prefixos “Man-” geralmente indicam uma ação ou um estado de ser, enquanto “sumandig” se relaciona à ideia de apoio, resistência ou permanência. (N. do T.).

144 Introduzido durante o período colonial espanhol, o peso passou por várias mudanças até se tornar a moeda moderna do país. É emitido pelo Banco Central das Filipinas (*Bangko Sentral ng Pilipinas*), com notas e moedas que apresentam figuras históricas, como heróis nacionais e símbolos culturais. O peso filipino é dividido em 100 centavos ou cêntimos. Com o tempo, a moeda passou por ajustes de design e segurança para refletir a identidade nacional e atender às demandas econômicas. (N. do T.).

AGRADECIMENTOS

Adriana Vicente Cardozo da Silva, Adriano Schramm Gomes de Moraes, Alan Ramos, Alec Silva, Alessandra Scangarelli Brites, Alex André (Xandy Xandy), Alex Victor de Lima, Alexander Gieg, Alice Cunha Farias Oliveira, Alícia Sciammarella, Aline Cristina Moreira de Oliveira, Allan Felipe Fenelon, Amadeu Furtado, Amanda Figueiredo Reges, Amanda Marques Pardino, Ana Carolina Borges Valadares, Ana Frischen, Ana Gabriela Barbosa, Ana Paula Brachak de Almeida, Andre “Russo” Moreira, André Franciosi, André Pacheco Bartholomeu, André Seffrin Nascimento Pinto, Anna Carolina S. C. Doro, Ariadne Erica Mendes Moreira, Arnor Licurci, Arthur Magalhães Fonseca, Aryane Rabelo de Amorim, Augusto Valentini Schmitt, Barbara Molinari, Beatriz Lyra Santos, Berenice Thais Mello Ribeiro dos Santos, Blume Stray, Bratja, Breno Ribeiro, Bruna Florencio do Amaral, Brunno Marcos de Conci Ramírez, Bruno Belloc Nunes Schlatter, Bruno de Oliveira, Bruno Magalhães Clemente, Bruno Nalio Costa, Bruno Rodrigo Arruda Medeiro, Camila Carvalho dos Anjos, Camila Maria Campos da Silva, Camila Miguel, Carlos Alexandre Brasil, Carlos Alexandre Lucas, Carlos Thomaz do Prado Lima Albornoz, Carolina Dantas

Nogueira, Carollzinha Souza, Catarina S. Wilhelms, Cinthia Gabrielle Alves do Nascimento, Cintia Daflon, Clara Monnerat, Claudio Gonçalves Tiago, Claudio Silva de Menezes Guerra, Cristina Belotserkovets Heinrich, Cybelle Saffa da Cunha Pereira Soares, Daniel da Silva Lemos, Daniel Hachiya de Oliveira, Daniel Medina, Daniel Renattini, Daniela de Oliveira da Silva, Daniela Nascimento da Silva, Débora Cristina Dal Prá, Déborah Dias Pimenta, Deivison da Silva de Arruda, Diego José Ribeiro, Diego P. Soares, Diogo Gomes, Diogo Vasconcelos Barros Cronemberger, Dionatas Menezes da Mota Cruz, Eduardo Kraemer Góes, Elbes Lessa Citeli, Elis Mainardi, Elizabete Cristina, Emmanuel Carlos Lopes Filho, Eric Mikio Sato Peniza, Evelyn Gisele Nascimento, Fábio Augusto, Fábio Lagemann, Fabio Oliveira de Freitas, Fadia Rodrigues Samra, Felipe de Paulo, Felipe Pessoa Ferro, Felipe Reis Bernardes, Fernanda Barão Leite, Fernanda Felizardo, Fernanda Leoncio de Sousa, Fernando da Silveira Couto, Fernando H. Kayser, Franciny Marques Gastaldi, Gabriel Leones, Gabriela Araújo, Geovani Anacleto da Silva, Gian Paolo La Valle Reale, Giovanna Alves Martins de Souza, Giovanna Beatriz, Giovanna Romiti, Glaudiney Moreira Mendonça Junior, Gloria Maria Pereira de Souza, Gustavo Cassiano, Gustavo Gindre Monteiro Soares, Gustavo Leão, Heclair Pimentel Filho, Heidi Soraia Berg, Helil Neves, Heloísa Carneiro Pires, Henrique Cesar Lemos Jucá, Henrique Luiz Voltolini, Honório Gomes, Icaro Gonçalves Barbosa, Illyana Barbosa, Isabel de Morais Máximo, Isadora Serafim Araújo, Ivana Camillo da Silva, Izidio Junior, Jade Martins Leite Soares, Janine Pacheco Souza, Jaqueline Borchardt Felix, Jaqueline Matsuoka, Jean Luca Vedovato dos Santos, Jenifer Taila Borchardt, Jéssica Bellini, Jessica Torres Dias, Jhonatan Cardoso de Medeiros, João Mateus Fagundes, João Pedro Martins Senise, Joao Pedro Matias Barata, João Vítor de Lanna Souza, Jonas Francis Cabral, Jordy Héricles, José Armando Cossa Louzada, Jose Manoel Martins, José Mauro dos Santos, José Sotrati Junior, Joseane Baratto,

Juliana Monteiro de Barros, Juliana Puppim Duarte, Juliana Salmont Fossa, Juliana Soares, Kaio Cristian Costa Porto de Magalhães, Karina A. Okamoto, Kawann de Souza Martins, Laura Seine Vargem dos Santos, Leonardo Rafael de Araujo Zaromski, Leonardo Tondato, Letícia Albuquerque, Leticia Cattani, Letícia Prata Juliano Dimatteu Telles, Lobo Mauro, Lorena da Silva Domingues, Lorena Lis Nolêto, Lorena Silva Arcanjo Soares, Lua Bueno Cyriaco, Luana Diehl Severo, Luana Muzy, Lucas Alves da Rocha, Lucas de Souza, Lucas Martins da Silva Lino, Luciana Harada, Luiz da Conceição Alcobia, Luiz Felipe I. Migliorança, Luiz Fernando Andrade, Luiz Fernando Cardoso, Luiz Melki, Luiz Paulo Gregorio de Moraes, Luiza Nunes Corrêa, Luiza Pimentel de Freitas, M.lia, Manuela Mariana S. Ticianel, Marcel Gaston Nogueira, Marcelo dos Santos da Silva, Marcelo Gabriel da Silva, Marco Antonio Bonamichi Junior, Marco Antonio da Costa, Marco Antonio de Toledo, Marcos Nogas, Marcos Roberto Piacieski da Cruz, Marcos Souza Ferreira, Maria Eduarda Moraes Meneses, Maria Fernanda Balazs, Maria Inês Farias Borne, Maria Julia Berriel Soares Ruiz, Maria Paula Villela Coelho, Maria Salet Ferreira Novellino, Mariana Bricio Serra, Mariana Carolina Beraldo Inacio, Mariana J. J. Freire, Mariana Miranda Lessa, Mariel Rodrigues Vieira Perez, Mário A. C. Canto, Mário Jorge Lailla Vargas, Mateus Cruz, Mateus Vacelli Spina, Math Cordeiro, Mauricio Simões, Milena Ferreira, Miller de Oliveira Lacerda, Moab Agrimpio, Murilo Adriano Correa de Vasconcellos Dias, Murilo Lobato, Murilo Moura Sarno, Nádia Medeiros Pereira da Silva, Nani Araujo, Nathalia de Lima Santa Rosa, Nelson Brito Moreira, Nicolás Liotto, Nilson Soares, Óliver de Lawrence Meira de Souza, Omar Geraldo Lopes Diniz, Oracir Alberto Pires do Prado, P. R., Patricia Akemi Nakagawa, Patrick Wecchi, Paulo Cezar Mendes Nicolau, Paulo Maria Teixeira Lima Filho, Paulo Vítor Balakdjian Boaventura, Pedro Henrique Vasques, Pierre Ferraz, Polly Caria Lima, Preguinho Esteves, Priscila do Prado Soares, Rafael Castro, Rafael Leite Mora, Rafael

Machado, Rafael Purim de Azevedo, Rafael Romero Vasquez, Rafaela Santiago G. Braga, Raissa Smirnov, Ramon de Freitas Rodrigues, Rebeca Santos, Regina Andrade de Souza, Ricardo Abdou, Ricardo Antonio Megger, Ricardo Fernandes de Souza, Ricardo Urbano, Rita Cássia de Marco, Rita de Cássia Melo Castro, Robert Morais Thompson, Roberto Guidotti Tonietto, Rodolfo Gomes Alcântara, Rogério Barbosa, Rosa Mitie Shimura Kawaushi, Rubens Junior, Ruth Danielle Freire Barbosa Bezerra, Sabrina de Lucena Roque Pereira, Samuel Augusto Sobrinho, Sandra Pereira, Saullo Pontes, Sonia Aparecida Speglich, Stefania Dallas G. B. Almeida, Stella Noschese Teixeira, Suellen Souza Gonçalves, Taki Okamura, Tales de Azevedo e Vasconcellos, Tânia Maria Florencio, Tati Hirata, Tatiana Tomiosso, Tatsatom Gonçalves, Terezinha de Jesus Monteiro Lobato, Thainá Neri, Thais Cima, Thais Terzi de Moura, Thales Pastre, Thélío Farias, Thiago Carvalho Bayerlein, Thiago Massimino Suarez, Tiago Costa Thuin, Tiago Martins Menon, Úrsula Antunes, Valéria Coutinho Pereira, Valter Costa Filho, Vamberto Junior, Verona Aguiar, Victor Almeida, Victor Cruzeiro, Victor Fernando Conti, Vinícius Dias Villar, Viviane V., Vivianne Franca, Wandelarkson Alberto Santos, Willane Paiva de Souza, William Hidenare Arakawa, William Ribeiro Leite, Witold Nagorski Neto & Zulmira Lacava.

Laboralivros

editora.laboralivros.com

Sumário

1. [Apresentação](#)
2. [Prefácio](#)
3. [Aponibolinayen e o Sol](#)
4. [Aponibolinayen](#)
5. [Gawigawen de Adasen](#)
6. [A história de Gaygayoma que vive no céu](#)
7. [A história de Dumalawi](#)
8. [A história de Kanag](#)
9. [A história dos tikgi](#)
10. [A história de Sayen](#)
11. [O Sol e a Lua](#)
12. [Como os aprenderam a plantar](#)
13. [Magsawi](#)
14. [A árvore com miçangas de ágata](#)
15. [O cobertor listrado](#)
16. [A alan e os caçadores](#)
17. [O homem e as alan](#)
18. [Sogsogot](#)
19. [Presentes por engano](#)
20. [O menino que virou uma pedra](#)
21. [A tartaruga e o lagarto](#)
22. [O homem com os cocos](#)
23. [O carabao e a concha](#)
24. [A fruta do jacaré](#)
25. [Dogedog](#)
26. [A criação](#)
27. [A história da enchente](#)
28. [Lumawig na Terra](#)
29. [Como a primeira cabeça foi tirada](#)
30. [A águia-serpente](#)
31. [Os homens tatuados](#)

32. [Tilin, o pássaro de arroz](#)
33. [Como a lua e as estrelas vieram a existir](#)
34. [A história da enchente](#)
35. [Magbanga](#)
36. [Como as crianças viraram macacos](#)
37. [Bulanawan e Aguió](#)
38. [Origem](#)
39. [Lumabet](#)
40. [A história da criação](#)
41. [No começo](#)
42. [Os filhos dos limokon](#)
43. [O Sol e a Lua](#)
44. [O filho da viúva](#)
45. [O mito de Mindanau](#)
46. [A história de Bantugan](#)
47. [O macaco e a tartaruga](#)
48. [O pobre pescador e sua esposa](#)
49. [O presidente que tinha chifres](#)
50. [A história de um macaco](#)
51. [A abóbora branca](#)
52. [A história da criação](#)
53. [A história de Benito](#)
54. [As aventuras de Juan](#)
55. [Juan coleta goiabas](#)
56. [O Sol e a Lua](#)
57. [O primeiro macaco](#)
58. [A virtude do coco](#)
59. [Mansumandig](#)
60. [Por que os cachorros abanam suas caudas](#)
61. [O falcão e a galinha](#)
62. [A aranha e a mosca](#)
63. [A batalha dos caranguejos](#)
64. [Notas](#)
65. [Agradecimentos](#)